



## 02 Nem cachimbo nem caricatura

Tal como o cachimbo do pintor René Magritte não é um cachimbo, mas apenas uma interpretação do cachimbo representado, também o que vemos, o que ouvimos e o que vemos nos meios de comunicação social é da ordem da representação e carece de ser percebido como tal. As palavras são de Manuel Pinto, da Universidade do Minho e reflectem o chamado problema da crise das caricaturas de Maomé, num texto subordinado ao título "Isto não é uma caricatura".

## 07 Rádio perde toda a poesia

A informação em rádio deveria ser uma espécie de "oficina de poesia"; mas já não é para os milhares e milhares de meninos e meninas que no carro, todas as manhãs, a caminho dos jardins de infância, no trajeto da periferia para o centro, ouvem notícias que não deveriam ser as que lhes interessam nem são mediadas de forma adequada às idades deles. Marta Campos de Quadros (Universidade de Passo Fundo) levanta a questão dos "ouvintes do banco traseiro".

## 31 Avaliar é formar ou é classificar?

Domingos Fernandes, da Universidade de Lisboa, lembra, na habitual rubrica "Do Secundário" que "nunca é demais afirmar que pouco há em comum entre dois sistemas educativos em que, num caso, a concepção predominante de avaliação é formativa (avaliação para as aprendizagens), para regular e melhorar, e, no outro, tal concepção é sumativa, para julgar e classificar. Uma reflexão que interessa aos alunos e aos professores, mas também aos demais parceiros da cidade educativa.



## 22 A vida quotidiana é mundo da Física

Regina Gouveia, professora e autora de livros para o ensino da Física, poetisa, comendadora da Ordem da Instrução Pública e prémio Rómulo de Carvalho (Sociedade Portuguesa de Física), diz que esta Ciência, pela sua ligação e importância à própria vida quotidiana, deveria ter outros e mais significativos apoios, até nas escolas. Em nome de uma urgente cultura científica e em nome de uma formação integral dos alunos.

# Mulher com "M" de mais

Há mais mulheres do que homens e elas também estão em maioria entre os mais letrados, entre os mais iletrados e entre os mais mal pagos. De menos só o acesso ao Poder e a cargos de chefia.

(ler dossier páginas 35, 36 e 37)



# 140 mil professores desempregados

Estudo traça cenários pessimistas a médio prazo

(ler páginas 11, 12 e 13)





IE / FN

**Quando somos capazes de ir além da indiferença ou da revolta; quando somos capazes de fazer do que nos incomoda tema de reflexão; quando nos tornamos aptos no domínio da gramática da imagem; quando comparamos as versões sobre o que nos dizem e mostram; quando procuramos informação recorrendo a vias alternativas – por aí passamos a fronteira que nos abre as portas da consciência e da cidadania.**

## “Isto não é uma caricatura”

Com a crise das caricaturas de Maomé por fundo, escrevo apanhando de raspão, para efeitos de análise, um aspecto da polémica. Se olharmos para trás, teremos forçosamente de reconhecer: é obra! Como é que meia dúzia de desenhos mal “cozinhados” originam um berbicacho dos grandes, à escala planetária (os Estados Unidos da América só ficaram de fora porque já têm fogueira suficientemente abrasadora, com o vespeiro criado no Iraque)?

Claro que as caricaturas (os “cartoons”) foram apenas o pretexto. Ou, se quisermos, o rastilho. Todo o terreno estava mais que pronto para o incêndio. Mas, ainda assim, é necessário reconhecer este poder das imagens (e, por arrastamento, dos media que as publicaram e republicaram) para provocar a ira e a violência entre os muçulmanos.

O mundo está perigoso, como temos vindo a observar. E não podemos fazer de conta que não é nada connosco. Contudo isso não é motivo para atitudes tipo “carpe diem” que não olham para lá da linha do horizonte ou que, pior ainda, se refugiam num passado mitificado. A leitura crítica dos media é pre-

cisamente uma dessas vias a percorrer. E decisiva, aliás. Porque o mundo que nos é pintado precisa de ser entendido não como o mundo propriamente dito, mas como uma (ou, desejavelmente, várias) propostas de olhar para esse mundo.

Vem-me à mente aquele quadro pintado em 1929 por René Magritte, no qual aparece, luzidio, um bonito cachimbo e, como legenda, esta frase desconcertante: “Ceci n’est pas une pipe”. Como recordava recentemente o autor mexicano Mário Campos, era intenção do pintor alertar para aquilo que, bem vistas as coisas, deveria ser óbvio: as pinturas, por mais realistas que sejam, não passam de interpretações e não são, nem podem ser, as coisas representadas. Magritte explicou: “Fartaram-se de me criticar por isso. Mas [a minha pergunta era:] será que se consegue encher o cachimbo? Não, claro, visto que se trata de mera representação. Se acaso tivesse colocado a legenda ‘Isto é um cachimbo’, teria escrito uma mentira”.

Tudo o que lemos, tudo o que ouvimos, tudo o que vemos nos meios de comunicação social – também neste jornal – é da ordem da representação. Carece de ser percebido como tal. Isso não tira necessariamente força aos textos, aos sons e, sobretudo, às imagens – mas relativiza-os. Vejamos o caso do cinema, por exemplo. Bastaria pensar no facto de, com frequência, um filme condensar em duas horas, histórias que duram meses ou anos e representar em escassos segundos viagens que demorariam, na vida real, largas horas ou até dias. Também as notícias de um dia resultam de processos de selecção (que deixam de lado, bem ou mal, muito mais do que aquilo que elegem para nos informar), de ângulos específicos de abordagem, de escolhas na ordenação e no destaque. Podem ser equilibradas, rigorosas, completas. Mas nunca deixarão de ser perspectivas. Nunca serão “o que se passou no país e no mundo”.

Voltando às caricaturas: o seu poder reside no facto de suscitarem significados de uma forma simples e quase imediata. Dizem, de chofre, o que não diriam muitas palavras e frases. Mas também as palavras ditas podem ser mortais e “blasfemas”. Escrevo no momento em que o embaixador do Irão em Lisboa dá uma entrevista à Antena 1 pondo em causa o extermínio nazi dos judeus. São declarações obscenas e insuportáveis. Mas a arte e o desafio residem precisamente em não nos acomodarmos com o que vemos, ouvimos e lemos.

Quando somos capazes de ir além da indiferença ou da revolta; quando somos capazes de fazer do que nos incomoda tema de reflexão; quando nos tornamos aptos no domínio da gramática da imagem; quando comparamos as versões sobre o que nos dizem e mostram; quando procuramos informação recorrendo a vias alternativas – por aí passamos a fronteira que nos abre as portas da consciência e da cidadania.

Quando somos capazes de ir além da indiferença ou da revolta; quando somos capazes de fazer do que nos incomoda tema de reflexão; quando nos tornamos aptos no domínio da gramática da imagem; quando comparamos as versões sobre o que nos dizem e mostram; quando procuramos informação recorrendo a vias alternativas – por aí passamos a fronteira que nos abre as portas da consciência e da cidadania.

Com a guerra das caricaturas iremos ficar a conhecer melhor a linguagem dos “cartoons”? A apreciar e avaliar a liberdade de expressão? A compreender melhor as razões do “outro lado”? Ou aceitaremos, mudos e quedos, as declarações de guerra que se começam a ouvir? Será este mais um “caso” destinado a ser engolido pelo caso seguinte?

Erva moira

### Parar um instante a ler poesia

A olhar a fachada do Hotel Puerta America, em Madrid, a Liberdade. You are welcome to Puerta America. Negligentemente deixo cair todos os meus apontamentos poéticos, incluindo um, de Blaise Cendrars, sobre a Páscoa em Nova Iorque, e fico a olhar para cima, como quem olha para uma catedral gótica. Picharam a Liberdade, de Paul Eluard, na frontaria de um hotel de cinco estrelas e de muitas mais “stars” da arquitectura e das artes plásticas. Quem diria. Terá esta Puerta um telhado e um tecto que deixe trespassar uma gota de chuva?

Escrevo nas costas de um não muito velho poemário da Assírio & Alvim, que data do ano 2000, e pergunto-me, ainda com Puerta América no olhar, há quanto tempo não páro um instante para ler poesia? “E de súbito neste penoso lugar nenhum, de súbito surge // o sítio invisível onde a pura escassez // incompreensivelmente se transforma – dá o salto // para esse excesso vazio. // Onde sem números // se abre a conta de muitas parcelas”. Rilke, Rainer Maria, como seria nomeado se os poemários se travestissem de páginas amarelas, como uma frontaria de um hotel de luxo.

Luxo? Luxo é a poesia, ao fim de 28 anos de prosa e de pena maior, mesmo quando recuperada em suporte nobre e luminoso, a fazer de papel de parede impermeável na fachada de um hotel de cinco

estrelas. Eluard está a rir às gargalhadas. A sua Liberdade encarece a noite, continuando a ser uma promessa e uma tentação.

De súbito a noite fica mais fria. Os companheiros desta aventura continuaram a descer a avenida sem reparar que eu tinha ficado, especado, a ler poesia na noite de Madrid. E o porteiro da Puerta América passou a ver-me com outros olhos e nada interessado em saber há quanto tempo não páro um instante para ler poesia.

A Liberdade na fachada não garante uma tertúlia poética na recepção. Ou será que aquele senhor que leva os “vitons” do cliente que acabou de chegar é um heterónimo desconhecido das melhores antologias poéticas de Madrid e de toda a Península?

Júlio Roldão  
Jornalista, em Madrid

**O desinvestimento dos professores é proporcional à falta de perspectivas profissionais. É necessário apresentar novas perspectivas para o desenvolvimento da escola e da profissão. Pedir aos professores que centrem a sua atenção na ocupação dos tempos livres dos alunos não reforça, antes destrói, a perspectiva profissional. O resultado é o aumento da frustração profissional e pessoal dos professores e a manutenção da baixa aprendizagem dos alunos. Hoje os professores não andam animados e, mais do que zangados, andam, tal como os alunos, cada vez mais aborrecidos. As autoridades têm de sentir a urgência de alterar esta situação pantanosa e de relançar o processo educativo em Portugal.**

«Foi difícil no início organizar os horários dos professores na componente não lectiva. Mas agora está tudo a correr bem. Todas as escolas do 1.º ciclo [oito] funcionam com o prolongamento de horário. O inglês abrange 100 por cento dos alunos. Dois professores do 2.º e 3.º ciclos vão por sua vontade ao 1.º ciclo para organizar um grupo de jogos tradicionais», afirmou aos jornalistas a presidente do Conselho Executivo do Agrupamento de Escolas de Alapraia, quando da visita do Primeiro Ministro José Sócrates no final de Fevereiro.

«Agora está tudo a correr bem», afirmou a professora Maria da Luz. Estará mesmo a correr tudo bem? Está a correr tudo bem em função de que objectivos atribuídos às escolas portuguesas? Se o objectivo é entreter os meninos, no interior do espaço escolar, durante o maior tempo possível, então, é capaz de estar a correr tudo bem pelo menos em Alapraia. Mas será destas coisinhas que a escola e a sociedade portuguesa precisam?

As medidas voluntaristas tomadas pelo ME estão a privilegiar a escola a tempo inteiro descurando a necessidade de elevar a qualidade das duas vertentes a que devia obedecer a nova educação, a escolar e a «educação social». Mas estas medidas têm a virtude de nos convocar a todos a discutir como

das crianças «ensinando-lhes» formação rodoviária ainda que esta possa ter alguma coisa a ver com a física. O mesmo se diga para o corpo de educadores-especialistas nas áreas da «educação social». Peça-se ao músico que ensine música, ao encenador que forme para o teatro, ao técnico de saúde que eduque para a saúde, não se peça ao bailarino que acompanhe os «deveres» de matemática. Quer aos professores quer aos educadores sociais pede-se que estudem mais, que gastem tempo em investigação-acção e que tenham a capacidade de despertar nos alunos que lhes cabe ensinar o gosto pelo saber.

Pais, mães e professores sabem que, actualmente, na escola pública, na área social, não se aprende nada a sério. Os pais que querem dar aos filhos alguma formação extra-escolar a sério sabem que têm de procurar o sector privado. É por isso que os filhos dos que têm algum dinheiro podem aprender a tocar violino os outros aprendem, na escola pública, quando muito, a bater com um pau num tambor. O que se defende é que as aprendizagens não escolares mereçam consideração séria da parte do sector público, recusando que elas sejam amalgamadas na escola com as actividades escolares e dependentes do voluntarismo, da caridade e de eventuais tempos mortos dos professores. Todos os cidadãos têm direito e necessidade de aprender ao longo da vida outras coisas para lá do contemplado nas disciplinas escolares. Música, teatro, dança, educação para a saúde, educação sexual, património, educação cívica e política, etc., etc., fazem parte da «educação social» que, numa sociedade democrática, o sector público deve disponibilizar às crianças, jovens e, porque não, aos adultos, contratando para isso profissionais competentes.

O sector público — a partir do local — deve organizar essa oferta de formação, mas ela, podendo, não tem de ocorrer necessariamente só no interior das escolas. Confinar as crianças a dez ou doze horas de permanência no mesmo espaço físico nem sequer é socializador e educativo. Importa assim dotar os nossos espaços comunitários de equipamentos e de meios humanos capazes de acolher e promover uma educação social de excelência.

O Ministério da Educação está a fazer o mais fácil. Não promove nem exige a excelência do ensino e brinca à educação social, promovendo o faz de conta educativo. Ora faz de conta é o que nós temos há demasiado tempo quer nas aprendizagens disciplinares quer na «educação extra-escolar». E são esses faz de conta que é preciso ultrapassar. Exige-se profissionalismo na definição de objectivos para o ensino e para a «educação social». E, definido o que compete a cada um, é pedido o máximo profissionalismo quer aos professores quer aos futuros educadores sociais. A clareza de objectivos, o respeito pelas funções, os métodos e os espaços de cada um, a exigência de responsabilidade por parte de todos, pode promover o reinvestimento profissional dos professores, dar sentido profissional aos educadores sociais, e melhorar a educação dos nossos alunos e da população portuguesa na sua globalidade.

# Os ricos aprendem a tocar violino os outros a dar pancada num tambor

melhorar o ensino escolar e em que, como, onde, com quem se deve apostar na «educação social».

Tendo em conta as mudanças ocorridas nas nossas sociedades, o sistema de ensino tem de ser repensado e, se possível, reinventado. À medida que a sociedade se foi tornando mais complexa, foi para a escola que se encaminharam todas as obrigações, não só de ensinar tudo mas também a de ser quase a única entidade socializadora das novas gerações. É preciso parar e dizer que a escola não funciona nesta amálgama de funções. É preciso entregar a educação escolar (ciências, tecnologias e artes) a uns e a «educação social» a outros. É preciso que o novo sistema de ensino se entenda com estes dois braços e que ambos sejam dotados das condições para desempenharem as suas funções com verdadeira qualidade. O objectivo de todos deve ser o de transformar o sistema educativo de modo a que ambas as componentes, a escolar e a social, sejam de excelente qualidade.

Para que isso aconteça é importante dispor de dois corpos de profissionais, os professores e os educadores sociais. Todos com formação de excelência nos seus campos de intervenção. Os professores não podem dispersar-se nem podem ensinar o que não sabem nem é suposto saberem. Exige-se mais profissionalismo e menos voluntarismo. As autoridades educativas devem fomentar e exigir profissionalismo e não promover o amadorismo. É suposto que a professora de física seja excelente no ensino da física e que obtenha resultados de excelência, não se lhe pode pedir que, ao mesmo tempo, ocupe o tempo



José Paulo Serralheiro

Ao Congresso do Desporto, organizado pela Secretaria de Estado da Juventude e Desporto, que findou no passado dia 18 de Fevereiro, apresentei a seguinte proposta:

1. Um Desporto que não seja apenas uma actividade física, mas também consciencializada por problemas sociais e políticos. Os efeitos preventivos e curativos da motricidade humana, na forma de jogo e desporto, no que respeita a diversas patologias, são indiscutíveis. Só que uma abordagem sistémica do Desporto atribui grande importância ao esforço físico, mas não esquece que o ser humano só se realiza, para além do físico, tendo em conta a complexidade humana que é corpo-mente-desejo-natureza-sociedade.
2. O Desporto deve considerar a questão dos valores. "Os valores do mercado penetraram em sectores da sociedade a que anteriormente presidiam condições de não mercado" (George Soros, "A Crise do Capitalismo Global", Temas e Debates, Lisboa, 1999, p. 105). Ora, a vocação do Desporto é ética, antes do mais. O Desporto (repito-me) não radica, unicamente, em princípios biológicos, como cartesianamente se pensou. O ser humano é um animal político... até a fazer desporto!

Desporto estão ultrapassados e há, neles, novos saberes a estudar. O Desporto, quando é só uma actividade física, transforma-se normalmente num espaço onde normalmente despontam pessoas acéfalas e acrílicas. O que pode acontecer com os programas das aulas de Educação Física, no Ensino Secundário.

5. Substituição, no Básico e no Secundário, da disciplina de Educação Física, pela de Educação Desportiva que integraria, administrativamente, a Educação Física e o Desporto Escolar. E digo administrativamente porque, conceptualmente, tudo deveria repensar-se. Se as aulas de Educação Física se resumem a prática desportiva (sabem o que resta de uma aula de Educação Física sem uma bola? Quase nada!); se é do conhecimento generalizado que estas aulas não educam físicos, mas pessoas em movimento intencional – a Educação Física "desportivizou-se" e, portanto, até aqui deixou de existir! Por outro lado, atendendo ao carácter educa-



IE / FN

3. "Método e teoria são interdependentes. A metodologia, por simples ou básica que seja, depende de um conjunto de supostos teóricos. Por exemplo, a recolha de dados sobre o desporto requer (...) uma definição de desporto de modo que, antes do mais, ela esteja presente em tudo o que se faz. Sem esta orientação conceptual, não há parâmetros, nem fronteiras, nem limites" (Kendall Blanchard y Alice Cheska, "Antropologia del Deporte", ediciones bellaterra, s.a., Barcelona, 1986, p. 43). Para mim, o Desporto, como motricidade humana e como moral em acção, é epistemologicamente um dos aspectos de uma nova ciência humana e politicamente que visiona o nascimento de um novo socialismo, que se confunde com uma democracia participativa e uma economia distributiva.
4. "O jogo é menos um divertimento que uma atitude fundamental e mesmo específica da existência humana (...). Com efeito, como já o mostrou Huizinga, quase tudo é jogo na existência humana" (Nicolas Grimaldi, "Traité de la banalité", PUF, Paris, 2005, pp. 155/156). Se quase tudo é jogo na existência humana, o jogo (e por extensão o desporto) tem a ver com quase tudo o que é humano. Daqui se infere que os currícula dos cursos de Ciências do

tivo do Desporto que, se for entendido como um dos aspectos de uma nova ciência humana, não tem par, no cotejo com as demais disciplinas, sugere-se a criação da Educação Desportiva como disciplina opcional em todos os cursos universitários.

Dizia Lenine que "nada é mais prático do que uma boa teoria". Assim, em nome de um Desporto e de uma sociedade diferentes, invoco a necessidade de uma Educação Desportiva que, em movimento intencional, se transforme numa educação problematizadora. Na escola, no clube, na reabilitação, na saúde em geral, no espectáculo, na universidade, o Desporto não pode destinar-se a adormecer as pessoas à recusa da sociedade injusta estabelecida. A revisão curricular das licenciaturas em Ciências do Desporto, acompanhada de uma crítica epistemológica, poderia ser o princípio da transformação que se anseia, em ordem à construção de um mundo novo.

## MEDICINA

### Descoberta nova célula imunitária para tratamento de tumores

Um grupo de investigadores franceses descobriu um novo tipo de célula imunitária que, activada através da combinação de dois medicamentos, ataca directamente os tecidos cancerosos. Estas células, chamadas IKDC (*Interferon producing Killer Dendritic Cell*), migram frequentemente para os locais onde se encontram os

tumores e são capazes de segregar uma substância chamada "interferon gamma", matando, desta forma, as células cancerosas. O "interferon gamma" é conhecido como um potente anti-angiogénico, ou seja, impede a formação dos vasos sanguíneos destinados a alimentar o tumor, provocando, assim, a sua regressão e morte.

Além disso, esta substância activa outras células do sistema de defesa imunitário e ajuda algumas delas (os linfócitos T, por exemplo) a reconhecerem as células cancerosas. De acordo com Laurence Zitvogel, investigador responsável pela descoberta, ela traz novas esperanças nas áreas do cancro, das infecções e dos transplantes.

Fonte: AFP

## Madeira aprova novo modelo de gestão escolar

A Assembleia Legislativa da Madeira aprovou (...) a proposta de alteração ao diploma regional sobre o regime de autonomia, administração e gestão das escolas públicas no arquipélago, chumbado pelo Tribunal Constitucional há quase três anos, mas ainda em vigor. O novo diploma (...) mantém vícios de ilegalidade do anterior decreto legislativo regional, pelo que o ministro da República deverá suscitar novamente a fiscalização da sua constitucionalidade e legalidade.

## Manuais devem ser revistos

Uma proposta de parecer do Conselho Nacional de Educação aconselha o Governo a rever e a alterar o anteprojecto de lei dos manuais escolares por considerar que a forma como está concebido suscita dúvidas. O parecer critica, por exemplo, a ideia de proceder a uma avaliação prévia dos manuais.

## Empresas desrespeitaram horas para formação

A esmagadora maioria das empresas não respeitou, em 2005, a lei que as obrigava a facultar um mínimo de 20 horas para formação profissional a pelo menos 10% dos trabalhadores", acusou (...) o secretário-geral da UGT. Este ano, o limite sobe para 35 horas anuais, que podem acumular com as não utilizadas no ano anterior.

## CGTP quer mais transparência

A CGTP reclamou (...) "transparência e rigor" na concretização dos projectos de investimento estrangeiro em Portugal anunciados pelo Governo. Segundo o secretário-geral da CGTP, Carvalho da Silva, é ainda necessário acautelar os seus eventuais impactos negativos em alguns sectores da economia.

## Escolas frequentadas por 81 mil alunos de outras nacionalidades

Em 2003/2004, 81.470 alunos estrangeiros ou cujos ascendentes pertenciam a outro grupo cultural/nacionalidade frequentavam as escolas portuguesas, do pré-escolar ao secundário. Acompanhando o aumento da presença de imigrantes no país, o sistema educativo viu o número de estudantes estrangeiros crescer em 15,7 por cento no espaço de quatro anos lectivos.

# A caixinha dos segredos



IE / FN

A lucidez dos reparos do Marcos ensina-me a traduzir o mundo em metáforas. É-me impossível dizer tudo o que nele julgo ler, mas busco a imperfeita transposição. E nada melhor que um neto, para aumentar os meus desconhecimentos e desteorizar a vida. Caio, porém, em pecadilhos, que o leitor atento já se apercebeu do estilo maniqueísta destes textos. Há sempre uma moral implícita e uma escola "ideal" e "alternativa" às escolas que ainda (infelizmente) vamos tendo, o que me obriga a fazer uma confissão: não se pense que a escola "ideal" que tenho em mente se comporta sempre como escola "ideal". São as pessoas que fazem as instituições e que as... desfazem. As escolas são habitadas por pessoas. Quem nos dera que, em certos dias, o não fossem!

Como dizia, tempos atrás, há dias em que o lado lunar produz tal impacto numa escola, que melhor fora que o dia nem tivesse começado. Há professores que ligam os seus "complicadores", e os jogos de poder, que considerávamos erradicados, emergem violentos. O negrume de sentimentos negativos invade os corpos e as almas, ensombra as horas, faz desejar ir embora dali... Mas, talvez porque os professores tenham um projecto (ou o que quiserem chamar ao que põe cimento nas causas comuns), logo surgem prenúncios da bonança que suaviza iras e amacia conflitos.

Se entendemos essa gramática nos adultos, houve um tempo em que os professores a apreenderam nas crianças. Há quase trinta anos, um episódio trágico deu que pensar aos professores dessa escola "ideal". Um aluno de uma escola próxima cometeu suicídio – eu sei que custa aceitar a ideia do suicídio na infância, mas a criança em causa, ao que pude apurar, há muito evidenciava comportamentos que poderiam ter sido sinais de alarme – e, reflexão após reflexão, chegou-se à conclusão de que todas as escolas devem estar atentas a pormenores. Era a Inês, que ficava fixava os olhos num ponto qualquer e se ausentava. Era o Júlio, que infligia a si próprio sofrimento, com qualquer objecto cortante que estivesse à mão. Era ainda o Vasco, que alternava súbitos gritos com longos períodos de prostração.

Nos encontros de fim de tarde, falou-se de desencontros, de falta de comunicação, de sofrimento e infelicidade infantil. O que, até então, poderia ser considerado tabu, passou a ser encarado como deficit de atenção. Não que aqueles professores andassem distraídos, mas que não se perderia nada em atentar em insignificantes significâncias...

Não tardou que a redobrada atenção desse frutos. A caixinha dos segredos (assim foi baptizada pelos alunos) passou a encher-se de mensagens de seres sedentos de diálogo.

Havia os que colocavam na caixinha papéis dobrados e bem colados, e escreviam por fora: "É para a professora F..." A professora lia: "Professora, a minha irmã mais velha tem um curso, mas não arranja emprego. Ao jantar, há sempre discussão. O meu pai diz que ela é uma preguiçosa e que na idade dela ele já trabalhava. Ontem, à noite, o meu pai levantou-se da mesa e atirou com o telefone à cabeça da minha irmã. Eu fugi para o meu quarto. Nem jantei. Não sei o que fazer. A professora pode ajudar-me?". As professoras ajudavam, discretamente, sem saber que começavam a esboçar o perfil de um professor-tutor. Havia as cartas de amor decoradas com corações e setas, umas mais longas, outras telegráficas: "Se gostas de mim, põe uma cruzinha à frente do "eu gosto de ti". Depois volta a pôr na caixinha dos segredos".

Feita a entrega das primeiras aos respectivos destinatários, os professores percorriam as salas, fazendo a entrega do correio sentimental. Mas não se pense que a redobrada atenção se resumia à actividade epistolar e aos encontros que dela decorriam. Nem um professor-tutor tem por vo-

cação ser mero confidente ou médico de almas. Os papéis de um professor-tutor vão mais além, ou nem sequer a sua missão passa por aí, porque, felizmente, a maioria das crianças são filhos felizes de famílias felizes. Por ora, direi que, um pouco mais atentos, os professores acharam dramas e medos até então ocultos. No afago sereno das palavras, devolveram aos pequenos seres a confiança perdida. E, quando pensavam estar a monda do sofrimento acabada, surgia novo motivo de preocupação.

O professor viu duas meninas, uma de cabeça pousada no ombro da outra, a outra passando a sua mão no rosto da companheira. Viu lágrimas no rosto desta. Aproximou-se. Seria, certamente, mais um arrufo de namoradinho, ou zanga de amigas...

— "Então, o que se passa?"

— "Ó professor, ela disse-me que, ontem, o pai dela se zangou com a mãe, e que dormiu no sofá da sala. Está muito triste e diz que não quer voltar para casa".

— "Deixa lá, pequena!" — disse o professor, para aligeirar, ao aperceber-se de que a aluna já tinha interiorizado um sentimento de culpa — "Quando chegares a casa, vais ver que os teus pais já estão de bem um com o outro! Os adultos são assim, miúda! Não te preocupes! Não fiques triste!

Esperava resposta da chorosa, mas quem lhe respondeu foi a que não chorava:

— "É, professor, eu também já lhe tinha dito que não vale a pena chorar. Os meus pais já não se falam, nem dormem juntos há dois anos, mas que eu já não me importo com isso. Quero lá saber!"

O professor ficou em confusão, sem saber se deveria condoer-se da menina chorosa, ou abraçar a que lhe respondera. Saiu dali, lesto, porque há ocasiões em que até um homem chora.

### DO PRIMÁRIO

José Pacheco  
Escola da Ponte,  
Vila das Aves

En las interpretaciones más convencionales de lo que preocupa y ocupa a la Ética, ésta suele presentársenos como una parte de la Filosofía con la que se busca fundamentar la moralidad de los actos humanos, o lo que viene a ser lo mismo, de aquello que hacemos al otro y con otros mediante nuestras acciones y omisiones. De ahí su justificación como una experiencia individual y social, coyuntural y cíclica a un tiempo, inseparable de las connotaciones biográficas e históricas que nos caracterizan como personas y sociedad.

De esta lectura se desprenden, al menos, dos cuestiones clave para la vida en común: por una parte, la necesidad de determinar quién es ese otro diferente a nosotros (lo que está en el origen de las teorías sobre los sujetos y objetos morales); por otra, qué podemos decir acerca de tales acciones y omisiones (lo que tiene como corolario un variado elenco de teorías sobre la acción moral). Por mucha complejidad que encierren, la trascendencia de las respuestas que se den a estas dos cuestiones genera pocas dudas. Sea cual sea el ámbito de la vivencia y experiencia humana a la que se refieran, siempre serán respuestas importantes para alguien.

El hecho mismo de sentirnos interpelados como agentes o destinatarios de lo que se determine, siempre va a situarnos en el centro (o en la periferia) de lo que se declare y haga, tanto desde una perspectiva individual –la ética, considerada en sí misma, es primariamente personal– como en sus representaciones colectivas, allí donde la ética se construye socialmente como un trayecto de encuentros y relaciones recíprocas, de consensos y tolerancias mutuas, de ciudadanías múltiples y diversas, de derechos y deberes que se armonizan. Mucho de los que venimos expresando coincide con lo que el filósofo lituano Emmanuel Levinas (1905-1995) y el pensador español José Luís López Aranguren (1909-1996), junto con otros autores, dieron en llamar “alteridad”, entendida como la relación del ser con el otro, de “mi relación con el otro” igual pero distinto, que incluye la capacidad ética de reconocerlo y responsabilizarme de quién es, de lo que hace o desea. Una alteridad, en cualquier caso, que además de ser una característica intrínseca de la ética, la recrea y afirma en sus esencias



IE / FN

# La alteridad pedagógica, extensión ética de la profesión docente

## ÉTICA e educação

José Antonio

Caride Gómez

hecaride@usc.es

Universidad de Santiago

de Compostela, Galiza

más humanas, aquellas que sin negar el poder de la razón acentúan el valor de las emociones y de la convivencia social en democracia. Para ello, nos dirá el biólogo y filósofo chileno Humberto Maturana (1928), hemos de enfatizar el sentido de lo humano, la legitimidad de la confianza en nosotros y en los otros, en las instituciones democráticas y en los cambios culturales, que pasan –aunque no sólo– por un cambio en las emociones. Porque cada vez que uno se emociona con el otro y lo respeta, obtiene respeto; del mismo modo que cuando acepta y estima al otro, obtiene aceptación y aprecio.

En un mundo que todavía no ha resuelto satisfactoriamente la tensión entre el yo y los otros, en el que se extreman las desigualdades, los egoísmos y la competitividad que traen consigo las luchas tribales de nuevo cuño y algunos de sus más visibles escaparates postmodernos (el fundamentalismo político y religioso; el consumismo a ultranza o la voracidad de los mercados financieros), pensar al otro y, más aún, ser con el otro, deviene en una aventura hartamente complicada y, si cabe, arriesgada. Y, sin embargo, es lo que justifica en sus más profundos significados el “magisterio docente” y, con su desempeño, la misión educadora como tarea que nos responsabiliza y compromete con quienes –niños, jóvenes o adultos– nos

abocan a lo que podríamos llamar alteridad pedagógica.

Esto es así tanto en cuanto pocas ocupaciones, como el magisterio o la enseñanza (podríamos añadir las que se ocupan de la salud, la justicia o la inserción social) tienen un sentido de la alteridad tan definido, y al tiempo tan sugestivo, como la profesión docente, al concretar en sus prácticas un derecho social básico para el reconocimiento de la “otredad”: la educación, cuyas carencias y fracasos –en principio del sistema educativo y de las escuelas, pero sobre todo de quienes transitan por ellas– aboca a los ciudadanos a padecer importantes déficits en el ejercicio de otros derechos (a la igualdad, la libertad, trabajo, ocio, etc.), a los que cercena en su ejercicio, empobreciendo o reduciendo seriamente las oportunidades vitales.

Con la educación no sólo se abren las puertas al entendimiento y a la sabiduría, combatiendo los males endémicos que acarrea la ignorancia. Más que eso, aún siendo mucho, también facilita el conocimiento y el reconocimiento de los otros que nos precedieron y con los que coexistimos, haciéndonos depositarios de saberes y competencias que amplían nuestra capacidad de relación con ellos y entre nosotros. No sólo en el plano material y técnico mejorando sustancialmente los desarrollos de la vida, también en las dimensiones morales y éticas que nos agrandan la comprensión y en la valoración del otro, con el-la que es posible el diálogo, la comunicación o la participación... virtudes pedagógicas con las que Paulo Freire – y, con él, una extensa nómina de educadores – fueron maestros en alteridad.

## NATUREZA

### Os papagaios são capazes de distinguir idiomas

As aves da família dos papagaios são capazes de imitar a voz humana e de distinguir o inglês do chinês, segundo uma experiência realizada por cientistas da Universidade de Keio, no Japão. A experiência, dirigida pelo professor de psicologia Shigeru Watanabe, consistiu em pôr os animais a ouvir gravações de contos tradicionais japoneses traduzidos para inglês e chinês.

Ouvindo primeiro a versão em inglês, os cientistas permitiam que os papagaios comessem. Depois, emitiam alternadamente as versões inglesa e chinesa e dei-

xavam o papagaio comer se ele pousasse no lugar correspondente à gravação em inglês. Em 75 por cento dos casos, as aves distinguiram correctamente o idioma. “Os seres humanos são capazes de distinguir idiomas, mesmo aqueles que não conhecem, a partir da entoação e da pronúncia”, explica o professor Watanabe, considerando que “estudar os traços comuns na estrutura cerebral das pessoas e destas aves poderá ajudar a esclarecer os mecanismos de reconhecimento da palavra”.

Fonte: AFP

12.02

### Há cada vez mais doutores imigrantes mas é difícil obter equivalências

Há cada vez mais imigrantes a chegar a Portugal com um curso superior, sobretudo os oriundos do Brasil, da Espanha e da Ucrânia. (...) O Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas fechou o gabinete para o reconhecimento de estudos, porque eram mais os problemas do que as soluções. O Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas promete vir a analisar o assunto, mas ainda não disse quando.

14.02

### Saldo positivo em 2005

A Segurança Social encerrou o ano de 2005 com um saldo positivo de 294,6 milhões de euros, um valor acima do previsto no Orçamento Rectificativo, que apontava para um défice de 108,6 milhões. Os cerca de 400 milhões de euros a mais resultam de cobranças e poupanças acima do esperado (...).

16.02

### Escolas passam a ter maior intervenção na protecção de menores

Os estabelecimentos de ensino vão ser chamados a ter uma maior intervenção nos casos de crianças em risco. Segundo anunciou (...) em Aveiro a secretária de Estado adjunta e da Reabilitação, Idália Moniz a tutela está a desenvolver um protocolo de colaboração com o Ministério da Educação no sentido de colocar um professor, "a meio tempo do horário lectivo", nas comissões de protecção de crianças e jovens locais.

16.02

### Cinco mil funcionários públicos vão substituir PSP e GNR nas esquadras

Cerca de cinco mil funcionários públicos deverão ser transferidos para as esquadras para executarem as tarefas administrativas que estão a cargo de agentes da PSP e da GNR. A intenção foi (...) manifestada pelo ministro da Administração Interna e será posta em prática caso resulte da reestruturação da administração central do Estado um quadro de excedentes de funcionários públicos.

17.02

### Alentejo perde 60 escolas do primeiro ciclo

Cerca de 60 escolas do primeiro ciclo do ensino básico no Alentejo vão encerrar no próximo ano lectivo, uma medida contestada por autarquias e populações, mas que a tutela justifica com a melhoria da qualidade educativa. (...) Os estabelecimentos que têm previsto o "fecho de portas", no âmbito do plano de reordenamento do parque escolar do Ministério da Educação, distribuem-se pelos distritos de Évora, Beja, Portalegre e litoral Alentejano.



IE / FN

# Atenção! Crianças escutando no banco traseiro.

"Por que os países ricos não querem mais ajudar os palestinos?"; "O Lula é um bom presidente para o Brasil?"; "Acho que o presidente Bush tem cometido muitos erros..."; "Fico triste em pensar nas pessoas do Paquistão e de New Orleans. Os homens deviam pensar mais no futuro de todos"; "Como as mães podem jogar seus filhos fora?"(1). Ultimamente tenho sido interpelada por falas deste tipo em diferentes lugares e situações e penso que qualquer pessoa as imaginaria sendo enunciadas por adolescentes ou, até mesmo, por adultos. Minha inquietação, como educadora e jornalista, entretanto, refere-se ao facto de que elas têm sido ditas por crianças, de várias nacionalidades, geralmente com idades que variam entre 4 e 9 anos, em diferentes países e contextos. Ao indagar qual a fonte de informação destas crianças sobre estes temas, as mesmas, quase invariavelmente, têm respondido que escutam no rádio. Sua experiência de escuta radiofônica se dá durante os deslocamentos de carro com os pais, pois com a intensificação da proteção à vida nas sociedades governamentalizadas

contemporâneas, as crianças têm estado cada vez mais presas aos acentos traseiros dos automóveis familiares e, aí, disponíveis como audiência. A maioria delas identifica, inclusive, a emissora e o horário em que ouviram tal ou qual informação. Conhecem "de ouvido" os locutores, os produtos ofertados na comunicação publicitária, os jingles, as músicas mais "tocadas", etc.

Diante destas informações que invadem meu cotidiano tenho refletido sobre o rádio como um dispositivo midiático de caráter pedagógico que integra a cultura da mídia e diariamente fornece uma espécie de "receituário" de condutas e um "catálogo" de identidades (Quadros, 2005). Através das narrativas informativas – mais comumente identificadas como as notícias, as reportagens, a previsão do tempo, a "hora certa", os spots e os jingles –, bem como das músicas que veicula, o rádio coloca em circulação discursos e representações.

O leitor/a poderá se perguntar: que relação tem estes aspectos com a cultura e com o cotidiano das crianças/estudantes? Minha resposta tem a ver com os questionamentos propostos por Costa (2005) sobre quem são os estudantes que estão chegando às nossas escolas, o que eles querem e o que vamos fazer com eles nas nossas salas de aula no sentido de considerar como elemento importante do processo educativo aquilo que trazem para a escola. O rádio tem sido considerado uma mídia que apóia as formas de mediação proporcionadas pela televisão, pela internet e pela mídia impressa. Contudo, esta observação inicial parece recolocar o rádio como objeto a ser considerado pedagogicamente pela escola, no âmbito da cultura.

Sei que cada mídia lança mão de seus atributos constitutivos a fim de alcançar o "endereço" desejado, mesmo que sem garantias absolutas, já que a seleção dos elementos que vão compor a identidade de cada comunidade imaginada de ouvintes ainda assim será mediada por culturas particulares. Nesse sentido, o rádio está colocando em andamento pedagogias e currículos culturais dentro e fora das instituições educacionais. Através de suas narrativas, estruturadas de acordo com as forças que regem a dinâmica comercial, política e cultural predominante no mundo contemporâneo, acaba por dizer a cada ouvinte sobre o que pensar e o que pensar sobre.

Tenho buscado localizar estudos que estejam pensando esta relação entre a criança e o rádio e não os tenho encontrado. As grandes corporações, todavia, já perceberam o seu potencial para a construção de uma determinada infância. A Disney Co. está trabalhando este aspecto desde o final dos anos 1990 e mantém, atualmente, uma emissora radiofônica via satélite com programação endereçada exclusivamente aos consumidores infantis. Não se trata de reproduzir o áudio de suas produções cinematográficas, mas de desenhar uma programação que dê conta deste novo consumidor de uma velha mídia. E nós educadores, o que estamos pensando sobre isto? É necessário ter atenção: há crianças escutando no banco traseiro!

#### Nota:

1) Esta fala se refere a um acontecimento recente no Brasil, quando uma mãe colocou seu filho dentro de um saco de lixo plástico e o jogou em um rio. A criança foi encontrada, passa bem e a mãe foi detida pelas autoridades para responder a processo.

#### Referências

COSTA, Marisa Vorraber. Quem são, que querem, que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. In: MOREIRA, Antonio Flávio; GARCIA, Regina Leite; ALVES, Maria Palmira (Orgs.). Cultura e política de currículo. Araraquara: Junqueira&Marin, 2006. (no prelo).

QUADROS, Marta Campos de. Contando histórias. Governando a vida: pedagogias do rádio informativo no cotidiano contemporâneo. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil. Canoas, ULBRA: 2005.

#### CULTURA e pedagogia

Marta Campos  
de Quadros

Jornalista, Professora da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo/RS Brasil. Doutoranda e pesquisadora do NECCSO.



IE / FN

O “novo mundo escolar” não subentende apenas os novos alunos oriundos de sectores da população portuguesa (e não só) beneficiados pela democratização escolar.

## O ensino secundário: alguns dados de um “novo mundo”

FORMAÇÃO  
e trabalho  
Manuel Matos  
mmatos@fpce.up.pt

Na sequência da colaboração anterior, onde tenho vindo a abordar algumas transformações que se vêm registando na população do ensino secundário, designadamente as que se traduzem no aparecimento de novas figuras de aluno, retomamos hoje a questão para relevar alguns dos efeitos dessas transformações, enquanto determinantes de um novo mundo escolar.

O “novo mundo escolar” não subentende apenas os novos alunos oriundos de sectores da população portuguesa (e não só) beneficiados pela democratização escolar. Mais do que uma “inovação” quantitativa, resultante duma significativa alteração dos fluxos demográficos de acesso à escola, o que verdadeiramente contribui para a definição deste “novo mundo escolar” é o aparecimento, em acelerado processo de consolidação, de uma cultura da responsabilidade individual do aluno que, face à heterogeneidade real desse mesmo mundo, só pode contribuir para uma verdadeira dramatização da vida escolar no seu conjunto.

A forma como se processa e aprofunda a interiorização dessa responsabilidade pessoal encontra o seu fundamento quase exclusivo na preocupação com o futuro, que ocupa uma grande centralidade na vida estudantil dos jovens de hoje.

No trabalho empírico de suporte à investigação realizada (inquérito auscultando uma amostra de 400 alunos de escolas secundárias do Porto e periferia), dos muitos itens indicados para questionar os jovens sobre o significado do seu estudo, o item que afirmava “estudo para garantir um futuro melhor” conseguiu um valor máximo de concordâncias ao nível dos 75%, (logo seguido de estudo para tirar boas notas, 63%) que traduz a sua razão instrumental.

A esta representação da responsabilidade pessoal pelo futuro que cada um carrega sobre si próprio tem vindo a associar-se de forma crescente a con-

vicção de que o trabalho pessoal é compensado e que o sucesso escolar no ensino secundário depende do esforço individual (quase 50% de respostas concordantes na sua máxima expressão (5 na escala de 1 a 5).

Estes itens vão no sentido de permitir sustentar a afirmação de que o ensino secundário tem-se vindo a revelar particularmente apto a desempenhar uma função de formação que ganha sentido à medida que o aluno, enquanto indivíduo, se reconhece como autor do seu próprio sucesso/insucesso escolar e, conseqüentemente, responsável pelo seu próprio destino.

A eloquência destes dados quanto ao poder de inculcação no sentido apontado parece tanto mais expressiva quanto os seus valores se afastam claramente de outros que visavam relativizá-los. Assim, por exemplo, o item “estudo para corresponder àquilo que os meus pais esperam de mim” obtém uma adesão máxima de 33% no ponto 4 da escala de 5 pontos.

Se tivermos em consideração que esta cultura, sob a ameaça do futuro, actua independentemente da “qualidade” dos alunos – os “maus” alunos reconhecem igualmente a sua “responsabilidade” na produção da sua qualidade – estaremos em condições de compreender quanto a política da diferenciação dos currículos de formação passa cada vez mais longe da justiça social. E - quem sabe? – invocando o nome dela com o aplauso das vítimas...

### VIOLÊNCIA ESCOLAR

#### Franceses consideram que a violência escolar tende a aumentar

De acordo com um recente inquérito realizado em França, 71 por cento do grande público e 68 por cento dos pais considera que nos últimos cinco anos a violência escolar teve tendência a aumentar. As mulheres consideram em maior número que o grau de violência aumentou (73% contra 67% dos homens), à semelhança de 82 por cento dos inquiridos com mais de 50 anos. As pessoas menos qualificadas (81%) têm a mesma opinião, por oposição a 54 por cento dos diplomados.

Além disso, 71 por cento do grande público e 88 por cento dos pais acha “uma boa medida” a sugestão apresentada pelo ministro da educação, Gilles de Robien, de os professores apresentarem queixa

em caso de agressão, e a maioria concorda igualmente com a existência de uma ligação permanente à polícia para o caso de ocorrerem problemas no interior da escola (71% e 74%, respectivamente). Finalmente, 59 por cento do grande público e 58 por cento dos pais considera que a violência na escola está, antes de tudo, ligada à “falta de autoridade dos pais”.

Fonte: AFP



## Desemprego sobe até 2008

De acordo com as previsões oficiais, o número de desempregados em Portugal vai continuar a aumentar, pelo menos até 2008, devendo ultrapassar a barreira do meio milhão no segundo semestre deste ano. A taxa de desemprego situar-se-á entre os 9 por cento e os 10 por cento, no final do ano — 1,3 pontos acima das metas inscritas no Orçamento do Estado.

## 21.02 Universidades portuguesas na cauda da Europa

Um estudo internacional sobre o «ranking» das cem melhores universidades europeias, realizado em 2005, não inclui qualquer instituição de ensino superior portuguesa. A Universidade de Lisboa só aparece no mapa, quando a lista atinge a avaliação dos 500 melhores estabelecimentos.

## 21.02 Desemprego real já está em 10,9 por cento contando com o subemprego

A taxa de desemprego real da economia já estará nos 10,9 por cento, se forem contabilizados os chamados “inactivos disponíveis” e os que estão em situação de “subemprego”. Em Setembro de 2005, aquele contingente atípico de desempregados contava-se em 130 mil, usando os dados do INE, mas até Dezembro cresceu para os 164 mil, o que eleva o número real de pessoas em idade activa que não estão a trabalhar para 611 mil.

## 21.02 Contrato precário deixa jovens sem futuro certo

Apenas três em cada dez portugueses contratados ao longo de 2004 e 2005 assinou um vínculo sem termo, concluiu um inquérito do Instituto Nacional de Estatística. Das pessoas questionadas pelo INE - todas elas no actual emprego há menos de 12 meses - 71 por cento tinham um contrato temporário ou trabalhavam a recibos verdes.

## 21.02 Sócrates quer fim dos “furos”

As aulas de substituição e outras actividades destinadas a ocupar os “furos” dos alunos vão ser obrigatórias no ensino secundário já a partir do próximo ano lectivo, anunciou o primeiro-ministro. “No próximo ano, as aulas de substituição, uma medida desenvolvida para o ensino básico, vão ser estendidas também ao secundário porque queremos combater o insucesso escolar”, afirmou José Sócrates.

Na já vasta (e diversificada) literatura que toma a relação dos pais com a escola como objecto de estudo, ou que a ela se reporta num registo mais normativo, é possível identificar expectativas bastante diferenciadas em relação aos papéis que devem caber a estes actores educativos naquela relação. O reconhecimento dos pais como “primeiros responsáveis pela educação dos filhos” transformou o seu “direito legítimo” de envolvimento nos assuntos escolares num novo “senso comum político-pedagógico”.

Aparentemente, em consonância com esse novo “senso comum político-pedagógico”, a definição do que significa ser um “excelente professor”, como observou Henry 1996: 15) (1), passou a integrar a capacidade de se relacionar com os pais e a comunidade. O que antes era considerado “intromissão”, é agora reconceptualizado como “colaboração”. Contudo, aquela reconceptualização parece, afinal, estar longe de ser uma realidade, pelo menos para alguns “louvadores dos tempos transactos” (2), saudosos dos tempos áureos em que os alunos estudavam e respeitavam os professores e os pais se interessavam pela vida escolar dos filhos, reforçavam as decisões da escola e reconheciam o trabalho dos profissionais que aí exerciam o seu magistério.

Vem este intróito a propósito de um livro muito recentemente editado entre nós pela Campo das Letras, intitulado “Pais contra professores”, tradução da obra francesa “Parents contre Profs” da autoria de Maurice Maschino (3), e que o autor dedica “àqueles que querem salvar a escola”. De facto, nesta obra, Maschino, que diz “ter ensinado durante quase quarenta anos” e “ter amado” o seu trabalho, proporciona-nos um vasto conjunto de “testemunhos”, recolhidos, segundo afirma, nos

locar os pais no seu devido lugar”, ou seja, em lugar nenhum, pois, como afirma noutra passagem, “A escola sem os pais é, era?- uma oportunidade para as crianças” (p. 118), enquanto que hoje, devido ao “entrismo”, e a outros “modernismos”, a criança “Entra na escola de espírito vivo, curioso, aberto, e sai dela transformado num completo cretino.” (p. 140).

Desenvolvendo uma argumentação pejada de contradições e inconsistências, onde virtudes e defeitos são manipulados ao serviço de um guião pré-definido, neste “filme” os professores são sempre as “vítimas” e os pais os “maus da fita”. Contudo, há casos em que essas inconsistências se revelam demasiado óbvias. Um exemplo: por um lado, o autor propõe-se “alegar a favor da nobre missão do professor” e defender o seu profissionalismo contra o ataque dos leigos, por outro lado, considera que os centros de formação de professores, espaços onde é suposto serem transmitidas as bases daquele saber profissional, são “institutos embrutecedores”, elogiando aqueles que



# Pais na escola: os maus da fita!

IE / FN

encontros que manteve “tanto em Paris, Île-de-France, como nas grandes cidades de província” (p. 17), que demonstram à sociedade que o referido novo “senso comum político-pedagógico” afinal está longe de constituir um adquirido.

Ao longo das cerca de duas centenas de páginas da obra o autor desenvolve um libelo acusatório contra os pais, e particularmente as suas associações, mimando-os com vários epítetos, como por exemplo, “totalmente ignorantes”, “raivosos”, “vingativos”, “quezilentos”, “selvagens”, “policías de costumes”, “megalómanos”, “fazem de bobos”, “irresponsáveis”, que “vociferam” em vez de falar, chegando-se mesmo a sugerir que “ladram” e que constituem uma “matilha” (p. 64). Brandindo a arma das “questões pedagógicas”, verdadeiro instrumento de demarcação de territórios (tanto mais eficaz quanto mais nebuloso é o seu alcance), o autor revela-se particularmente crítico em relação à “política suicida” de abertura da escola aos pais e dá um exemplo: “Quando se trata da escola, o poder não hesita: coloca nos comandos uns arrivistas (as federações) e uns incapazes (os pais)” (p. 103).

Apresentando a escola como uma “paisagem em ruínas, que muitos pais contribuíram, activa ou passivamente, para criar” (p. 162), Maschino defende, repetidamente, que se deve “co-

“têm coragem de não ter minimamente em conta os ensinamentos recebidos” (p. 195) Esqueceu-se, contudo, de explicar como é que, sendo as escolas de formação de professores “institutos embrutecedores”, os professores aí formados podem reivindicar o estatuto de “profissionais”. Esta é apenas uma das muitas questões a que o livro não responde, se é que verdadeiramente chega a responder a alguma.

1) Henry, Mary (1996). Parent-School Collaboration. Feminist Organizational Structures and School Leadership. Albany: State University Press.

2) Tomámos aqui de empréstimo esta expressão que colhe-mos no Relatório que precede os Decretos nº 1 e 2 de 22 de Dezembro de 1894 (reforma de João Franco/Jaime Moniz).

3) Maschino, Maurice (2005). Pais contra professores. Porto: Campo das Letras.

### LUGARES da educação

Virgínio Isidro Martins de Sá  
Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho  
virs@iep.uminho.pt

Cátia Esmeraldina levantou-se agora mesmo da mesa de trabalho. O toque soou há pouco; é, ainda, das últimas a sair, calmamente; boa aluna, chegou ao 12º ano com uma média ótima. Quer ir para Jornalismo, mas, perspicaz como é, tem vindo a aperceber-se de que, mesmo que venha a tirar um curso com boa média, pode não vir a obter nada daquilo por que investiu, com a família, toda a sua vida. Se os experientes já vão sendo despedidos, que lugares haverá para os novos? Chega-se junto de mim, no seu ar gaiato, agarrada à cinta do colega-namorado que tem o dobro da sua altura e diz, convictamente: “Professor, cada vez gosto menos da escola! No 12º, com a conversa dos exames, temos sempre deveres para casa! E direitos? Ninguém nos marca direitos de casa?” A memória reactiva-se-me, incontrolavelmente: imagens de Cátia ao longo do 3º Ciclo, cheia de vida, a carregar livros e alegria para a biblioteca de turma; textos seus brotando criatividade; entrevistas a pessoas na rua; dramatizações; clube de teatro; sonhos esvoaçando para além das grades da escola. Agora...

sala de aula para outra, de escola em escola, é menino para chegar a França ou ao Japão e os heterónimos chegariam à Lua se o roaming não fosse tão caro! Aquele espaço de intimidade, onde descobríamos o poema e relíamos e reinterpretávamos, já não é rectangular como dantes: é redondo! É orbícol e profusamente esférico e até cada vez mais inesperadamente obeso! Os poetas misturam-se com pizzas e hambúrgueres, os aromas entram pela sala de aula e a poesia encontra-se agora também (como sempre?) noutras dimensões. Álvaro de Campos já não consente ser possuído pelas máquinas, mas deixa-se fruir em filas intermináveis de carros à volta dos centros comerciais. Um mundo novo bate à porta das Escolas. Entra sem ser convidado, instala-se na melhor poltrona e os docentes, estupefactos, tentam reagir. Como?! Não é assim que se entra na sala de aula! Há tanta “matéria para despejar em cima dos alunos” e nada disso parece fazer sentido. Qualquer motor de busca na Net encontra muito mais acumulação de saberes do que a que um professor pode ter. E a essas “competências” chegam os alunos mais rapidamente. Mas há que não ficar acomodado, resignado. O papel dos professores continua a ser importantíssimo na consolidação das competências básicas, na filtragem das competências adquiridas e a alcançar, na sua reorganização permanente.

## Pessoa já não mora só ali!



IE / FN

**...parece que só os sindicatos se preocupam e reconhecem os docentes enquanto classe profissional (...)  
Os ministros passam, mas os professores ficam. O que vale é que as escolas sempre sobreviveram,  
na realidade, pelo trabalho dos professores. Não de todos, é certo. Mas quase...**

no 12º ano -caso nunca visto!- quase toda a turma, com um número razoável de alunos bons e médios e até “bem comportados”, vai chegando devagar, arrastando-se até ao seu lugar das mesas em U; alongam imenso o tempo (como no 7º ano) a preparar os cadernos, se os trazem, e as canetas (usam ainda vaquinhas e ursinhos como estojos...); conversam imenso uns com os outros e por fim lá se dispõem a interagir com o professor, embora qualquer coisa os possa fazer dispersar; quase todas as estratégias dos ótimos pedagogos que tivemos parecem não resultar. Alguns aprendem cada vez menos e não se preocupam nem com as negativas, nem com os exames. O tempo e o espaço desta gente são outros. Embora Cátia Esmeraldina vá com a mãe às quartas-feiras vender para a feira dos Carvalhos, tem o seu telemóvel de última geração, prenda de Natal. E, mesmo com o namorado ali ao seu lado e sendo uma ótima aluna, não deixa de receber ou de enviar a sua mensagenzinha sem o professor ver, imaginam ela e os outros. De facto, Fernando Pessoa já não mora só ali. Saltita de uma

A função dos professores evoluiu, mas continua a ser um dos alicerces das sociedades; as transformações do mundo, operadas por indivíduos conscientes e activos, só serão possíveis se as escolas forem lugares de comunhão, de compreensão, de inovação.

Contudo parece que só os sindicatos se preocupam e reconhecem os docentes enquanto classe profissional. Numa carta de resposta recentemente enviada a uma colega pelo Ministério da Educação pode ler-se: “As medidas tomadas pelo Ministério da Educação não têm como destinatários ou como preocupação os docentes. A actuação do ME é pautada pela necessidade de proporcionar aos alunos as melhores aprendizagens escolares.” (sic). Sim, senhora Ministra! Bela conversa esta do deixai vir a mim as criancinhas!... Como se não devesse ser sempre esse o interesse primeiro, como se os professores não dependessem dessa tutela ou não fossem eles próprios pais, avós, cidadãos eleitores deste país...

Os ministros passam, mas os professores ficam. O que vale é que as escolas sempre sobreviveram, na realidade, pelo trabalho dos professores. Não de todos, é certo. Mas quase... E olhe que já houve MINISTROS que sabiam isso muito bem...

### ENTRELINHAS e rabisco

José Rafael Tormenta  
Escola Secundária de  
Oliveira do Douro e  
Escola Superior de  
Educação do Porto

### ALIMENTAÇÃO

## Comuna francesa ganha “guerra” da fruta junto das crianças

Fazer com que as crianças comam fruta diariamente e em quantidade é frequentemente um quebra-cabeças para os pais. Mas este foi um desafio ganho pela comuna (o equivalente a junta de freguesia) de Le Bosc, situada no sul de França, que distribui gratuitamente fruta aos alunos locais. Todos os dias, as crianças podem escolher duas peças de fruta pela manhã e outras duas após o almoço. “Fruta da época e também fruta exótica, para os fazer descobrir gostos diferentes”, explica Daniel Guibal, presi-

dente da comuna de Le Bosc, que conta com 750 habitantes.

“Agora as crianças lançam-se literalmente à fruta”, diz Guibal, que iniciou esta iniciativa em 2002. “Com um custo de cem euros anual por criança, este programa custa à comuna cerca de dez mil euros. É o preço de um espectáculo de fogo de artifício, mas julgo que é, sem dúvida, uma melhor forma de utilizar os dinheiros públicos”, diz.

Fonte: AFP



Ana Alvim

# “É fundamental planejar a longo prazo a formação de professores”

Eduardo Anselmo de Castro, em entrevista à PÁGINA, afirma a necessidade de planeamento prospectivo para evitar ruptura do sistema educativo

**Eduardo Anselmo de Castro é licenciado em Engenharia Civil pela Universidade de Coimbra (1980), Mestre em Geografia Humana, Planeamento Regional e Local pela Universidade de Lisboa (1987) e Doutoramento em Ciências Aplicadas ao Ambiente pela Universidade de Aveiro (1995).**

**Actualmente, é Professor Associado na Secção Autónoma de Ciências Sociais, Jurídicas e Políticas da Universidade de Aveiro. Desde 1992, participa e coordena diversos projectos de investigação nacionais e europeus nas áreas do desenvolvimento regional, das políticas de inovação, da análise do impacto sócio-económico das Tecnologias de Informação e Comunicação e da análise técnico-económica das telecomunicações.**

**É responsável pela direcção do Observatório de Apoio ao Desenvolvimento Estratégico da Universidade de Aveiro, desde a sua criação em Março de 2002.**

**Foi encarregado em Março de 2004, pela Reitoria da Universidade de Aveiro, de preparar a criação do GIADE - Gabinete Inter-Universitário de Apoio ao Desenvolvimento Estratégico, que integra o Observatório da Universidade de Aveiro e unidades equivalentes da Universidade de Coimbra e da Universidade da Beira Interior.**

**É autor e co-autor de mais de cinquenta artigos apresentados em conferências nacionais e internacionais ou publicados em revistas científicas e livros.**

**Nesta entrevista, abordamos as conclusões de um estudo conduzido por Eduardo Anselmo de Castro e pela sua equipa, constituída pelos investigadores Helena Correia Pinto, Álvaro Castro Jardim e Pedro Mariano Pego, investigadores da Universidade de Aveiro, através do qual se faz uma análise prospectiva, até 2020, do mercado de trabalho na área da docência do ensino pré-primário, básico e secundário em Portugal. Os cenários não são animadores: o mais realista aponta para um excedente de quase cem mil professores e o mais pessimista para 140 mil num prazo de apenas quinze anos.**

**Que motivos levam, na sua opinião, a que haja hoje uma tão elevada taxa de desemprego na classe docente?**

Penso que o motivo para o elevado índice de desemprego actualmente verificado na classe docente parte do excedente de professores presentes no sistema. A partir da década de 70, o número de alunos inscritos no sistema educativo cresceu muito, por força da implementação da escolaridade mínima obrigatória, e o número de professores teve, naturalmente, de acompanhar esse crescimento. A procura gerou oferta e, nesse processo, foram abertos inúmeros cursos de formação de professores, nomeadamente no âmbito do ensino superior particular, sem que houvesse qualquer tipo de controlo do número de estudantes que neles se inscreviam.

Essa relação foi tendo algum equilíbrio enquanto o número de alunos foi crescendo. Porém, quando ele começou a estabilizar e mesmo a decrescer, a oferta de formação de professores manteve-se, gerando uma situação de ruptura em relação às necessidades efectivas do sistema educativo.

**Acha que se podia ter acautelado esta situação?**

Sim, fazendo previsões sobre as necessidades e agindo em função delas. A actual disfunção existente entre a procura e oferta de professores foi resultado da falta de planeamento prospectivo ao longo dos anos no sistema educativo, sendo necessário actuar para que esse rácio se volte a ajustar.

O actual sistema deixou de se auto-regular e gerou um completo descontrolo, pelo que é fundamental planear a longo prazo a formação de recursos humanos na área da docência.

**Muita gente começa a questionar hoje se valerá a pena seguir a via de ensino...**

Sim, neste momento dir-se-ia que há quase uma reacção de pânico, fazendo com que haja cada vez menos candidatos aos cursos de formação de professores. O que, num futuro próximo, poderá provocar o problema oposto, isto é, uma descompensação do número de professores em relação às necessidades do sistema.

Os professores que estão agora a entrar na reforma são relativamente poucos. É uma pirâmide que tem um topo muito estreito, ou seja, saem poucos e entram muitos. Mas quando chegar a altura destes últimos saírem, fá-lo-ão em grande quantidade e nessa altura será preciso garantir um igual número de candidatos para provir as necessidades. Mas aí podemos não estar preparados, porque não houve um planeamento eficaz.

Depois, é preciso que, nesse cenário, as próprias escolas estejam preparadas, porque não basta elas abrirem as portas, será necessário existirem professores e estruturas capazes de dar resposta a um novo aumento da procura.

**O trabalho que desenvolveu pretende exactamente trazer a público alguns dados que demonstram aquilo que acabou de defender. Em que contexto surge este modelo de avaliação prospectiva da evolução do sistema educativo relativamente à procura e oferta de professores?**

Este trabalho foi realizado em sequência de um estudo de viabilidade para a instalação de um pólo da Universidade de Aveiro (UA) na cidade de Viseu. Na altura, o reitor da UA, Júlio Pedrosa, nomeou uma equipa para efectuar esse estudo, centrado na procura de cursos e no número de alunos.

Para fazer esta previsão tivemos de realizar projecções demográficas por grupos etários – porque o INE, apesar de as possuir, não as divulga – já que é a única forma de fazer este tipo de conjectura.

Mais tarde, o Instituto Politécnico de Leiria pediu-nos para efectuarmos um modelo de procura e de colocação da formação de professores para o ensino básico e secundário porque queria, já na altura, antecipar o problema que se vive actualmente, e estimular, dessa forma, a procura em outras áreas.

Mais recentemente, a UA mostrou-se interessada em aplicar o modelo que desenvolvemos à própria universidade. Utilizando parte da informação que já havia sido recolhida e posteriormente corrigida, conseguimos, passados vários meses, fazer um estudo extremamente detalhado das necessidades da formação de professores para o futuro nas várias áreas de formação.

Este estudo tem duas componentes: uma é o número de alunos previsíveis para os vários níveis do ensino básico e secundário e, no contexto de cada nível de ensino, para as diferentes áreas de formação.

**Qual foi a metodologia seguida?**

Começámos por fazer previsões relativamente às necessidades do número de professores tendo em conta parâmetros como as previsões demográficas da população, o número de alunos, as taxas de escolaridade e a dimensão média das turmas existentes por nível de ensino ou a possibilidade da extensão do ensino obrigatório para doze anos a partir de 2010.

Depois cruzamos estes dados com o número de professores actualmente existente por grupos etários e por grupos disciplinares - baseados na informação disponibilizada pelo Ministério da Educação - o número previsto de aposentações, a variação de cargas horárias, as horas destinadas a cargos pedagógicos, o número de professores previstos nos cursos de formação de professores.

Para avaliar o impacto de medidas alternativas de política educativa, foram considerados três parâmetros variáveis (dimensão da turma, idade de reforma e formação de professores) que combinados entre si, ajudaram à definição de dez cenários.

Desta forma, pode saber-se, em qualquer ano lectivo, quantos professores existem no sistema, quantos são realmente precisos e verificar a diferença. Além disso, o estudo quantifica igualmente o número de professores neces-



Ana Alvim

**“Se tudo continuar na mesma, isto é, com o mesmo número de colocados em licenciaturas de ensino relativamente a 2000/ 2001 e com a idade de reforma prolongada até aos 65 anos, a previsão é que haja um excedente de cerca de 150 mil professores em 2020 (...).”**

sários por áreas disciplinares, o que permite saber qual irá ser o excedente em matemática, em química, em francês, em desenho, o que se quiser.

**Cenários pessimistas**

**No estudo que elaborou traça dez cenários possíveis até 2020...**

São combinações de vários cenários. E o resultado dramático é que, mesmo nos cenários onde se coloca a hipótese de se fecharem todos os cursos de formação de professores, em todos eles se verifica um excedente de professores relativamente às necessidades do sistema.

Se tudo continuar na mesma, isto é, com o mesmo número de colocados em licenciaturas de ensino relativamente a 2000/ 2001 e com a idade de reforma prolongada até aos 65 anos, a previsão é que haja um excedente de cerca de 140 mil professores em 2020 nos vários níveis de ensino.

**Mas coloca a hipótese de um outro cenário em que esse excedente é calculado em apenas cerca de 180 docentes. Como se chega a este resultado?**

No caso de um cenário extremo, que colocasse *numerus clausus* zero desde o ano passado (o que, logicamente, já não se verificará), antecipasse as reformas em cinco anos (o que, como vimos recentemente, se verifica o inverso) e reduzisse a dimensão média das turmas em todos os níveis de ensino, conseguir-se-ia diminuir o excedente de quase 30 mil professores verificado em 2005 para menos de duas centenas em 2020. Este seria o único cenário que faria desaparecer este problema.

**Deve reconhecer, no entanto, que esse cenário envolve decisões políticas que dificilmente serão postas em prática. E por isso admite que o modelo aponta para outros cenários intermédios, que constituem alternativas mais exequíveis...**

Claro, porque este cenário idealista seria catastrófico... A técnica dos cenários serve não tanto para fazer previsões estatísticas, mas para balizar essas previsões, pondo uma espécie de fronteira relativamente ao “sítio” possível das previsões. Os 150 mil professores de que falávamos há pouco não é uma previsão, é um cenário. E quando se verifica, como é o caso, que quaisquer dos sítios situados nessa fronteira apontam para um excedente, é preciso ter cuidado porque, independentemente das previsões, ele irá ocorrer. É esse tipo de chamada de atenção que pretendemos fazer.

**Qual é o cenário que considera ser mais provável de evoluir?**

À partida será o quarto cenário apontado no estudo, em que apenas as universidades públicas formam docentes e em que a idade de reforma dos professores seja de 65 anos, o que equivale, segundo o nosso cálculo, a cerca



Ana Alvim

**“(...) este estudo não foi muito divulgado. O Ministério da Educação conhece-o e só não o divulgou porque sabe que ele é explosivo.**

**O próprio Conselho de Reitores, a quem ele também foi apresentado, teve receio de o divulgar.”**

de 95 mil professores excedentes no sistema em 2020. Este cenário não anda longe da verdade na medida em que a idade de reforma na função pública foi prolongada e em que as universidades privadas formam cada vez menos professores, à semelhança das públicas, aliás, cujos cursos de formação de professores viram reduzidos os seus *numerus clausus* em 20% no ano lectivo de 2004/2005.

**Na medida em que os contextos políticos e sociais mudam, não teme que os parâmetros utilizados para este tipo de planeamento possam, eventualmente, ser falíveis?**

Há aspectos que podem ser falíveis, mas outros não. Não é falível, por exemplo, o facto de haver professores que estão no sistema a caminho da reforma. Porque eles envelhecem, e para isso não há remédio. E também não é falível o número de alunos estimados para os próximos anos. Mesmo admitindo que o número de professores que entram no sistema seja altamente variável, foi nesse sentido que foram traçados dez diferentes cenários.

**Governo tem conhecimento mas não actua**

**Pelo que sei, este tipo de planeamento prospectivo tem tradição noutros países europeus. Tem funcionado?**

Sei que este tipo de planeamento prospectivo existe em outros países porque analisei vários modelos aplicados em diferentes contextos. No entanto, não estou a par sobre a forma como os respectivos governos actuaram em termos políticos. Apesar de tudo, julgo que é difícil fazer uma comparação directa com o caso português.

Em primeiro lugar porque, neste momento, o que se passa na maior parte dos países europeus é o contrário do que se verifica aqui, isto é, faltam professores. E, tal como já referi, essa hipótese não se pode excluir para o caso português. Porque se é possível, por efeito de planeamento, redimensionar a oferta, não é possível obrigar as pessoas a procurarem formação nesta área.

Por outro lado, na maioria dos países europeus verificou-se uma mudança mais gradual, enquanto que em Portugal estes fenómenos tendem a funcionar por quedas bruscas, e isso é outro problema.

As necessidades conjunturais do sistema são fáceis de calcular em qualquer parte do mundo, exceptuando talvez casos em que haja fortes taxas de emigração ou se verifiquem grandes movimentos populacionais.

**Refere até no seu trabalho que na área da educação o planeamento funciona porque as suas principais variáveis, que são os alunos e os professores, são respectivamente “expectáveis e reguláveis...”**

Exactamente. Agora, é preciso que haja vontade política para tirar ilações des-

te tipo de trabalhos. Aliás, este estudo não foi muito divulgado. O Ministério da Educação conhece-o e só não o divulgou porque sabe que ele é explosivo. O próprio Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), a quem ele também foi apresentado, teve receio de o divulgar.

**Porque razão pensa que ele foi ignorado?**

Não sei. Mas a mensagem que eu quero fazer passar não é de catástrofe. O que eu quero sublinhar é a necessidade de existir algum tipo de planeamento, seja por parte do ministério seja por parte de quem coordena a formação, mas de alguém que o faça. Mas em Portugal parece que ainda não acordamos para esta questão.

O Ministério da Educação tem alguns estudos respeitantes às necessidades do sistema educativo, mas não cruza os dados respeitantes à formação de professores, porque isso está nas mãos do Ministério da Ciência e do Ensino Superior. Ou seja, não trocam informação. Os estudos que existem estão, portanto, desajustados. Apesar disso, o governo afirmava que não havia problema nenhum porque iriam continuar a ser precisos muitos professores, sem entrar em linha de conta quantos é que se estavam a formar.

**Quando é que este estudo foi apresentado ao ME e ao CRUP?**

Antes de concluirmos este estudo, tivemos uma proposta por parte do Ministério da Ciência e do Ensino Superior – na altura tutelado pelo ministro Pedro Lynce – para concebermos um modelo prospectivo similar. O encontro teve lugar, houve a intenção de levar o projecto adiante, mas o facto é que ele acabou por ficar na gaveta. Quanto ao estudo realizado por mim e pela minha equipa, sei que ele chegou a ser entregue a ambos os ministérios e que os respectivos gabinetes têm conhecimento das suas conclusões.

**Em termos pessoais, concorda que o actual excedente do contingente de professores poderia ser redireccionado para outras áreas de docência ou preencher lacunas existentes no sistema educativo?**

Não penso que essa seja a melhor solução, porque estas pessoas foram formadas para uma determinada área de docência e desse modo vão realizar uma actividade para a qual não estão vocacionadas. Já por si isso significa um desperdício de recursos. Resolve o problema do desemprego docente (e do problema pessoal dessas pessoas, que não é pequeno), mas em termos da economia do país continua a haver um desfasamento que é preciso encarar de frente.

## Modelo de Avaliação Prospectiva - Formação de Professores

As duas tabelas abaixo apresentadas mostram de que forma pode ser lido o modelo de avaliação prospectiva da procura e oferta de professores no sistema educativo português resultante do trabalho de investigação conduzido pelo professor Eduardo Anselmo Castro e sua equipa.

Na tabela 1 encontram-se descritos os dez cenários considerados no estudo resultantes da combinação de três parâmetros variáveis que permitem a possibilidade de redefinição das políticas educativas (dimensão da turma, idade de reforma e formação de professores), e na tabela 2 é representado o número excedente de professores calculado por ano e por cenário resultante do modelo construído.

Tabela 1 · Cenários avaliados

Cenários	
MT	o número de colocados em licenciaturas em ensino mantém-se igual a 2001/2002 + idade de reforma retardada (65 anos)
RT	licenciaturas em ensino com <i>numerus clausus</i> zero + idade de reforma retardada (65 anos)
RC	licenciaturas em ensino com <i>numerus clausus</i> zero + idade de reforma antecipada (55-60 anos)
UT	apenas as universidades públicas formam docentes + idade de reforma retardada (65 anos)
UC	apenas as universidades públicas formam docentes + idade de reforma antecipada (55-60 anos)
MTP	o número de colocados em licenciaturas em ensino mantém-se igual a 2001/2002 + idade de reforma retardada (65 anos) + redução da dimensão média das turmas
RTP	licenciaturas em ensino com <i>numerus clausus</i> zero + idade de reforma retardada (65 anos) + redução da dimensão média das turmas
RCP	licenciaturas em ensino com <i>numerus clausus</i> zero + idade de reforma antecipada (55-60 anos) + redução média das turmas
UTP	apenas as universidades públicas formam docentes + idade de reforma retardada (65 anos) + redução da dimensão média das turmas
UCP	apenas as universidades públicas formam docentes + idade de reforma antecipada (55-60 anos) + redução da dimensão média das turmas.

in Pego e Castro (2005)

Tabela 2 · Excedente de professores por ano e por cenário

Cenários	2000	2005	2010	2015	2020
MT	27.547	69.465	95.200	120.822	139.408
RT	27.547	69.494	92.840	79.611	59.545
RC	27.547	58.618	70.242	48.985	28.228
UT	27.547	69.494	92.840	96.700	94.399
UC	27.547	58.618	70.242	65.879	61.706
MTP	27.547	41.335	65.252	91.674	111.522
RTP	27.547	41.335	62.889	50.219	31.089
RCP	27.547	30.589	40.523	19.916	177
UTP	27.547	41.335	62.889	67.530	66.471
UCP	27.547	30.589	40.523	37.011	35.044

in Pego e Castro (2005)

Entrevista  
conduzida por  
Ricardo Jorge Costa

# Man to man

Brokeback Mountain é apenas o último de uma longa tradição de “westerns” a explorar as relações intensas, mudas e físicas entre heróis masculinos.

Tornou-se quase um lugar comum sugerir que as fortes, e muitas vezes intensas, relações entre homens nos “westerns” são uma cobertura da homossexualidade. Certamente que a insinuação vem do facto de se pensar que se aqueles homens estão tão ligados tem de haver mais do que afecto e respeito. Robin Wood chamava aos jovens que povoavam os “westerns” de Howard Hawks “gay male icons... carregando a impressão constante de ser uma alternativa às mulheres”. Sob este ponto de vista as mulheres nos “westerns” são apenas uma cortina de fumo; as relações emocionais são realmente entre homens.

Não surpreendentemente, a pornografia masculina gay explorou esta ideia utilizando o lado sexual do vestuário de cowboy: as calças de pele justas, as esporas, botas decoradas, para não falar da carga fálica da arma. O filme de Andy Warhol Lonesome Cowboys (1968), com rapazes

masculinidade os verdadeiros homens não falam, agem, se há emoções a demonstrar são as de raiva ou ódio e o amor pode apenas ser articulado. Por isso é fácil perceber que o amor – no que respeita às mulheres – está ausente, ou, se está presente, é o amor que não ousa falar em seu nome.

É claro que isto é um engano. Há muitos heróis palradores nos “westerns”. O que talvez separe estes heróis das suas mulheres é o excessivo peso da força física e da coragem. Quer no século XIX, período em que se passam os filmes, quer na época em que foram feitos os melhores deles, décadas 40 e 50, seria quase inconcebível ver uma mulher cavalgando, disparando ou lutando. Com isto não quero dizer que os subtextos gay não existam. Não protagonizou Rock Hudson mais de uma dúzia de “westerns”? Mas há seguramente uma ironia no facto de que o que tornou possível um “western” gay foi precisamente aquilo que virtualmente o matou. Muitos podem ter sido os factores que o fizeram praticamente desaparecer, mas indubitavelmente o maior foi o cair dos papéis e estereótipos sexuais nos anos 60. Dantes a frase “a man’s gotta do what a man’s gotta do” só podia ser sussurrada no ouvido de uma mulher, que esperava pacientemente que o homem voltasse da batalha, e a homossexualidade não podia ser abertamente discutida e praticada. Hoje, numa sociedade onde tal não acontece o “western” está ferido de morte. Claro que o Oeste



Robert Redford e Paul Newman em Butch Cassidy and Sundance Kid (1969)

lindíssimos discutindo penteados e a melhor maneira de usar seis armas se se quiser melhorar a nossa aparência. No “mainstream”, “westerns” não menos do que os outros géneros, quase invariavelmente providenciam uma mulher para o herói namorar, mas os realizadores dividem-se quanto à sua importância. Anthony Mann insistia que “sem uma mulher o ‘western’ não funciona”, Bud Boetticher realçava: “She is the one... que o faz agir daquela maneira. (Mas) em si mesma a mulher não tem qualquer importância”. Nesta leitura o “artista” pode ser motivado por virtudes “masculinas” de respeito próprio e justiça, mas o que o move é a visão de um lugar para assentar, e para isso precisa de uma mulher.

O que está por trás disto é que o mundo do “western” é caracterizado pela Hiper masculinidade. Em West of Everything Jane Tompkins dizia que era uma reacção pela notória feminização da cultura nos finais da era Victoriana, provocando uma renovada ênfase na masculinidade em personalidades como Teddy Roosevelt e Owen Wister, autor de The Virginian(1902). Nesta concepção de

continua lá como um lugar, uma imagem, uma ideia. Mas não é a mesma ideia. Agora, se a feminilidade está fora, tem de ser por uma boa razão.

Ao ver Brokeback Mountain lembrei-me muitas vezes do filme de George Roy Hill Butch Cassidy and Sundance Kid. Perguntei-me porquê? Revi mentalmente várias vezes o filme e... que raio faz a personagem de Etta (Katherine Ross) se não espia a suspeita da relação Butch Cassidy (Paul Newman) e Sundance Kid (Robert Redford)? É verdade que ela é baseada numa pessoa real, mas o filme não é propriamente rico em verdades históricas. Por isso é um bocado complicado não pensar que ela foi apanhada apenas para lhes dar cobertura, e é realmente a frase que Sundance usa quando ele elabora o plano que os vai fazer fugir para a América do Sul. O seu papel é claro: ela não se deve meter no seu caminho.

Sempre que Sundance fala com Etta, Butch está por perto, como se estivesse espiando as conversas. Butch é amigável com Etta mas nunca parece haver um “ménage à trois”, os dois heróis estão demasiado ligados um ao outro para isso. Pouco tempo antes de saltar do precipício para o rio, não dão as mãos mas... Na sua relação parecem ter assumido os papéis estereotipados de macho e fêmea: Butch é o pensador e o que decide e Sundance o intuitivo que espera que Butch tome a iniciativa. No final os dois continuam juntos na morte como na vida.

## CINEMA

Paulo Teixeira  
de Sousa

Escola Secundária Fontes  
Pereira de Melo, Porto

## RELIGIÃO

### Conselho de Estado italiano decide manter crucifixos nas escolas públicas

O Conselho de Estado italiano considerou recentemente que os crucifixos poderão permanecer nas salas de aula deste país já que, mais do que objectos de culto, eles são “símbolos que ilustram os valores civis que definem a laicidade”. A decisão deste órgão de Estado surge no seguimento de um protesto de uma mãe finlandesa que contesta a permanência de símbolos religiosos cristãos na escola dos filhos, situada numa pequena localidade próxima de Pádua, queixa que o tribunal analisou e rejeitou.

Em Dezembro de 2004, o Tribunal Constitucional havia tomado uma decisão favorável à manutenção destes símbolos religiosos nas escolas italianas. Posteriormente, em Agosto de 2005, o Papa Bento XVI havia reclamado a manutenção de crucifixos em locais públicos afirmando ser “importante que Deus seja visível e esteja presente na vida pública, nomeadamente através da presença da cruz nos estabelecimentos públicos”.

Fonte: AFP

## UMA QUESTÃO DE FORÇAS

Sem o impacto que tiveram e ainda têm as caricaturas que envolveram a imagem do profeta Maomé, na 25ª edição da Feira de Arte Contemporânea de Madrid (ARCO) apareceu uma pequena escultura a representar Cristo com uma bomba na mão. Alguns órgãos de comunicação social ainda ensaiaram um cenário de polémica mas a verdade é que esta não chegou a instalar-se – a escultura, com um máximo de 20 centímetros de altura, estava escondida, ao lado de outras obras, numa “vitrine” de um stand da ARCO para azar de muitos visitantes que a procuraram sem conseguir localizá-la.

Menos impacto parece ter ainda a notícia que dá conta da decisão de um juiz federal dos Estados Unidos da América. Jed Rakoff, a obrigar o departamento de Defesa a identificar publicamente os presos detidos em Guantanamo, gente classificada como “combatentes inimigos” e mantida sem quaisquer direitos inerentes à condição de prisioneiro de Guerra, ou apenas prisioneiro, na base militar norte-americana instalada em Cuba.

Em Guantanamo, segundo informações oficiais, estarão detidas 490 pessoas, algumas sem saber que acusação recai sobre elas e todas, até ao momento, impedidas de contestar legalmente a detenção, como deve poder acontecer, em qualquer circunstância, num Estado de Direito que se rege pela universalidade e primado das leis. Pertencem a esta mesma face da moeda algumas reacções, dos Estados Unidos da América, de Israel e até da União Europeia à vitória do Hamas, por maioria absoluta, nas recentes eleições para o Parlamento dos territórios autónomos palestinianos. Congelar apoios financeiros já devidos à Autoridade Palestiniana é, no caso, dizer que a Democracia só é aceitável quando ganham aqueles que queremos que ganhem.

A Democracia assim assumida não passa de uma avaliação permanente sobre a correlação de forças de cada momento. Não passa de uma caricatura da própria Democracia, temendo-se que estas contradições em torno da Liberdade de Imprensa sirvam para preparar a opinião pública no sentido da aceitação de novas agressões de um ou de vários Estados sobre outros Estado.

Júlio Roldão  
Jornalista, Porto

**Os processos de construção de uma consciência crítica sobre a homossexualidade e sobre a união entre pessoas do mesmo sexo não vão tanto num combate violento às homofobias (ainda que infelizmente continue a ser necessário), mas mais numa “prevenção” do heterossexismo presente na nossa vida de todos os dias.**

Enquanto pessoas vivas, provocadas na relação com os outros e com as coisas, não nos podemos alhear da questão que parece estar no centro da problemática do casamento entre pessoas do mesmo sexo: a existência, ou não, do direito à vivência em comum, como casal, jurídica e socialmente reconhecida. Ainda que existam representações sociais diferentes acerca da democracia política e social, queremos acreditar (ingenuamente, talvez, diriam os/as cínicos/as) que todos/as nós procuramos uma ideia de sociedade onde, minimamente, seja feliz viver, com todas as pessoas e com todas as suas manifestações individuais e colectivas. Numa altura em que a produção de discursos políticos, religiosos e comunitários é multifacetada, hetero-interpretada, produção essa que circula

sexista, deixa revelar, mais uma vez, a visão estigmatizada da homossexualidade e seus papéis possíveis na construção das sociedades, mas visão essa que funciona como um mecanismo de confirmação, verificação e ainda validação social e política da própria identidade heterossexual em risco de flutuação, fundamentalmente a partir da segunda metade do séc. XX. Os processos de construção da homossexualidade e suas diferentes identidades (e não de “inclinação se-



IE / FN

## Noivos e noivas gay: “eles e elas andam aí...”

nos meios públicos de comunicação social, muitos e muitas homossexuais vão assistindo à fabricação de “verdades”, sobretudo no silêncio e na distância, sobre uma realidade prática que lhes é subjectivamente própria.

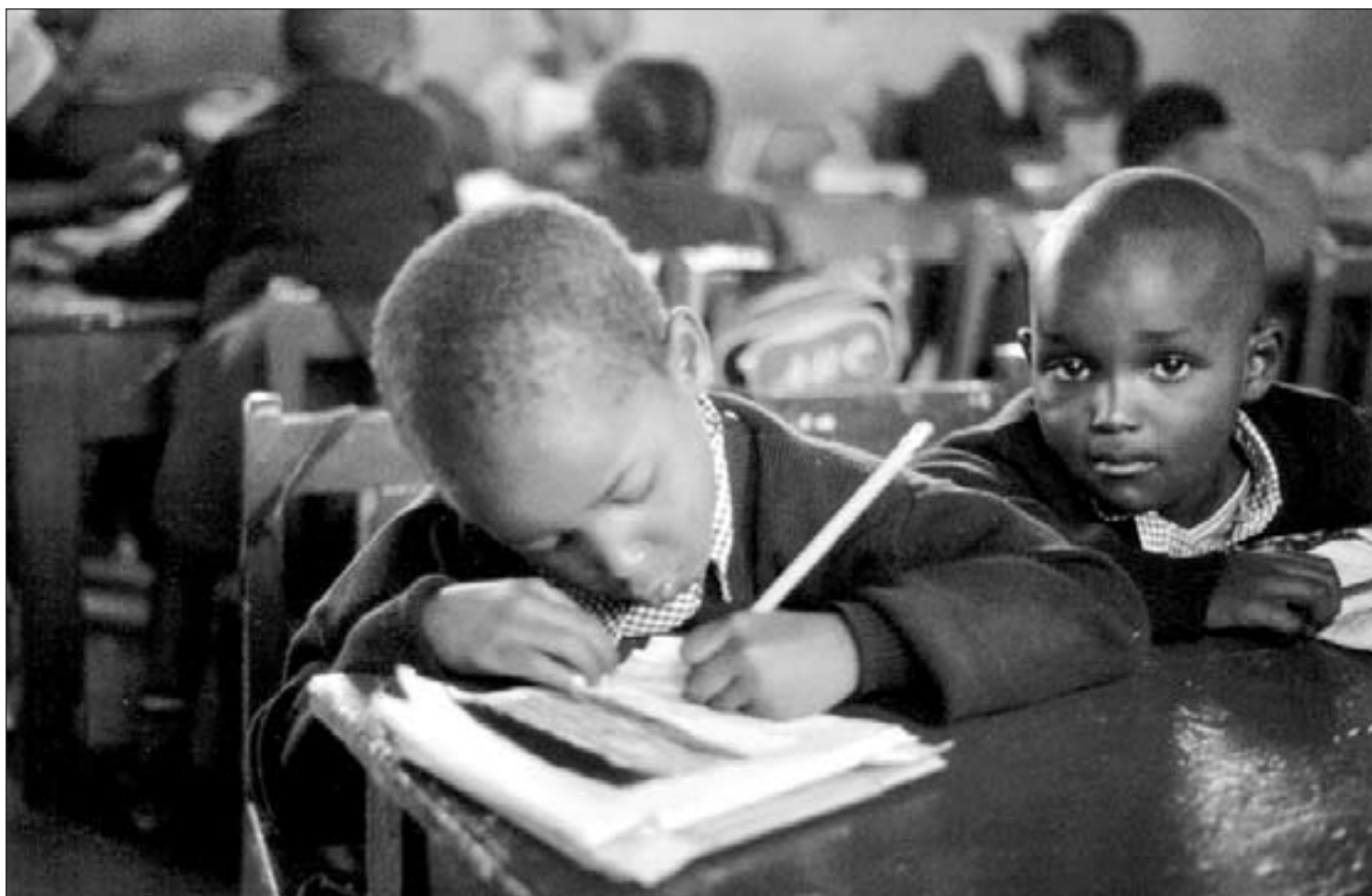
E todavia, esta problemática não é tão específica de um “grupo” como possa parecer, isto é, não é uma matéria que diga respeito apenas aos/as homossexuais por causa da sua suposta condição: imaginemos que pessoas de sexo diferente estariam impedidas de se unir através de casamento. À partida, parece-nos difícil conceber um cenário assim, justamente porque grande parte das instituições sociais – como o casamento – encontram-se de tal modo instituídas, e por isso mesmo naturalizadas, segundo uma lógica heterossexual que impede que sobre elas se possa exercer qualquer tipo de questionamento, em termos da equação de uma mudança. Nesta medida, os processos de construção de uma consciência crítica sobre a homossexualidade e sobre a união entre pessoas do mesmo sexo não vão tanto num combate violento às homofobias (ainda que infelizmente continue a ser necessário), mas mais numa “prevenção” do heterossexismo presente na nossa vida de todos os dias. É evidente que o termo “prevenção”, aqui evocado, não se prende com a prescrição de receitas sobre “como poderemos deixar de sermos heterossexuais?”, em favor de um ideal de amor homossexual. Em contrapartida, um olhar crítico em torno dos heterossexismos (porque também interfere nas atitudes e no comportamento dos/as próprios/as homossexuais) permite que se desoculte, nos passos, nas linguagens, nos discursos produzidos à volta de uma mesa de café, as próprias sombras com e sobre as quais ele se construiu ao longo da história, como também as estratégias de inclusão e de exclusão a que recorre, em nome de um bem comum a ser respeitado por todos/as.

O medo que é sentido face à eventual destruição do casamento, tal como é concebido de acordo com uma lógica heteros-

xual”, como em alguns artigos de opinião pública se escreve) envolvem, necessariamente, negociações várias com instituições, papéis sociais e de género heterossexuais, porque, entre outras razões, continua ainda a não ser legal ser-se homossexual casado/a – e não se estando abarcado pela Lei, seja da ordem do jurídico-político ou da religião, fica-se abarcado, como sabemos, pela amoralidade. O casamento entendido como uma espécie de “dever”, na exclusividade da condição da geração de futuros membros da sociedade, confunde-se antes com uma ideia tacanha de “bom senso” – e recorde-se que para Descartes este seria a coisa do mundo melhor partilhada – como que representando o modo mais eficaz de nos libertar de toda a irracionalidade e de toda a amoralidade. Actualmente, o que parecerá importante ser perguntado é: até que ponto estaremos dispostos a persistir na reprodução de modelos de bom senso (designadamente através do discurso legal e político), a partir dos quais formulamos representações artificiais de comportamento? Será o casamento hoje, entre pessoas de sexo diferente, um conceito honesto e verdadeiro?

### IMPASSES e desafios

Paulo Nogueira  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto



IE / FN

# A escola segundo Sebastião Salgado

professor a socorrer-se de uma gravura para falar dos cuidados a ter com bombas e outros artefactos bélicos. Será que “o caminho das escolas é um mapa de minas?”

“O berço da desigualdade está na desigualdade do berço” é a frase que interpela a fotografia de uma menina, num saguão pobre da Baía, a escrever sobre uma mesa, debaixo da qual se vêem dois bebés, serenamente, a dormir. Há uma outra foto, do Paraguai, onde desfocada no fundo da sala surge a palavra «Ciências». Bem nítidas, duas meninas descalças empenham-se compenetradas na escrita de um outro

texto. Pretexto para que Buarque constate: “Ciência e pés descalços: resumo do mundo moderno”. Contudo, nem um nem outro dos autores descrevem da Escola. Uma criança angolana, de cadernos e lápis na mão, é a fotografia que o permite comprovar. Uma fotografia que foi construída no meio do “horror de uma guerra”, onde “a escola surge como esperança”. A mesma “esperança nas letras” de um outro texto que descreve a fotografia de outros dois meninos, na Guatemala, observando e trabalhando sobre um quadro silábico, “olhos atentos”, apesar das “calças rasgadas, pés descalços, piso de terra, parede sem reboco”.

O livro de Salgado e de Buarque nada tem de pós-moderno, mesmo que possa duvidar da Escola e interrogar-se acerca das suas finalidades e dos discursos que se produzem por causa dela, acerca dela e a pretexto dela. Dúvidas, interrogações e discursos que, afinal, se tornam necessários para afirmar que não são as escolas em si que lhes interessam como fonte de esperança e de dignidade humanas, mas tudo o que nelas se faz para que essa esperança e essa dignidade sejam possíveis. Como o professor da fotografia que no Luena é capaz de despertar toda aquela atenção por parte das crianças que com ele trabalham ou como a professora queniana que, por demonstrar a “sua dignidade e amor pelos alunos”, inspira Buarque a afirmar que “melhor uma criança em pé na escola, do que sentada na calçada”.

Pode a escola educar “sem cortar as asas do sonho”? Certamente que pode se, parafraseando Buarque, o lápis for a espada e o caderno for o escudo daquele menino afegão que num campo de refugiados entra determinado pelos nossos corações adentro. Pode, também, se a fonte de criatividade que a criança é – Buarque é quem mais uma vez o afirma, conseguir ser “liberada pela escola”. Pode, finalmente, se se conseguir que a escola seja “alegre aos olhos de seus alunos”. Apesar de tudo, pode, mesmo que se saiba perante os pés sem sapatos ou as salas sem cadeiras que, afinal, “a civilização só globaliza o que lhe dá lucro”. O que fazer ?

É o próprio «Berço da Desigualdade» que nos empurra para a resposta. Uma resposta que passa por abordar a discussão sobre a relação entre educação escolar e desenvolvimento humano como um problema político que deverá afectar obrigatoriamente tanto a nossa militância em prol de um mundo mais justo e solidário, como, e também por via disso, as nossas discussões sobre o papel das escolas, o modo como pensamos o acto de ensinar e de aprender, o protagonismo dos alunos e dos professores ou a importância do património cultural como instrumento necessário à construção e afirmação da inteligência e da dignidade humana.

## DISCURSO directo

Ariana Cosme  
Rui Trindade

Faculdade de Psicologia e  
de Ciências da Educação  
da Universidade do Porto

Sebastião Salgado andou pelo mundo a fotografar escolas para, conjuntamente, com Cristovam Buarque nos oferecer uma belíssima obra que a representação da UNESCO no Brasil publicou. Chamaram-lhe, apenas, o «Berço da Desigualdade». São setenta e três fotografias, de Salgado, e outros tantos brevíssimos textos, de Buarque, que nos mostram como “a escola aprisiona os que estão fora” mas, também, como há neste mundo “crianças que aprendem números para contar o que não têm”.

Uma sala decadente, no Huambo, com meninos sentados em latas lendo um texto no quadro sob o olhar atento de uma professora é o pretexto para que se pergunte. “Que futuro se encaixará em uma escola improvisada?”. Antes, é a fotografia de um terreiro onde se vêem dezenas de crianças amontoadas à volta de um professor que nos obriga a confrontar com uma questão: “Apesar de tudo, isto é uma escola. Que futuro a humanidade está construindo a partir dela”?

Há fotografias que, tal como aquela que foi produzida a partir de uma sala de aula no Afeganistão, se vê um

texto. Pretexto para que Buarque constate: “Ciência e pés descalços: resumo do mundo moderno”. Contudo, nem um nem outro dos autores descrevem da Escola. Uma criança angolana, de cadernos e lápis na mão, é a fotografia que o permite comprovar. Uma fotografia que foi construída no meio do “horror de uma guerra”, onde “a escola surge como esperança”. A mesma “esperança nas letras” de um outro texto que descreve a fotografia de outros dois meninos, na Guatemala, observando e trabalhando sobre um quadro silábico, “olhos atentos”, apesar das “calças rasgadas, pés descalços, piso de terra, parede sem reboco”.

O livro de Salgado e de Buarque nada tem de pós-moderno, mesmo que possa duvidar da Escola e interrogar-se acerca das suas finalidades e dos discursos que se produzem por causa dela, acerca dela e a pretexto dela. Dúvidas, interrogações e discursos que, afinal, se tornam necessários para afirmar que não são as escolas em si que lhes interessam como fonte de esperança e de dignidade humanas, mas tudo o que nelas se faz para que essa esperança e essa dignidade sejam possíveis. Como o professor da fotografia que no Luena é capaz de despertar toda aquela atenção por parte das crianças que com ele trabalham ou como a professora queniana que, por demonstrar a “sua dignidade e amor pelos alunos”, inspira Buarque a afirmar que “melhor uma criança em pé na escola, do que sentada na calçada”.

Pode a escola educar “sem cortar as asas do sonho”? Certamente que pode se, parafraseando Buarque, o lápis for a espada e o caderno for o escudo daquele menino afegão que num campo de refugiados entra determinado pelos nossos corações adentro. Pode, também, se a fonte de criatividade que a criança é – Buarque é quem mais uma vez o afirma, conseguir ser “liberada pela escola”. Pode, finalmente, se se conseguir que a escola seja “alegre aos olhos de seus alunos”. Apesar de tudo, pode, mesmo que se saiba perante os pés sem sapatos ou as salas sem cadeiras que, afinal, “a civilização só globaliza o que lhe dá lucro”. O que fazer ?

É o próprio «Berço da Desigualdade» que nos empurra para a resposta. Uma resposta que passa por abordar a discussão sobre a relação entre educação escolar e desenvolvimento humano como um problema político que deverá afectar obrigatoriamente tanto a nossa militância em prol de um mundo mais justo e solidário, como, e também por via disso, as nossas discussões sobre o papel das escolas, o modo como pensamos o acto de ensinar e de aprender, o protagonismo dos alunos e dos professores ou a importância do património cultural como instrumento necessário à construção e afirmação da inteligência e da dignidade humana.

## RELIGIÃO

### Papa afasta-se de correntes fundamentalistas cristãs

O Papa Bento XVI condenou recentemente a disputa entre os princípios da fé e da ciência durante um encontro da Congregação para a Doutrina da Fé, instituição que dirigiu por 24 anos, afastando-se, assim, das novas correntes fundamentalistas cristãs que querem proibir, entre outras matérias, o ensino da teoria da evolução das espécies de Darwin. Durante o encontro, o Papa admitiu que “os progressos da ciência no século XX têm sido tão rápidos que em algumas ocasiões é difícil determinar se são compatíveis ou

não com as verdades reveladas por Deus sobre o homem e o mundo”. Apesar de admitir que tais mudanças podem gerar confusão entre os fiéis e “criar dificuldades para a proclamação e a recepção do Evangelho”, o pontífice considera, no entanto, que os cristãos “não devem temer esse desafio” já que “Jesus Cristo é o Senhor de toda a criação e de toda a história (...) a estrela polar da liberdade humana”.

Fonte: AFP



## NOVO LIVRO DE UMBERTO ECO ABORDA A ERA BUSH-BERLUSCONI

O escritor e ensaísta italiano Umberto Eco lançou recentemente em Itália o seu novo livro "A Passo di Gambero" (A Passo de Camarão, numa tradução literal), no qual critica os últimos cinco anos da era George W. Bush e do primeiro-ministro italiano Silvio Berlusconi.

No livro, o conhecido intelectual italiano, autor, entre outros, do *best-seller* "O Nome da Rosa" e de significativas obras no campo da semiótica, denuncia o "retrocesso" que o mundo atravessa, dando exemplos como a adopção da saudação fascista nos estádios, o forte sentimento anti-semita ou o ritual fascista celebrado por ocasião da recente morte do filho de Mussolini. "A história está cansada", disse Eco numa entrevista recentemente concedida à televisão italiana.

Publicado em Itália pela editora Bompiani, o livro traz uma selecção de artigos, ensaios inéditos, conferências e palestras feitos por Eco entre 2000 e 2005. Criticado por alguns intelectuais e escritores por atacar só ou quase sempre Berlusconi, Eco defende-se alegando a gravidade do fenómeno.

"A propósito da repetição das críticas a Berlusconi, pergunto-me se serei eu quem se repete ou se é Berlusconi que é obsessivo", declarou ao jornal *IL Corriere della Sera*, definindo a era Berlusconi como "o regime populista mais mediático" da história italiana.

O livro, que traz o subtítulo "Guerre calde e populismo mediatico" (Guerras quentes e populismo mediático), dedica boa parte ao que poderia ser definido como "crónicas de um regime", descrevendo a apatia e a indiferença dos italianos face à vitória de uma classe que "baseia os seus valores na educação televisiva", abordando também questões candentes como a morte, o jogo, a globalização e a crescente "carnavalização" da vida.

Eco, de 74 anos, doutor *honoris causa* em 25 universidades do mundo, licenciado em filosofia e professor de estética e semiótica em várias universidades, prepara, entretanto, um novo livro. "Tenho sempre inéditos de filosofia e semiótica entre mãos, mas a verdade é que gostaria de escrever algo sobre a história da fealdade", confessa.

Fonte: AFP

# Estudar a escola

## Perspectiva de um estudante/professor



IE / FN

Os autores "divertem-se" a definir (e a contrariar) conceitos e nós a delimitá-los. Neste sentido, é de todo importante clarificar os termos de modo a torná-los mais perceptíveis para cada caso particular. Estudar a escola é reflectir sobre um constante jogo de conceitos ambíguos. A tentativa, também ela constante, de escolher as palavras adaptadas do melhor modo à realidade do estudo, numa lógica de delimitação dos termos, pode encontrar algumas dificuldades de motivação. Os temas são tão vastos e mutáveis que o discurso se pode tornar inesgotável. Nada pode ser dado como definitivo ou concluído, pois os sujeitos de estudo estão permanentemente em mudança pelas mais diversas e inesperadas razões. O trabalho que estou a realizar (dissertação de mestrado) habituou-me a reflexões quase que obsessivas durante todo o tempo. Numa primeira e breve conclusão, retirei que o professor que pretenda envolver-se intimamente com a escola tem necessidade deste exercício mental. Mas atenção, parece-me que reflexões em demasia com o necessário isolamento que carecem, pode levar-nos a cair na tentação do "profeta da desgraça", contrariando o optimismo que os professores necessitam de demonstrar.

Para realizar estudos na escola, ao nível do mestrado, o uso de uma só abordagem metodológica será, provavelmente, insuficiente. A extensiva permite-nos obter correlações/tendências, mas não as causas/motivações. Se as primeiras forem ao encontro do objectivo do trabalho, fica-se por aqui (mas com a sensação que um estudo a este nível académico mereceria mais). Aparece aqui, a importância da abordagem intensiva, entendendo-se que o melhor conjunto de técnicas para "desocultar essa caixa negra", se situam na variante etnográfica, que por si só, também não serão suficientes. A triangulação dos métodos torna-se fundamental, assegurando deste modo, também, a validade do estudo (Carmo e Ferreira, 1998). Bogdan e Biklen (1994) aconselham a não se fazer investigação na Escola onde se trabalha, apontando algumas razões baseadas no conhecimento prévio que naturalmente se tem do objecto de estudo, podendo existir algum obstáculo epistemológico no que se refere ao distanciamento e conhecimento das situações. Provavelmente, ter-se-ão essas dificuldades se os sujeitos do estudo tivessem tido ou prevejam ter, relações com o investigador. Aí sim, existirão constrangimentos em conseguir que esses "confrades" se entreguem de

uma forma liberta e descomprometida. Em melhor posição para estudar a escola estará certamente alguém que a conheça por dentro, devendo-se ter o devido cuidado na escolha do objecto/sujeito de estudo e dos instrumentos. O conhecimento prévio que o investigador tem do tema de estudo poderá, ainda, ser visto como uma vantagem no que respeita à elaboração dos inquéritos. Não se poderiam elaborar com eficácia, sob pena dos resultados não terem qualquer articulação com a parte teórica, caso não se tenha lido primeiro a bibliografia e redigido a fundamentação teórica. O investigador neste caso, já possui, naturalmente, muitas sugestões de perguntas. É que "(...) falando de mim mesmo, eu digo a verdade dos outros por procuração" Bourdieu (1992, cit. in Vieira, 1998, p. 88). Assim, numa primeira fase (extensiva) encontraremos uma ajuda para nos direccionar para uma segunda fase (intensiva), podendo, aqui, colmatar-se eventuais faltas de questões detectadas no decorrer da leitura bibliográfica e outras reflexões.

#### Bibliografia referenciada:

BOGDAN, Robert; BIRKEN, Sari – Investigação Qualitativa em Educação. Porto: Porto Editora, 1994  
 CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela M. - Metodologia da Investigação - Guia para Auto-aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta, 1998  
 VIEIRA, Ricardo – Histórias de Vida e Etnografia na Análise das Representações e Práticas dos Professores – Separata dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia Volume XXXVIII (1-2). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1998.

#### E AGORA professor?

Luís Filipe Firmino Ricardo  
 Professor do Ensino Secundário, Marinha Grande



IE / FN

### AFINAL onde está a escola?

Christiane Reis Dias  
Villega Assano  
Doutoranda em Música  
pela Universidade  
Federal do Estado  
do Rio de Janeiro  
(UNI-RIO), Professora de  
Música da Fundação de  
Apoio à Escola Técnica  
(FAETEC) e integrante  
do Grupo de Pesquisa  
"Alfabetização dos alunos  
e alunas das classes  
populares" (GRUPALFA).

O exercício de escutar as ruas e suas diversas "paisagens sonoras" ainda não se tornou hábito nas escolas, nem mesmo nas escolas de música, embora o educador musical e compositor canadense Murray Schafer venha falando da importância da escuta crítica do soundscape desde os anos 70.<sup>(1)</sup> Se os discursos sobre educação musical parecem "avançados", a realidade é que a maioria das crianças continua entrando nas escolas de música para aprender o código musical, sem ao menos ter a oportunidade de exercitar suas diferentes formas de ouvir o mundo. E por que não escutar o mundo e seus diferentes cenários sonoros? Por que insistir em ignorar as diferentes vivências musicais trazidas pelos alunos?

Pensando sobre estas questões, desenvolvi, junto aos meus alunos, um projeto de escuta das ruas.<sup>(2)</sup> Para desenvolvê-lo, era preciso seguir os conselhos de Freire e Faundez (1985)<sup>(3)</sup> e exercitar um modo de fazer com que os alunos pudessem "viver a pergunta, viver a indagação, viver a curiosidade" partindo da cotidianidade, do vivido e do experienciado. Era preciso, ainda, tomar as palavras de Cyrulnik como eixo norteador: "não tendo a mesma história, não temos os mesmos olhos, não podemos pois encontrar os mesmos objetos!"<sup>(4)</sup> "Não tendo a mesma história", não temos também os mesmos ouvidos. Neste sentido, escutar as ruas seria uma possibilidade de entender os "lugares praticados"<sup>(5)</sup> por estes ouvintes, suas vivências musicais.

Na escuta de "sons fundamentais", "sinais" e "marcos sonoros" (soundmarks)<sup>(6)</sup>, fomos descobrindo que nossos trajetos cotidianos revelavam sons muito interessantes. Muitos alunos registraram sons da natureza, mostrando que, mesmo numa cidade considerada "barulhenta", havia, ainda, algum espaço para os "sons fundamentais". Um dos alunos destacou a importância dos "marcos sonoros", melhor dizendo, dos sons únicos que uma determinada comunidade pode conter. Foram registrados, também, vários tipos de "avisos acústicos" (sinais), como sirenes e sinos. Outros alunos registraram ruídos de ar condicionado, freadas, pregões de vendedores de rua, gritos e vozes de passantes.

Desse emaranhado sonoro, algumas pesquisas ressaltavam o

incômodo causado pelo intenso tráfego de veículos, exemplificando o que Schafer denomina "paisagem sonora lo-fi (low-fidelity)", ou seja, um tipo de paisagem em que há uma profusão de ruídos, e na qual se perde a "perspectiva", acarretando o aumento da intensidade dos sons e a maior competição entre eles.

Pensando sobre a necessidade de se refletir sobre os sons da rua, propus aos alunos que reconstruíssemos o cenário sonoro citadino. Assim, fomos compondo coletivamente, utilizando não somente nossos registros, mas também nossas criações. Foi tomando forma uma "paisagem" ruidosa e musical, tal como a lo-fi, na qual se destacavam pregões. Um dos pregões, o do "boleiro", acabou se tornando tema principal da música, pois, de uma forma muito natural, os alunos foram se lembrando, paulatinamente, do pregão, visto que o boleiro era um personagem conhecido nas ruas de São Gonçalo, onde a esmagadora maioria dos alunos residia: todos conheciam o boleiro que batia com um "ferrinho" no carrinho.<sup>(7)</sup>

A pesquisa reafirmou a importância da incorporação das músicas das ruas como conteúdo musical dentro das escolas, pois, num trabalho que pretende incluir as diversas "músicasmundo"<sup>(8)</sup>, há que aparecer pregões, caminhões, freadas, sons de passarinhos, enfim, sons que habitam o cotidiano de nossos alunos. Com eles, podemos aprender a "viver a pergunta", a "curiosidade" e a "indagação", como nos ensinou Paulo Freire. Com eles, podemos aprender a nos "espantar" com o cotidiano ao incorporarmos essas diversas e ricas "paisagens sonoras" à nossa escuta. Uma escuta que pode se tornar, cada vez mais, "pensante" (Schafer, 1996).

#### Notas:

- 1) O termo "paisagem sonora" é a tradução de soundscape - conceito cunhado por Schafer para se referir a qualquer tipo de campo acústico. Para mais informações ver SCHAFFER, M. O ouvido pensante. São Paulo, UNESP, 1996.
- 2) A pesquisa foi realizada em ruas que os alunos costumavam frequentar nos municípios de Niterói, Rio de Janeiro e São Gonçalo, todos localizados no Estado do Rio de Janeiro.
- 3) FREIRE, Paulo, FAUNDEZ, Antonio. Por uma pedagogia da pergunta. São Paulo: Paz e Terra, 1985, p.48.
- 4) CYRULNIK, Boris. Os alimentos do afeto. São Paulo: Ática, 1995, p.19.
- 5) CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1996.
- 6) Conceitos trazidos por Schafer no livro "A afinação do mundo" (São Paulo: UNESP, 2001).
- 7) Pregão: É o bolo, É o bolo, É o bolo / É o bolo do boleiro / Cachorro não mia, gato não late / Aqui tem bolo de chocolate / Olha que legal / O bolo caseiro é um real / É o bolo, É o bolo, É o bolo / O boleiro vai passando / Tem de coco e de morango / É o bolo, É o bolo, É o bolo / O bolo maneiro é o bolo caseiro / É o carro do boleiro / Olha que legal / O bolo caseiro é um real / Aqui não tem moleza não / tem o bolo de limão / É o bolo, É o bolo, É o bolo / o boleiro está aqui / Tem bolo de abacaxi.
- 8) Tomei por empréstimo a "palavramundo" de Paulo Freire para criar este neologismo.

## DEPUTADOS BRITÂNICOS APOIAM POLÍTICA SOCIAL DE CHÁVEZ

Sessenta e seis deputados do parlamento britânico assinaram no mês passado uma moção na qual se apoia as reformas políticas empreendidas pelo presidente venezuelano, Hugo Chávez, e pediram o reforço das relações bilaterais entre Londres e Caracas. O documento assinado por estes parlamentares reconhece "os progressos realizados pelo governo democraticamente eleito da Venezuela em áreas como a educação, a saúde e a política habitacional para segmentos sociais que antes se encontravam marginalizados ou excluídos".

O texto sublinha que os políticos daquela nação sul-americana estão a dar um passo importante para reduzir as desigualdades na sociedade venezuelana e realça as perspectivas do país em conseguir atingir os Objectivos de Desenvolvimento para o Milénio, um conjunto de metas estabelecidas pelas Nações Unidas no início do século aos quais a PÁGINA se referiu em trabalho recente.

Os deputados afirmaram que a Grã-Bretanha deveria considerar a política social de Chávez como "um modelo para outras nações em desenvolvimento" e apoiá-lo apesar das "ameaças inconstitucionais e ilegais" provenientes tanto por parte de opositores internos como externos – numa referência indirecta às tenta-

tivas dos Estados Unidos em derrubar o governo venezuelano –, assim como trabalhar para reforçar os laços bilaterais entre os dois países.

A moção EDM (Early Day Motion), um sistema que favorece o debate entre os deputados e lhes permite chamar a atenção sobre determinadas questões particulares, foi adoptada uma semana depois de Chávez ter pedido à Grã-Bretanha que devolva as Ilhas Malvinas à Argentina e acusado o primeiro-ministro Tony Blair de ser um "lacaio sem vergonha de Washington".

Recorde-se que as relações entre a Venezuela e os Estados Unidos se deterioraram desde que Chávez foi eleito presidente há sete anos, tendo o presidente venezuelano acusado já por diversas ocasiões Washington de conspirar contra a soberania do país.

Fonte: AFP

## O DESMANTELAMENTO

Desloquei-me a Lisboa em trabalho e observei perplexa uma fonte no Rossio, com pichagens em alfabeto cirílico. Coisas escritas em russo, diz-me um taxista. Em russo, pichagens numa fonte? Seria possível fazer algo equivalente na Praça Vermelha, em Moscovo? Não acredito. Outro taxista fala-me depois do rigor policial em termos de multas de trânsito. Fico a pensar: será porque o taxista não mete medo? Quem danificou uma fonte na mais conhecida praça de Portugal teria mau aspecto? Por que razão o fez? O facto é que fez. Esta história é real e demonstra até que ponto estamos numa época difícil, em Portugal. Não defender o património arquitectónico público, no Rossio, é mau, é péssimo, demonstra um desleixo só mais preocupante ainda porque o taxista me diz que foi já “há tempos” que fizeram aquilo! Por que razão não se limpa? Para poupar dinheiro? Chego a casa e oiço um debate sobre o encerramento de Escolas. Tinham falado em novecentas, agora já são quatro mil e quinhentas! A Escola é um símbolo, para além de ser um centro de civismo. Victor Hugo ficou célebre por dizer que abrir uma Escola é fechar uma Prisão! Quererá alguém abrir quatro mil e quinhentas prisões, em Portugal? É este o caminho dos que nos dizem apostar na formação educativa dos portugueses? As aldeias sem Escolas, as crianças transportadas horas e horas, horas passadas em cafés no tempo de espera das camionetas que as levarão às aldeias... Qual o critério? Nenhum! Apenas encerrar tudo o que não tiver 20 alunos! Curioso, o Ministério não se preocupa com o problema inverso: quando há alunos a mais! Nessa altura está tudo bem, os professores que trabalhem! Há muita coisa que assim vai... Foram estações da CP que ficaram abandonadas e em ruínas (por que não as venderam?), foram casas de cantoneiros pelo mesmo caminho... O caminho é “desmantelar”? Fechar, encerrar, “poupar”? Pensava que era fatal que a manutenção de um País custasse dinheiro! Menos Estado, Melhor Estado, dizem-nos. Engano: menos Estado, pior Estado!

Maria Gabriel Cruz  
UTAD,  
Vila Real.

**A teoria deve aplicar-se à prática e as falhas desta última associam-se aos problemas de compreensão da primeira.**

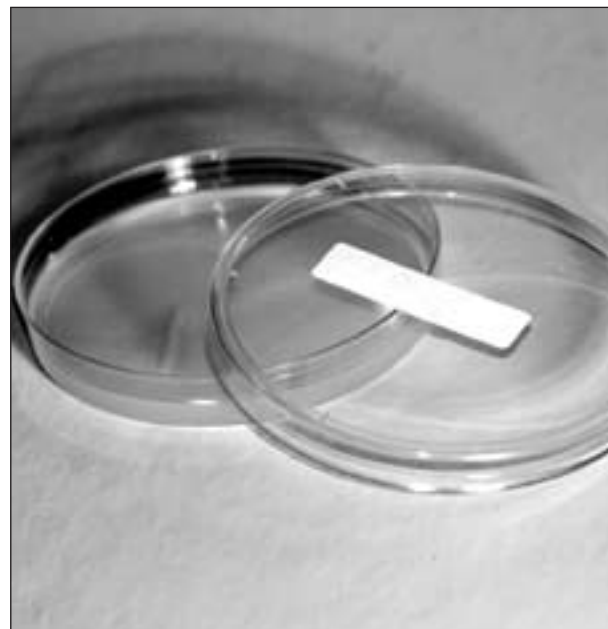
# Aprendizagens em contradição: entre Paulo Freire e o cientificismo

Há alguns meses, participei de um programa de televisão veiculado pela TV Educativa do Brasil. Minha participação se enquadrava numa série destinada à discussão sobre a Educação de Jovens e Adultos e versava sobre o problema da não continuidade da ação educativa após os processos de alfabetização desses adultos excluídos do sistema regular de ensino. Professoras de todo o país encaminhavam perguntas sobre o tema para as três “especialistas” presentes. Causou-me forte impressão perceber como as professoras, todas adeptas das idéias de Paulo Freire, nos encaminhavam perguntas nas quais o pensamento dominante sobre a escola, o processo ensino-aprendizagem e a sua função social se evidenciava, numa contradição flagrante com aquilo que dizia Freire.

Ou seja, aquilo que elas aprenderam em sua formação e em seus estudos, embora tivesse, para elas e em seus discursos, moldado o seu pensar, não tinha força suficiente para superar as aprendizagens não oficiais, longe dos processos formais de ensino, que levam muitos de nós, que atuamos nas escolas, a “saber”, por exemplo, que uma turma heterogênea é um problema para o professor, mesmo para aqueles que acreditam, com Freire, que a escola deve se aproximar da vida cotidiana, na qual não existe homogeneidade nem de idade, nem de saberes,

nem de comportamentos, crenças e valores. Aprendemos também, e as professoras nos traziam inúmeras perguntas que evidenciavam isso, a “saber” que a teoria deve aplicar-se à prática e as falhas desta última se associam aos problemas de compreensão da primeira. A angústia evidente diante da incapacidade dos alunos de entender o que ensinavam perturbava o sono das professoras que acreditavam que se “aplicamos” os conteúdos corretamente e os alunos não aprendem, é porque não são capazes de entender. O que fazer, nos perguntavam elas? O que responder, perguntávamo-nos nós? A idéia freiriana, defendida por todas, da dialogicidade entre os diferentes saberes como forma de se encaminhar o processo ensino-aprendizagem chocava-se contra a de “educação bancária” que está subjacente à angústia diante do fracasso do processo de “aplicação” de conteúdos. Como poderíamos, freirianamente, dizer-lhes do nosso não saber a respeito da solução? Da não aplicabilidade de conteúdos ou de teorias à prática e da necessidade do desenvolvimento de um trabalho único e dialógico com cada aluno e com cada turma? Isso lá é resposta?

Elas também “sabiam” que “é preciso superar o senso comum” através do acesso ao saber científico. Aqui teríamos encontrado, finalmente, o pensamento de Paulo Freire! Ainda não, creio eu, porque, ao contrário de Freire e da idéia de que, partindo-se do que o aluno já sabe, através do diálogo entre esses saberes e os saberes formais, a educação poderia levá-los a uma mais ampla e capacitada leitura de mundo, a negação do status de saber aos saberes dos jovens e adultos a serem escolarizados



IE / FN

e o seu entendimento como ignorância, deixava entrever os tentáculos do cientificismo moderno e sua crença de que o conhecimento só o é quando produzido dentro dos padrões da ciência.

Tanto nós, os entrevistados, quanto as professoras que nos questionavam aprendemos fora da escola coisas que criam, difundem e realimentam, preconceitos e processos de exclusão através da hierarquização social e cultural entre sujeitos e saberes. Vencê-las, desaprendendo-as, não é possível apenas pela aprendizagem na escola, é preciso que valores diferentes destes estejam, também, fora da escola, na vida de todos nós, na sociedade.

### FORA da escola

Inês Barbosa de Oliveira  
Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, e coordenadora do grupo de pesquisa “Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar”, do Laboratório Educação e Imagem

A eleição presidencial mostrou um resultado equívoco: a maioria esmagadora dos portugueses (os que não votaram no candidato eleito e os que se abstiveram) tem um presidente que não escolheu. O que, desde logo, leva a uma conclusão: nenhum dos candidatos respondia a todas as expectativas. O que também leva a uma interrogação patética: será porque Portugal não tinha melhor para oferecer ou porque os portugueses desejavam o impossível? Admita-se que um número pouco relevante (?) de eventuais votantes não exerceria nunca o seu direito de voto por lhe ser indiferente quem quer que fosse o representante da Nação.

Um eleitorado tão dividido e displicente é realmente patético. Dirão alguns que um dos valores da democracia é

cem anos, com experiências em cães, mas, se fosse hoje, ele teria a investigação facilitada vendo como a publicidade e a propaganda, através de palavras e imagens, actuam sobre o sistema nervoso central do público.

Lamentavelmente, a campanha eleitoral não foi tribuna de toda a verdade que se exigiria de quem se propunha ser a “voz” e o “espírito” de todos os portugueses. Convenhamos que isso seria difícil, porque os portugueses são muitos e tão variados como os seus pessoais interesses. Dificuldade acrescida quando, pela ausência de um projecto, estratégia ou filosofia nacional, que a todos mobilizasse por uma superior razão, cada votante escolheu o candidato que melhor se adequava à realização dos seus particulares interesses, da sua classe ou grupo social.

Quantos candidatos, quantas vezes e com que ênfase, falaram em povo, pátria ou nação, demonstrando assim serem imunes às colagens dos rótulos político-partidários que confundem o patriotismo (amor à pátria) com o nacionalismo (chauvinista e xenófobo)?

Apenas um deles, salvo erro, identificou “o país” (termo cómodo por insusceptível de suspeições) como pátria e nação. Sendo uma figura declaradamente da esquerda, na qual ninguém de bom senso veria emergências da direita, não teve pruridos em imprimir no seu discurso patriótico o sentido exacto que àquelas palavras confere qualquer dicionário.

Nesta “ousadia” de desafiar as conotações e os anátemas não se pode ignorar um sentido e uma direcção. O sentido é o de que as pátrias e as nações existem a despeito da rasoira cultural da Globalização mercantilista e a direcção é a que aponta para o horizonte onde o Multiculturalismo não é um corpo difuso, sem forma nem conteúdo, mas um conjunto concertado das partes componentes.

No contexto desta campanha eleitoral, viu-se apresentado como vector do próximo destino português o



Adriano Rangel

## Rescaldo de uma eleição equívoca

### EM PORTUGUÊS

Leonel Cosme  
Investigador, Porto

o direito de votar (mesmo que seja em branco, como efabulou José Saramago) e não votar. Não é assim em todas as democracias: países há em que votar é um dever que se não for cumprido é punível. E compreende-se: que direito de criticar, protestar ou reclamar contra o estado da Nação ou do seu mais representativo magistrado teria aquele cidadão que desprezou ou abdicou do seu primeiro direito de cidadania?

A democracia tem as costas largas, como soe dizer-se, e a cidadania muitas vezes não passa de um chavão que esconde o seu contrário. Juntas as perversões desses valores sacramentais, fica o campo aberto para os fari-seus e os bufarinheiros que vendem e apregoam a qualidade das suas lebres, sendo gatos, ou prometem curas com chás milagrosos, sendo inócuos capins.

Em campanhas eleitorais são comuns as falsidades e as ilusões, umas vezes porque é escondido o rabo do gato, outras, porque o melhor das mezinhas está na convicção da sua eficácia. Mas se perguntarmos como funciona o poder da sugestão a um publicitário do Primeiro Mundo ou a um curandeiro do Terceiro eles dirão (ou não, porque o segredo é a alma do negócio) algo parecido com o “postulado” de Pavlov sobre os reflexos condicionados. O célebre fisiologista russo tirou as suas conclusões, há

apagamento do espírito da Nação por imolação ao espírito do Mundo (sabendo-se que, no máximo, só o Grupo poderá ter um “espírito”). Entendida como razão de sobrevivência num espaço fortemente competitivo, essa imolação significa, de facto, disponibilidade para a desnacionalização e o despatriamento, sob o pretexto e os benefícios da submissão aos senhores da Guerra e do Capital, que também envergam os trajos da Paz e do Progresso.

Debalde o presidente cessante fez discursos exortativos sobre a auto-estima dos portugueses; debalde, num dos últimos, ele instou os portugueses a não perguntarem o que poderia Portugal fazer por eles, mas o que poderiam eles fazer por Portugal. Era um desafio geral: aos que, por abandono ou negligência, consentem que o território nacional arda um pouco mais todos os anos; aos que poluem os rios e as nascentes e reclamam por falta de água potável; aos que vendem as propriedades aos estrangeiros e não se importariam de vender todo o país; aos que dizem que Portugal é a Lusitânia e, nesta qualidade, poderia ter vantagens em ser mais uma região da Hispânia, etc. etc.

Que pensariam disto os tchetchenos, os azeris, os palestinianos, os povos africanos e ameríndios detentores de uma língua e uma cultura próprias, que podem não saber que o Eclesiastes já dizia, há milénios, que tudo passa, menos a terra, mas não empenham, trocam ou vendem aquela sua onde foram sepultados os antepassados e continuam a nascer os filhos, e não se importam de morrer lutando para terem o direito de dizer como o Poeta angolano: “Nós somos.”?

Provavelmente pensariam que só valoriza a pátria quem dela foi expulso ou nela foi escravo. E que só os ricos e os poderosos podem dispensar a honra e o privilégio de terem um chão das raízes.

### GUERRAS

## Apoio à guerra diminui nos Estados Unidos

Um recente inquérito realizado nos Estados Unidos pelo instituto de sondagens Gallup mostra que mais de metade dos americanos considera ter sido um erro o envio de tropas para o Iraque, onde já morreram mais de 2100 soldados deste país, e que o governo de George Bush enganou deliberadamente os americanos sobre a suposta presença de armas de destruição em massa no Iraque. De acordo com os dados da sondagem, um número crescente de americanos teme que os Estados Unidos sejam

obrigados a manter uma presença a longo prazo no Iraque. Em Janeiro deste ano, 33 por cento acreditavam que as tropas americanas iriam permanecer por mais de três anos no Iraque, contra 29 por cento em Dezembro.

“Existe claramente uma reavaliação da participação no conflito, inclusivamente nos tradicionais redutos do Partido Republicano”, diz James McCann, professor de ciências políticas da Universidade Purdue.

Fonte: AFP

## COMISSÃO EUROPEIA QUER ENCORAJAR ESPÍRITO EMPRESARIAL NA ESCOLA

A Comissão Europeia quer encorajar o espírito empresarial junto dos jovens europeus, desde a escola primária até à universidade, encorajando-os, nomeadamente, a criarem “empresas juniores” prestadoras de serviços. Sublinhando que “a capacidade da União Europeia (EU) em relevar com sucesso os desafios da competitividade e do crescimento económico dependem largamente da vontade de promover a criação de empresas”, Bruxelas aposta assim na sensibilização dos europeus para esta opção de carreira desde a mais tenra idade.

A Comissão recomenda, entre outras medidas, a cooperação entre os estabelecimentos de ensino e o tecido empresarial ou a criação de “mini empresas” desenvolvidas por estudantes, pequenos e grandes. “O espírito empresarial, isto é, a aptidão de um indivíduo de passar das ideias aos actos, aceitando os riscos inerentes e concretizando os seus objectivos pessoais”, é uma “competência chave que todos os cidadãos deveriam possuir”, afirmou recentemente o comissário europeu da educação, Jan Figel.

Nesta perspectiva, Bruxelas cita como exemplo alguns projectos em curso na UE. No Luxemburgo, por exemplo, os alunos de 11 e 12 anos aprendem a tomar o gosto aos negócios usando como referência uma conhecida personagem de banda desenhada – Boule, da dupla “Boule e Bill” – que, para ganhar dinheiro para comprar uma bicicleta, se esforça por desenvolver uma actividade lucrativa simples.

No mesmo sentido, mais de 200 mil alunos na União Europeia participam regularmente na iniciativa “empresas júnior”, tendo criado já produtos como uma almofada vibradora, que substitui o tradicional despertador, e serviços, como a ocupação dos tempos livres para os idosos ou a lavagem de barcos.

A este propósito, o comissário europeu para as empresas, Günther Verheugen, já afirmou que “devemos adoptar uma linha de conduta sistemática no que se refere à formação empresarial, desde a escola primária até à universidade”.

Fonte: AFP

O assunto é bem conhecido: abre noticiários televisivos e tem andado em caixa alta nos jornais. Para além da apreciação sobre os meios que cada uma das partes está a usar para defender a sua ideia, o que parece mais estimulante é a discussão sobre os valores que estão subjacentes a esta polémica. É minha convicção que esta discussão tem implicações não negligenciáveis na escola – e na nossa escola em Portugal – e é a isso que me vou referir.

Talvez começássemos por resumir as posições extremas desde debate. De um lado encontram-se os defensores da “liberdade de expressão” ocidental. Assumem que esta liberdade é uma imprescindível conquista do viver político e (ainda que por vezes lamentando a forma como foi feita...) aprovam que os cartoons tenham sido publicados e republicam-nos como parte de um combate pela liberdade de expressão que estaria ameaçada. Alguns matizes desta discussão não deixam de insinuar que os árabes vivem sob sistemas políticos que, em resumo, são inferiores à “nossa democracia”. Assim, a veemente resposta que estão a dar é uma reacção digamos reaccionária e portanto de qualidade inferior. Uma prova que os valores ocidentais seriam superiores é que no Ocidente se podem fazer e publicar caricaturas de Deus, de Jesus e dos profetas sem que nada de grave se passe (só umas escaramuças?). Do outro lado, encontramos posições que acham inaceitável que se tenha desrespeitado não só a religião mas a matriz dos Estados islâmicos. Na verdade, muitos estados não são só islâmicos de religião mas são “estados islâmicos” isto é, Estados em que a religião influencia directamente a legislação, a governação, a justiça, etc. Afirmam que não se pode insultar as suas crenças essenciais e sagradas e a sua organização social e, lá pelo Ocidente não ter convicções (ou ser muito

Magalhães, A. (2001) “A incomensurabilidade da diferença e o anti-anti-etnocentrismo” in: David Rodrigues (org.) “Educação e Diferença”, Porto Editora. Porto). O mundo globalizado está na opinião de Geertz a converter-se num bazar, visto como um lugar que acolhe e valoriza a diferença e a diversidade e em que as culturas são valorizadas em função da sua igualdade e sem qualquer ambição hegemónica ou de superioridade.

Em termos da educação inclusiva, a ideia de bazar tem, ao nível do discurso, muitos apoiantes: “todos iguais, todos diferentes”, “ser diferente é que é bom” ouvimos dizer a cada passo. O discurso de professores e de responsáveis educacionais faz crer que a vida na escola, os valores de convivência e o conhecimento são fruto da diversidade e da negociação que se pode encontrar num bazar árabe. Mas... (o problema são os mas...) as práticas são muito diferentes. Este bazar ideal é rapidamente confrontado com problemas



IE / FN

## “Os cartoons dinamarqueses e a escola inclusiva”

difícil encontrar um consenso sobre elas) isso não significa que elas tenham deixado de existir. Se o Ocidente se tornou descrente e cínico sobre as crenças isso não lhe dá ética para desrespeitar os que crêem. São estes, em síntese, os argumentos dos campos em confronto.

As implicações desta polémica para a educação são evidentes. Quando se defende que a escola deve levar em conta a cultura, os valores e práticas dos alunos e não se apresentar como única e decisiva detentora do poder e da “verdade”, estamos à procura de uma posição de equilíbrio entre posições que, extremadas, teriam argumentos semelhantes aos da polémica dos cartoons (a escola comportar-se-ia como um estado islâmico). Uma das posições que procuram encontrar um equilíbrio entre estas posições opostas é a metáfora do mundo globalizado, não como um conjunto de clubes exclusivos, mas como um bazar, metáfora esta proposta por Clifford Geertz (cf: Stoer,S.,

de uma ordem superior: o currículo, os objectivos mínimos, as formas conhecidas de saber e de aprender. Em suma, e continuando a usar a metáfora do bazar, não basta saber o que lá se vende, o que se troca, o que se negocia e o que se diz: em breve alguém nos lembrará que este bazar se faz num determinado território, sujeito a uma certa legislação e que por isso haverá práticas que não se podem desenvolver nele, que há produtos que não se podem comercializar, que há coisas que não se devem dizer, etc. O bazar, afinal, é só livre para o olhar de um turista deslumbrado mas já não o é para quem lá faz a sua vida.

A “bondade” da metáfora do bazar é semelhante à da defesa da educação inclusiva ao nível dos princípios. E se for só ao nível dos princípios é só uma bondade condescendente. Não é possível discutir os cartoons dinamarqueses ou a educação inclusiva sem se partir de um quadro de poder: quem o tem, como o exerce e sobretudo, qual é o trajecto, a mediação e a negociação que é preciso haver para passar de um etnocentrismo arrogante para uma posição de respeito pelas diferenças.

Esta mudança não poderá, assim, ser feita sem colocar a questão do poder, “fazendo de conta” que ele não existe ou até fingindo que ele está do nosso lado. Não esquecer: para montar um bazar é preciso falar com a junta de freguesia...

### A ESCOLA que (a)prende

David Rodrigues  
Universidade Técnica de Lisboa. Coordenador do Fórum de Estudos de Educação Inclusiva

Regina Gouveia, professora e poetisa,  
à conversa com a PÁGINA

## “Não basta saber muito de Física, é preciso saber criar o gosto pela aprendizagem nos alunos”



IE / BO

**Regina Gouveia é professora de Física na Escola Secundária Carolina Michaelis, no Porto. Licenciada em Físico-Químicas pela Universidade do Porto (UP) e Mestre em Supervisão pela Universidade de Aveiro, dedica uma parte da sua carreira à formação de professores e colabora pontualmente com o Departamento de Física da Faculdade de Ciências da UP. Autora de livros didáticos para o ensino da Física, Regina Gouveia tem também publicado na área da poesia e da ficção. No âmbito do Ano Internacional da Física, foi recentemente contemplada com o prémio Rómulo de Carvalho, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Física, e agraciada pelo Presidente da República, Jorge Sampaio. Nesta entrevista, explica porque razão considera o ensino da Física pouco popular entre os alunos portugueses, critica algumas das mais recentes medidas do Ministério da Educação e aponta algumas sugestões para incentivar o gosto pela aprendizagem das ciências.**

**Que motivos encontra para que a Física seja, em geral, tão mal amada pelos alunos portugueses?**

Em primeiro lugar porque ela é menosprezada a nível superior. De outra forma, não se explicaria que a Física se tivesse tornado numa disciplina opcional.

Em segundo lugar porque se ensina mal a Física, transformando-a numa mera disciplina de ensino de fórmulas matemáticas e não na compreensão dos fenómenos físicos. Esta ideia é expressa por várias pessoas. Tenho feito alguma investigação neste campo e acho que os professores, embora nem sempre de forma consciente, têm alguma culpa nesse sentido. O simples facto de se disponibilizar todos os dados num exercício, por exemplo, faz com que o aluno não se dê ao trabalho de perceber o que lhe é pedido mas se limite a aplicar uma fórmula que encaixe na sua resolução.

Depois, a actividade experimental nas escolas decaiu muito. Embora se tenha dado um impulso significativo através do projecto Ciência Viva, penso que os professores foram perdendo a capacidade de o mobilizar.

Alguma coisa tem de ser feita. Portugal está na cauda da OCDE no que se refere aos níveis de literacia científica, pelo que se torna urgente incentivar a aprendizagem das ciências. O que está a acontecer actualmente é um autêntico retrocesso.

**Que passaria, então, pelo reforço da componente experimental...**

Sim, mas uma componente experimental que seja encarada seriamente, não como se de uma receita de cozinha se tratasse. Muitas vezes as experiências não passam de tarefas rotineiras, onde nem sempre se percebe bem o seu alcance. Para isso mais vale não fazê-las. A actividade experimental tem interesse se for investigativa, se levar os alunos a reflectir sobre o que vai acontecer, a formular hipóteses, mesmo chegando à conclusão que elas estavam erradas. É todo este processo que gera nos alunos a vontade de querer saber mais.

**As condições de segurança e a qualidade do equipamento também nem sempre estarão à altura desse desafio...**

Relativamente à segurança julgo que ela se colocará sobretudo em relação à Química. No ensino da Física esse risco está praticamente reduzido a zero. Quanto ao equipamento, considero que a nossa escola está muito bem equipada. Mas esse esforço deve partir das escolas, porque é para isso que existem os projectos Ciência Viva.

Actualmente vive-se alguma dificuldade na apresentação de projectos, mas na altura em que o projecto foi lançado nas escolas

– e há que destacar o papel desempenhado pelo ministro Mariano Gago – ele foi um bom impulso para o ensino experimental das ciências. Se os professores e as escolas não fizerem também eles um esforço, parte dessa responsabilidade terá de lhes ser atribuída.

**Não considera que a falta de saída profissional nas áreas científicas possa também ser uma das causas para esse desinteresse?**

Não acredito, porque a falta de saídas, infelizmente, toca a todas as áreas. A Física, deve reconhecer-se, não é uma disciplina fácil, já que requiere alguma capacidade de abstracção. Os alunos referem frequentemente que não gostam de Física porque não tem utilidade prática na sua vida, quando, se virmos atentamente, ela está presente em muitos actos diários. Mas, mais uma vez, penso que essa perspectiva é consequência de tentar reduzi-la à mera aplicação de fórmulas matemáticas. Dessa forma, o aluno não vê, naturalmente, como ela pode estar relacionada com o seu quotidiano.

**Aulas de substituição não têm mais valia pedagógica**

**A propósito da carga horária não lectiva dos professores das áreas de ciências, sugere que esta deveria ser aproveitada em favor da preparação e optimização dessa componente experimental...**

Sim, até porque por vezes são necessárias muitas horas de trabalho para optimizar uma experiência. Não seria preferível que em vez de os professores estarem muitas vezes nas escolas sem fazer nada – porque muitas vezes é isso mesmo que se passa, é estar-se de braços cruzados sem fazer nada – investissem esse tempo em trabalho conjunto, a preparar experiências, a pensar em projectos?

**Defende também que as aulas de substituição seriam “pedagogicamente muito mais correctas e eficazes” se contassem com a oferta de projectos em que os alunos se pudessem inscrever. Confirma esta ideia?**

Sim, e nesta escola existem projectos, mas dir-se-ia que há uma espécie de boicote para os travar... Um espaço chamado Ciência Aberta da Física, por exemplo, que praticamente não recebe ninguém, porque não é suficientemente divulgado. Quando a maior parte admite que as aulas de substituição são uma autêntica “tortura”, espaços como este poderiam constituir uma boa alternativa. Mas para isso seria necessário que os



IE / BO

professores o sugerissem aos alunos, o que não acontece.

No nosso país, onde tão pouca gente tem acesso à cultura, as escolas não têm oferta de actividades na área da música, da dança, do teatro... Penso que seria uma boa forma de garantir o crescimento integral dos alunos de que tanto se fala. De que adiantam, de facto, aos alunos estas aulas de substituição, se não puderem ser preenchidas com algo de interesse?

**Qual pensa ser a verdadeira intenção da ministra da educação ao decretar as aulas de substituição?**

Eu acho que a ministra não tem objectivos concretos quando aprova medidas como as aulas de substituição. Porque se a intenção é acabar com o absentismo, ela não irá consegui-lo. A qualidade da ocupação dos tempos mortos dos alunos não melhorou. Só consigo ver nela uma medida economicista, porque do ponto de vista pedagógico não resulta em nada.

**Sei que a escola secundária Carolina Michaelis tem alguns projectos de parceria com algumas escolas de outros países europeus. Tem conhecido boas práticas a partir do relacionamento que tem estabelecido com esses professores?**

A situação não é muito melhor nos outros países. A inovação e a iniciativa partem geralmente de núcleos isolados de escolas e de professores, mas acabam por não ter repercussão e perder a sua expressão. Em França verifica-se inclusivamente um fenómeno paradoxal: quanto melhor é a classificação atribuída a um professor na nota final de curso, menos turmas ele terá a seu cargo. Ora, teoricamente, isto é um absurdo.

Por outro lado, neste país não existem horários desdobrados, o que faz com que as actividades experimentais e de investigação desenvolvidas

por estes professores não sejam contabilizadas no seu horário. É muitas vezes fora do horário lectivo que tanto professores como alunos se disponibilizam para este tipo de tarefa.

Em Espanha, a situação nas escolas também não é muito diferente. Mas lá existe uma maior divulgação das ciências nas escolas, principalmente ao nível da variedade e da qualidade das publicações de carácter científico.

**Trabalha também na área da formação de professores. Partindo da sua experiência, pensa que a componente prática é suficientemente valorizada na formação dos docentes?**

Não. Penso que a formação de professores deveria contemplar mais a vertente prática, porque quando chega a altura de os jovens professores aplicarem os seus conhecimentos têm grandes dificuldades. É que não basta saber muito de Física, é preciso saber criar o gosto pela aprendizagem nos alunos. E não é através de fórmulas matemáticas que isso se consegue, dessa forma a mensagem não passa.

**Poetisa premiada**

**Escreveu um livro intitulado “Se não fosse professora de Física... Algumas reflexões sobre práticas lectivas”. O que a levou a escrever este livro?**

O título desse livro foi inspirado numa entrevista onde perguntavam a um professor o que ele gostaria de ser se não fosse... professor. Ele respondeu que gostaria de o ser. Comigo passa-se o mesmo: se não fosse professora de Física gostaria de o ser.

O livro é escrito no sentido de demonstrar que ser-se professora de Física pode ser uma actividade muito interessante, abordando práticas lectivas na perspectiva do quotidiano, demonstrando conceitos não a partir do abstraccionismo total mas a partir de ex-

periências concretas que evoluem para fórmulas em função do nível etário dos alunos, etc. Fazer com que um miúdo saiba, por exemplo, calcular a densidade de um material a partir de um pacote de leite...

**Para além da didáctica, dedica-se também à poesia e à ficção. Nesse âmbito, ganhou recentemente o prémio Rómulo de Carvalho, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Física. Sei que doou parte da verba para instituir o prémio “Física na Escola”. Pode contar-nos melhor a história deste projecto?**

Curiosamente, o prémio foi-me atribuído a mim e a outros dois professores que foram meus estagiários aqui na escola. Fiquei, por isso, duplamente satisfeita. É sinal de que algo frutificou...

De resto, disponibilizei parte do prémio no sentido de motivar os alunos para a aprendizagem da Física. Assim, ao longo dos próximos cinco anos, o melhor aluno de Física do 12º ano da escola Carolina Michaelis – com a condição de não obter uma classificação inferior a 16 valores – será contemplado com um prémio de 400 euros.

Apesar de já haver um regulamento, a concretização deste concurso está ainda dependente da aprovação do Conselho Pedagógico.

**Foi também agraciada com a Comenda da Ordem da Instrução Pública pelo Presidente da República Jorge Sampaio...**

Quando me ligaram a comunicar-me a intenção do Presidente da República em condecorar-me devo confessar que, ao princípio, julguei tratar-se de uma brincadeira. Só quando o Conselho Executivo me comunicou o facto oficialmente eu acreditei. Mas costume dizer que essa distinção se deve, em grande parte, ao acaso, já que se não tivesse sido comemorado o Ano Internacional da Física essa distinção não me teria sido, com certeza, atribuída.

**FACE A FACE**

Entrevista  
conduzida por  
Ricardo Jorge Costa



Ana Alvim

Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

## “Desporto é proximidade”

Há professores que fazem desporto antes da hora do almoço num convívio salutar e fora do horário, mas dentro do local de trabalho. Pelos corredores os alunos andam de fato-de-banho, t-shirt e calções, em pleno Inverno. Quem chega de manhã bem cedo à faculdade vê sem distinção alunos e professores a correr em torno do edifício principal. Estranha-se que a par das habituais casas-de-banho existam ainda balneários. É assim a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Nome recentemente alterado para celebrar este mês 30 anos de existência. Imagem revestida de um verde garrido. “Somos muito físicos porque o desporto é proximidade”, diz Rui Corredeira, membro do Conselho Directivo, para explicar a “informalidade” do ar que se respira.

Formam-se professores e não atletas. É uma frase repetida vezes sem conta. Ainda que muitos atletas profissionais frequentem o curso como uma alternativa ao fim de uma carreira desportiva. É o caso de Carlos Fonseca, 21 anos, futebolista. “O curso será um meio de assegurar o meu futuro”, diz enquanto o fazemos interromper uma aula de voleibol. “Sou um profissional, mas é mais seguro continuar a licenciatura”.

Nos dois primeiros anos, a estrutura curricular do curso de Desporto e de Educação Física divide-se em cadeiras de estudos teóricos e práticos das mais diversas modalidades desportivas: natação, basquetebol, voleibol, futebol, andebol, ginástica artística, atletismo. A partir do terceiro ano surgem três opções de especialização em Desporto de Rendimento, de Reeducação e Reabilitação ou de Recreação. “Que podem ajudar os alunos a desenvolver trabalho noutras áreas que não a do ensino”, explica Jorge Olímpio Bento, presidente do Conselho Executivo. No quinto ano os alunos são integrados em projectos que a faculdade desenvolve sob a prestação de serviços externos. É a componente prática do seminário à qual se acrescenta o estágio pedagógico.

A par da licenciatura de cinco anos, a faculdade aposta forte na formação pós-graduada. Sete mestrados: Actividade Física Adaptada, Actividade Física e Saúde, Actividade Física para a Terceira Idade, Desporto para Crianças e Jovens, Gestão Desportiva, Treino de Alto Rendimento Desportivo e Desenvolvimento Motor. Isto, até novas indicações tendo em vista a implementação do Processo de Bolonha. A reestruturação é aguardada. Mas

não desejada. “Sou manifestamente contra!”, assume Jorge Olímpio Bento garantindo a mesma posição pela “quase totalidade” dos professores da faculdade. “O Processo de Bolonha é uma grande machadada na formação superior aprofundada e alargada”, critica. E continua: “Só por um daqueles milagres inexplicáveis é que alguém acredita que reduzindo os anos de formação se melhora a sua qualidade!” Por isso, estando a reestruturação definitivamente decidida, caberá à faculdade “minimizar-lhe os efeitos”, diz o professor Jorge Olímpio Bento.

### Quando estudar é treinar

Entramos no Pavilhão de Ginástica Desportiva. O espaço é amplo e está repleto de aparelhos: as paralelas simétricas e assimétricas, a barra fixa, as argolas, o cavalo com arções, a trave, o trampolim e o estrado de movimentos livres. Uma turma feminina no 1º ano pratica saltos no trampolim. As aulas práticas são dadas em turmas separadas “devido à especificidade de algumas modalidades”, explica-nos Carlos Araújo. No exame cada aluna terá de fazer sete saltos

e executar a cada um, uma “figura” diferente. Estudar para um destes exames significa “treinar”. E implica a utilização dos aparelhos. É o que fazem dois alunos no estrado de movimentos livres. Estudam. “Desde que não incomode a aula, um aluno pode usar as instalações a qualquer momento para treinar”, diz Carlos Araújo, professor de ginástica.

Mudamos de espaço. Aula de voleibol a uma turma de 2º ano masculina. Os alunos treinam como fazer blocos. “Ensinamos como ensinar”, diz Rui Faria, professor daquela modalidade. E esclarece: “Enquanto futuros professores, terão de ser capazes de identificar o porquê de um aluno não conseguir fazer determinado movimento e saber como o corrigir.” O ensino de uma modalidade divide-se então em duas partes. Na didáctica, ensinam-se a fazer os remates, serviços, passes, apoios, a posição correcta do tronco nos diferentes movimentos. Na prática, “o meio mais adequado de ensinar é pôr a pessoa a jogar”.

Vamos para o exterior da faculdade. Apanhamos a turma feminina que há pouco estava no ginásio, junto ao relvado sintético. Preparam-se para uma aula de futebol. “Os alunos gostam de todas as modalidades”,





Ana Alvim

garante José Santos, professor de atletismo. Ainda assim, um dia de aulas implica uma forte “disponibilidade motora para aprender”, conclui.

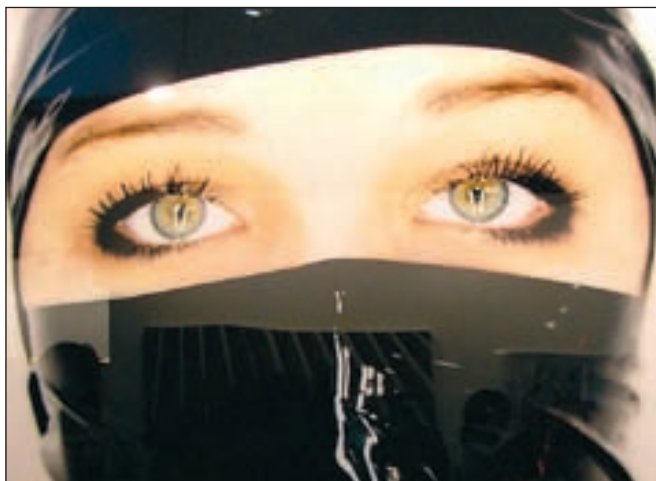
### Contas à investigação

São várias as áreas onde se produz investigação na Faculdade de Desporto. Para além da pesquisa inerente aos mestrados e doutoramentos, cuja frequência no presente ano lectivo é de 405 alunos, a faculdade presta serviços externos nos laboratórios que dispõe. Resultando daqui parte dos seus projectos de investigação. “As faculdades têm de corresponder às exigências do mundo exterior”, diz Jorge Olímpio Bento. Mas, ressalva: “Muitas vezes, é esse mundo exterior ou laboral que não está interessado nos conhecimentos produzidos pelas faculdades.” A provar este desinteresse, no entender do presidente, “o facto de os mestrados e doutorados não terem prevalência sobre outro tipo de quadros quando se trata de ocupar cargos”. A agravar um certo desconhecimento geral sobre o que se produz ao nível da investigação na área do desporto. Para colmatar essa falha percorremos, na companhia de Rui Corredeira, membro do Conselho Directivo, o longo corredor que acolhe os espaços físicos da investigação. São laboratórios equipados com uma panóplia de aparelhos e gabinetes mais vazios de apetrechos, mas com o essencial: computadores e livros. Porta a porta, a visita vai interrompendo o trabalho dos investigadores. Como o de José Soares, coordenador do laboratório de Fisiologia do Desporto que resume assim o trabalho desenvolvido: “Fazemos uma avaliação da capacidade cardio-respiratória e das limitações do ponto de vista físico para perceber até que ponto os atletas são ou não mais susceptíveis a determinado tipo de lesão.” Os dados recolhidos são usados pelos treinadores para melhor preparar os atletas e obter algum aconselhamento para o treino. Entramos no laboratório de Biomecânica do Desporto. Um dos casos estudados nesta secção foi a implicação do excesso de peso das mochilas no desenvolvimento das crianças. “A ideia é perceber como se manifesta o movimento e se as forças que o suscitaram estão bem distribuídas pelo corpo”, esclarece Filipa Sousa, assistente. Algo que pode ser feito em crianças, idosos e atletas para os mais diversos fins. No caso dos atletas de alto rendimento é feita uma avaliação das técnicas usadas na prática desportiva, através da gravação de imagens, e procede-se ao estudo da repercussão desse movimento. O objectivo é sempre o de corrigir defeitos ou potenciar desempenhos. Batemos à porta do laboratório de Bioquímica do Desporto. “Os projectos aqui desenvolvidos têm a ver com a inactividade ou o exercício”, explica Rita Ferreira, bioquímica. Uma das investi-

gações em curso prende-se com o estudo da atrofia muscular. “Simula-se o acamamento em ratos com o objectivo de se testarem contra-medidas”, resume Rita Ferreira. Parece simples. Não é. São necessárias várias drogas, o que encarece bastante os projectos. “Não é barato fazer investigação nesta área.” A prova: um anti-corpo pode custar 300 euros e não é suficiente para fazer uma experiência. Apesar de alguns projectos de investigação serem financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, do Ministério da Ciência e do Ensino Superior, o recurso a patrocínios de farmacêuticas para a obtenção de drogas é um modo de contrariar a falta de recursos. Não apenas para a realização da investigação em si, mas também a manutenção dos laboratórios. Haja motivação. É o que não falta no laboratório de Psicologia do Desporto. Estudam-se as competências psicológicas na actividade física e desportiva. Questões ligadas à ansiedade, concentração, motivação, determinantes no rendimento dos atletas. Mas também a relação treinador-atleta. Fora da competição, estudam-se os hábitos e preferências da actividade física e desportiva de crianças, jovens e adultos. “O objectivo é analisar e intervir”, resume Cláudia Dias, assistente. Cineantropometria. “O nome deste laboratório é complicado”, avisa André Seabra, assistente, antes de explicar que nele se estudam questões ligadas à composição corporal, ao crescimento somático, à maturação biológica e à genética quantitativa. Outra vertente de trabalho é o apoio às aulas na área da estatística: “Fornecemos aos alunos ferramentas que lhes possibilitem o tratamento da informação no âmbito das suas próprias investigações.” Deixamos os laboratórios.

### Serviços à comunidade

Visitamos o gabinete de Recreação e Tempos Livres. Foi daqui que saiu o projecto responsável pela “ginástica” de Teresa Barbosa, 77 anos. Fomos encontrá-la na sala da musculação a fazer bicicleta. A sua rotina desportiva impressiona: “À segunda e quarta faço ginástica, à terça e quinta faço musculação e à sexta hidroginástica.” As vantagens são notórias. “Às vezes estou cheia de dores de cabeça e nas costas, saio daqui e já não me dói nada!” Outro dos programas realizados é dirigido a crianças obesas. Duas vezes por semana, vinte crianças utilizam as instalações da faculdade para fazer actividade física. “Há uma preocupação em não passar a ideia de que estão a praticar exercício para perder peso, mas antes despertar o interesse pelo desporto”, esclarece Paula Santos, uma das coordenadoras do programa sobre os seus objectivos. Ainda tendo como destinatários crianças e jovens em idade escolar, um outro projecto foi iniciado em 1998 onde se estudam os factores de risco de doenças cardiovasculares. O programa implica a avaliação física ao nível do colesterol, triglicéridos, pressão arterial, composição corporal e uma recolha de informação através de questionários sobre hábitos de saúde dos alunos destinatários e dos seus pais. A cada quatro anos é feita uma reavaliação. É a fase mais complicada. “Perdem-se quase metade das crianças avaliadas da primeira vez ou porque mudaram de escola ou já entraram na faculdade”, lamenta José Ribeiro, coordenador do projecto. A receptividade das escolas nem sempre é a desejável e “estes projectos só podem funcionar se ela existir”, acrescenta o coordenador, pedindo, por isso, uma atenção especial a quem dirige os estabelecimentos de ensino. Neste momento estão em curso contactos para o início de uma nova fase do projecto no concelho de Matosinhos. É o gabinete a que pertence o nosso guia, o último a ser visitado. “Dez por cento da população mundial tem algum *handicap* e cada vez há mais idosos”, refere Rui Corredeira para sublinhar a importância do trabalho desenvolvido na área da Actividade Física Adaptada. É a dar uma aula de exercício adaptado a autistas que encontramos Natália Correia, professora. O trabalho que desenvolve é assim descrito: “Em termos motores pode não haver grandes alterações, mas em termos sociais os autistas são muito fechados, por isso, só o facto de estarem uma hora com alguém que não conhecem a responder a solicitações já é muito bom!” Para além do trabalho com associações de apoio a pessoas com deficiência, existem também projectos em escolas dirigidos a alunos com necessidades educativas especiais. Esta diversidade ao nível da investigação e dos serviços externos prestados pela Faculdade de Desporto à comunidade mostram algo que o presidente do Conselho Directivo da Faculdade, Jorge Olímpio Bento não se cansa de repetir. Que “o desporto é polissémico e polimórfico!” E que, como nota Rui Corredeira, “não se cinge apenas à notícia sobre a nova cor do equipamento da Selecção Portuguesa de Futebol”.



Júlio Roldão

# Madrid por altura da ARCO 06

**BREVE**

Júlio Roldão  
Jornalista, Porto

Por onde passa a Avenida da América, em Madrid? Não sei, só sei que não é longe das Puertas onde o Sol nunca se põe, num permanente movimento que alguns ainda chamam, com razão e com emoção, de “movida”. Às duas de uma noite de Fevereiro p.p., em pleno fim-de-semana da Feira de Arte de Madrid, vulgo ARCO, a rua, cheia de gente, apetece, nos seus 9 graus centígrados de temperatura. Há muito que não me sentia tão livre, tão cidadão, apesar de quase toda a Europa estar a tiritar de medo e de frio.

De regresso à Pensão Barata (nome fictício, como convém), passamos à porta do Hotel Puerta America, na citada Avenida da América. “Uma ideia de liberdade feita realidade, um espaço de encontro onde se unem diferentes culturas e formas de entender - a arquitectura e o design. (...) Um projecto único que reuniu 19 dos melhores escritórios de arquitectura e designers do mundo, de 13 nacionalidades diferentes”.

Um luxo de uma dúzia de andares, cuja concepção arquitectónica foi entregue, andar a andar, a um artista ou a uma equipa de artistas diferentes. Como Jean Nouvel, Javier Mariscal, Fernando Salas, Arata Isozaki, Richard Gluckman, Kathryn Findlay, Jason Bruges, Ron Arad, Marc Newson, Victorio, Lucchino, Eva Castro, Holger Kehne, David Chipperfield, Norman Foster, Zaha Hadid, John Pawson, Christian Liaigre, Teresa Sapey, Harriet Bourne, Jonathan Bell, Arnold Chan, Felipe Sa ez de Gordo, Oscar Niemeyer. Uma ARCO permanente.

“Madrid me mata”. E da próxima vez que vá à ARCO, provavelmente em 2008, transformando em bienal esta feira anual, que acabou de celebrar as bodas de prata, quero ficar no Hotel Puerta America, uma noite que seja, escolhendo o quarto em função do decorador e do arquitecto. Na Arco de 2008 vai

falar-se muito em português – o país convidado será o Brasil.

“Il n’y a qu’une vie, c’est donc qu’elle est parfait”, escreveu um dia Paul Eluard, o que foi casado com Elena Diaranoff, russa de nascimento, Gala para os amigos, por quem Salvador Dali, amigo do poeta, se apaixonou definitivamente. Eluard cujo poema à Liberdade (“Et par le pouvoir d’un mot // Je recommence ma vie // Je suis né pour te connaitre // Pour te nommer // Liberté”), o que foi lançado aos milhares, em 1942, por aviões da RAF, como um panfleto, sobre a França ocupada, aterrou agora na fachada do Hotel Puerta America, em várias línguas. Julgo, ou espero, que também em português.

Na sexta-feira da ARCO 06 (decorreu de 8 a 13 de Fevereiro), mal acabados de estacionar, numa rua estreita, ao lado do Museu Rainha Sofia, somos surpreendidos por alguém, vindo de uma casa em restauro, que lança para um contentor do lixo uma reprodução da Guernica de Picasso. A poucos metros da sala 6, do piso 2 do Museu Rainha Sofia, onde reside, permanentemente, o original.

Isto não é uma metáfora: é um apontamento de reportagem que está, aliás, documentado fotograficamente. Como convém. Um apontamento para esta reportagem sobre a ARCO 06 que foi a da despedida de Rosina Gómez-Baeza, como directora da Feira, a que teve a Áustria como país convidado e a que elegeu como obra polémica uma pequena escultura a representar Jesus Cristo com uma bomba na mão.

Outro apontamento: uma galeria de Singapura (a Plastique Kinetic Worms), que não consegui descobrir, trouxe uma Guernica reproduzida num puzzle de 300 peças destinadas a distribuir por 300 visitantes que voluntariamente aceitam devolvê-las na edição da ARCO de 2007. Terão sido fotografados com a peça na mão e já garantiram o bilhete de ingresso na feira do próximo ano. Recorde-se que, este ano, um bilhete para um dos dias mais baratos (o domingo e a segunda-feira) custava 24 euros.

Mais caro que uma cortina 100% polyester, de dois metros por metro e meio, com a reprodução do desenho de modelo humano de Leonardo da Vinci (o das pernas e dos braços abertos, dentro de um círculo) que comprei numa tienda IKEA de Madrid.

## DEMOGRAFIA

### Europeus dependem da imigração para sustentar a natalidade

Apesar dos esforços dos grandes países europeus para aplicar políticas de incentivo à natalidade, a maior parte deles depende da imigração para inverter o declínio demográfico observado nos seus territórios.

A Alemanha, o país mais populoso da Europa, com 82,5 milhões de habitantes, regista desde 1991 um número de mortes superior ao dos nascimentos, mas conseguiu manter um nível positivo até 2004 graças ao superavit migratório. O fenómeno repete-se na Grã-Bretanha, o terceiro país mais povoado da União Europeia, depois da Alemanha e da França.

Até ao final da década de 90, o balanço natural (nascimentos menos mortes) era a principal causa de crescimento demográfico. Porém, desde então, este tem vindo a ser impulsionado pela imigração. Em 2005, a Espanha ultrapassou o tecto dos 44 milhões de habitantes graças à natalidade impulsionada pelos imigrantes estrangeiros.

Em Itália, entre 1999 e 2004, a percentagem de nascimento de crianças estrangeiras em relação ao total de nascimentos passou de 3,9 por cento para 8,6 por cento.

Fonte: AFP

## PODERES DISCIPLINARES ACRESCIDOS PARA OS PROFESSORES BRITÂNICOS

De acordo com um projecto de lei actualmente em discussão no parlamento britânico, os professores deste país poderão, num futuro próximo, vir a ter poder para apreender objectos considerados “inapropriados” ou que possam perturbar as aulas, como telefones portáteis e *walkmans*, e punir os alunos por comportamentos que considerem inaceitáveis, inclusivamente no espaço exterior à escola.

Estas e outras medidas constam de um Livro Branco sobre educação, adoptado em Outubro do ano passado pelo governo trabalhista com o apoio dos conservadores, que tem sido muito criticado não só pelo seu carácter privatizador como, neste caso, pelo grande grau de autonomia que pretende atribuir às escolas em matéria de disciplina. A ser aprovada, a lei fará ainda com que os encarregados de educação possam ser penalizados caso não aceitem a responsabilidade do comportamento imputado aos filhos.

“A falta de respeito e as atitudes irresponsáveis não serão toleradas”, afirmou recentemente a sub-secretária com a tutela das escolas, Jacqui Smith, que se referiu também à possibilidade de os professores utilizarem, se necessário, uma “força razoável” na aplicação das reprimendas aos alunos. Segundo o sindicato de professores NASUWT, uma das organizações que se opõe a este novo código disciplinar, o número de alunos considerados “incontroláveis” tem vindo a diminuir, mas o facto é que os casos de violência escolar, nomeadamente o “happy slapping” (agressão gratuita filmada com telefone portátil) ou a utilização de armas brancas em agressões entre alunos despoletaram o debate sobre este tema nos últimos meses no Reino Unido. O primeiro-ministro, Tony Blair, tem criticado regularmente a “falta de civilidade” no país, tendo posto em prática ou anunciado uma série de medidas no quadro do “Plano de Acção para o Respeito”, apresentado em Janeiro deste ano. Uma delas prende-se com a colocação de polícia de proximidade nas escolas ou a instalação de detectores de metais à entrada de algumas escolas.

Fonte: AFP

**É que a “democratização”  
da sem-vergonhice que vem  
tomando conta do país,  
o desrespeito à coisa pública,  
a impunidade se aprofundaram e  
se generalizaram tanto que a nação  
começou a pôr-se de pé, a protestar.  
Os jovens e os adolescentes,  
também, vêm às ruas, criticam,  
exigem seriedade e transparência.  
O povo grita contra os testemunhos  
de desfaçatez.  
(...) Por outro lado, sem sequer  
poder negar a desesperança como  
algo concreto e sem desconhecer  
as razões históricas, económicas  
e sociais que a explicam, não  
entendo a existência humana  
e a necessária luta para fazê-la  
melhor, sem esperança  
e sem sonho.**

*Paulo Freire, 1992.*



IE / FN

# Ser cidadão em tempos difíceis

Embora o texto e o contexto de que fala Paulo Freire sejam diversos da nossa situação, estes servem de pedra de toque para repensar a nossa realidade. Estamos fartos de exploração e mal-estar sociocultural, queremos justiça e paz, mas as nossas rotinas, não interrogadas, não permitem uma luta eficaz e fecunda contra a indiferença e o conformismo.

A radiografia do país é de todos conhecida – desertificação do interior, superpopulação dos grandes centros urbanos, migrações, guetos, grupos desprotegidos (pobres, desempregados, imigrantes, deficientes, etc.) – e as políticas pró-activas de inclusão não criam condições de cidadania. Ao contrário, assistimos a formas de controlo, domesticação, silenciamento e exclusão socioeconómica – produção de cidadãos sem cidadania – que impedem o pensamento crítico e a participação democrática. Com cortes na educação, saúde e cultura e sem espaços e tempos de aprendizagem da democracia, os motins étnicos, os fluxos migratórios e a revolta do interior profundo podem surpreender as nossas consciências adormecidas.

É imprescindível um processo de consciencialização individual e colectivo, local e mundial para que as nossas vidas e a das outras pessoas sejam de cidadania plena. Ser cidadão é ser pessoa, é ter direitos e deveres, é assumir as suas liberdades e responsabilidades no seio de uma comunidade democrática, justa, equitativa, solidária e intercultural. Tal como refere Juan Saez (1995), ser cidadão não é uma tarefa cómoda, senão muito complicada: as pessoas não nascem cidadãos, mas fazem-se no tempo e no espaço.

Na verdade, não é fácil exercer a liberdade e a cidadania – ser pessoa e ser cidadão –, por isso exige-se uma luta sem tréguas para erradicar assimetrias e exclusões socioculturais e criar cenários de esperança realizáveis, fundamentados em valores e princípios éticos, que requalifiquem a democracia com cidadãos participativos e comprometidos.

Sabemos que este desafio não se faz com uma varinha de condão. Quem conhece e vive as contradições do sistema, sabe que de nada serve remediar, se não assumirmos alterar projectos políticos, socioculturais e educativos que integrem em vez de excluir.

Não há soluções e estratégias pré-definidas. Há grandes temas integradores da acção. Desafios que devem alimentar as nossas esperanças, vivências e aprendizagens quotidianas que nos permitam sonhar com um futuro melhor:

Direitos Humanos;

Democracia requalificada;

Território partilhado (requalificação ambiental, rural e urbana);

Relações significativas e laços comuns – uma cultura intergeracional assente em esteios de liberdade, tolerância, justiça, igualdade, solidariedade – aprender a viver e a conviver com os outros;

Interacções sociais específicas – pedagogia da memória – participação em organizações filantrópicas, programas para sectores específicos da população;

Tradição e inovação (educação, informação, comunicação, formação);

Identidade e diversidade (consciência colectiva);

Cultura solidária e participação comunitária;

Desenvolvimento sustentado – preservação do património comum da humanidade (natural, histórico, social e cultural);

Desenvolvimento de experiências piloto – pontes para o futuro – com equipas multidisciplinares de investigação/acção/emancipação e redes de parceria;

Criação de espaços e colectividades de trabalho, ócio e tempos livres;

Investimento nas TIC como ferramentas potenciadoras da democracia participativa;

Preparação dos cidadãos para o diálogo/reflexão/acção – fórum de diálogo permanente.

Há, no que fica dito, a emergência de transformações profundas, novas políticas, novas dinâmicas para estimular a inovação, a criatividade e a partilha de valores, saberes e poderes, ou seja, uma visão estratégica para a construção da educação para a cidadania.

### EDUCAÇÃO e cidadania

Américo Nunes Peres  
Universidade  
de Trás-os-Montes  
e Alto Douro, Chaves

Para  
Helena Sá e Costa

Nasceu no dia que lhe correspondia, como dizia Charles Dickens no seu texto David Copperfield. Foi-se embora, em meia hora, no dia que ninguém queria. Mas, não ficamos sós, ficamos com ela, na sua música, no seu exemplo de serenidade, de alegria, nos seus concertos e nos seus discípulos, bem dentro de toda essa imensa família: de irmã violoncelista, D. Madalena de Sá e Costa, dos sobrinhos, das sobrinhas netas, e no melhor dos seus discípulos, como Pedro Burmester. Além de mais, já estava entre nós dentro da família musical, como a imensa de Johann Sebastian Bach, a começar pelo seu avô violinista Bernardo Moreira de Sá e dos seus pais, ambos pianistas e professores, Luís e Leonilda, os seus primeiros professores. Era ainda uma menina quando aprende piano, tão nova e já com essa paciência de se sentar todos os dias no pequeno banco para ultrapassar a distância entre o seu corpo e o teclado do piano. Ou, ainda, sentada no colo de um dos pais, deliciada com esse carinho e com o prazer que lhes causava, enquanto observavam a alegria da pequena na música que se ouvia. A menina pianista.

ne de Saint – Saëns, entre outras obras. Porém, Helena casou com a música, com seus discípulos, com os seus versos, a sua autobiografia, os concertos e o ensino. Quem quiser aprofundar, pode ler o seu livro e as críticas jornalísticas, a sua história de vida, os textos de Pedro Burmester, bem como os comentários positivos do dia da inauguração do Teatro Helena Costa, no Porto, há já 7 anos.

Não é da sua biografia que eu queria falar. Era do exemplo da sua teimosia e amor à música, que a levavam a praticar da manhã à noite, que a fez estudar piano na Alemanha e andar pelo mundo só ou com o seu Mestre Fisher a dar concertos. E de como uma menina foi capaz de se fazer uma heroína nacional pela



## A menina pianista

IE / FN

### DA CRIANÇA

Raúl Iturra  
ISCTE-CEAS. Amnistia  
Internacional. Melómano.  
Português, sintaxe e  
comentários de Ana Paula  
Vieira da Silva.

Será que os pequenos são capazes de ter paciência para trabalhar em música, antes ainda de ler livros? De estar horas a mexer com os braços por cima do piano? E as brincadeiras? Quando aconteciam? Ou não brincava? Por onde andava a irmã, que se agarrava a um tremendo instrumento com o dobro do seu tamanho, para aprender e acompanhar? Era um grupo pequeno, fechado, bem amado, amigo dos amigos, com crianças que se distraíam com as da casa Sá e Costa. Uma família normal que fazia música como parte das brincadeiras. Uma família feliz, com escola, com leituras, com colegas de turma, como todos os mais novos de Portugal. Persistente, gostava de acrescentar, os mais pequenos, bons para rir e para as ironias. É o que a própria Helena Sá e Costa me contou, anos atrás. Um sobrinho dela costumava dizer: “A tia teve uma grande carreira, estudava muito, mas tinha muitos amigos e amigas e gostava muito do convívio e da animação”. É simpático pensar como os Costa e os Bach eram famílias musicais, e até nomes semelhantes havia entre eles: a segunda mulher de Johann, tinha por nome Madalena, e há obras dele que lhe são dedicadas, que Helena tocava, dedicando-as a uma irmã e a uma sobrinha neta, com o mesmo nome.

Bem sabemos que as crianças crescem. Dois crescimentos, pelo menos acontecem, o físico e o intelectual. Luís Costa já não tinha duas meninas, tinha duas raparigas. Helena foi aprender mais com Viana da Mota e, a seguir, com Alfred Cortot e depois, na Alemanha com Edwin Fisher. Enquanto a irmã, Madalena, estudava violoncelo com Pau Casals (em Castelhanos e em Catalão, Pau Casals era e é reclamado pela Catalunha). As raparigas eram já mulheres adultas, mas na vida musical, eram ainda crianças. A persistência da prática, permitiu-lhes aprender e crescer. Madalena teve marido e filhos, mas o violoncelo continuou, não só para dar concertos, mas para ensinar a sua própria descendência a brincar com instrumentos. Até ao dia de hoje, mãe e filho tocam O Cis-

sua capacidade de harmonia, pelo seu Concerto Italiano de Bach, pela paciência de ensinar os mais novos a tocar, produzindo assim, os melhores pianistas do nosso meio musical. Criança capaz de entender a vida, mesmo depois do dia em que saiu do lar, para dedicar os seus talentos ao que mais gostava de fazer: a música que deu ao mundo. Não sei se Deus existe, ela pensava que sim. Essa divindade, seja ela quem for, que a faça cantar no coro dos Anjos. Bem-haja, Minha Senhora, que, em menina, se fez pianista e ofereceu-nos a ternura do seu Bach e do seu Mozart, de toda a música Barroca e de Câmara. O meu grande orgulho foi conhecê-la e ouvir as suas Histórias e os seus comentários de pentagrama, que me ensinaram mais melodia. Bem-haja, porque assim outras crianças têm um exemplo de persistência para fazer da música, uma alegria de vida. Muito obrigado dizemos em Portugal, pelo prazer que nos deu e continua a dar. Os Costa estão de festa: todos eles cantam e os mais novos, já estão a aprender. Helena Sá e Costa, heroína nacional.

## MINORIAS

### Brasil discute aprovação de quotas raciais na universidade

A câmara de deputados do parlamento brasileiro aprovou recentemente a instauração de um sistema de quotas para privilegiar o acesso das minorias étnicas ao ensino superior.

Através deste sistema, metade dos lugares nas universidades estaduais estarão reservados a alunos saídos da escola pública e uma percentagem será destinada às populações negra e indígena do país, calculada em função da sua proporção em cada Estado brasileiro.

Esta proposta de lei, avançada pelo Partido dos Trabalhadores (PT), será agora alvo de discussão no Congresso e, a ser aprovada, deverá ser aplicada progressivamente ao longo dos próximos quatro anos.

No entanto, nem todos concordam com os pressupostos em que está baseado o sistema. O presidente da câ-

mara dos deputados, o comunista Aldo Rebelo, por exemplo, propôs um sistema baseado em critérios de pobreza e não nas minorias raciais.

No Brasil, na população com idade superior a 25 anos, um habitante branco em cada dez tem habilitações de nível superior, contra um negro em cada cinquenta.

Fonte: AFP

## CIÊNCIA MOBILIZA CLERO PARA DEFENDER DARWIN PERANTE OS CRIACIONISTAS

A comunidade científica americana quer intensificar os seus esforços educacionais públicos, mobilizando para isso o clero católico e protestante, como resposta ao movimento popular a favor da tese divina da criação do mundo, que nos EUA tem vindo a querer substituir a teoria da evolução das espécies de Darwin pela do criacionismo. No fim de Dezembro, um juiz federal da Pensilvânia considerou que o ensino da biologia que menciona a origem divina da criação do mundo é inconstitucional. Essa decisão foi "uma derrota para os defensores do «desenho inteligente» promovido pelos criacionistas", considerou Eugenie Scott, directora do Centro Nacional para a Educação. Outros conselhos educacionais locais, eleitos nos Estados Unidos, não poderão voltar a impor o ensino da tese neocriacionista nas escolas públicas sem serem imediatamente condenados pela Justiça, considerou Scott, durante a conferência anual da associação americana para a promoção da ciência (AAAS), a maior organização científica mundial.

"Mas isto não significa que a teoria do «desenho inteligente» tenha morrido", acrescentou Eugenie Scott, sublinhando que "este movimento social religioso é agora muito popular" nos Estados Unidos. "Conhecemos este problema há muito tempo, as suas raízes são profundas na sociedade americana e será necessário muito tempo para extirpá-las", acrescentou.

Segundo ela, "a solução está numa melhor compreensão pelo público americano da natureza da ciência e da teoria de Darwin". Para realizar esta tarefa "a comunidade religiosa deve desempenhar um papel importante".

Alguns clero protestante já se mobilizou. Warren Eschbach, professor de teologia luterana na Pensilvânia, participante na conferência científica, já conseguiu o apoio de mais de 10.000 pastores a favor da teoria da evolução. "Uma teoria rigorosa sobre a qual repousa a maior parte do conhecimento humano", destaca na sua petição. Intelectuais católicos também se uniram a este movimento que busca reconciliar Deus e Darwin aos olhos das massas populares americanas. "O desenho inteligente é um movimento que rebaixa Deus a uma espécie de engenheiro", disse George Coyne, sacerdote e astrofísico.

O presidente Bush é um dos americanos seduzidos pela teoria do criacionismo.

AFP

## «E o tempo ainda lhes sobra para cuidar dos filhos e para trazer a casa limpa e esteirada.»

(Raul Brandão, *Os Pescadores*, 1923)

No balanço do século XX, historiadores, cientistas sociais, jornalistas e opinion-makers, dependendo da perspectiva em que se situavam, foram-nos propondo várias sínteses para o dito: século do Povo, da Democracia, dos Totalitarismos, das Guerras, das Mulheres. Inclino-me para esta última (mesmo não integrando essa importante corrente académica, anglo-saxónica, dos *women studies*), e só não a adopto, em definitivo, porque corro o risco de repetição neste em que agora nos encontramos, quando já alguém publicitou a ideia que «o terceiro milénio seria feminino, ou não seria nada».



IE / FN

# Processos emancipatórios das mulheres e o ruir dos pilares civilizacionais (I)

O caso português, neste particular, merece estudo cuidado pelas profundas mudanças operadas, num tão curto período de tempo; nos últimos trinta e cinco anos, o nosso viver quotidiano tem sofrido abalos de tal ordem que atingiram de morte os alicerces em que assentou, durante séculos, a nossa civilização – a gastronomia e a educação. A causa (e estamos conscientes de como é arriscado usar o singular em paradigmas de complexidade) está na alteração do papel da mulher na estrutura funcional da nossa sociedade.

Alimentação e educação são dois inquestionáveis pilares sociais que permitem a reprodução continuada de um agregado humano. Ambas tiveram na mulher o seu sustentáculo. Mães e esposas eram uma autoridade, indiscutível, nestes domínios. Estar em casa, a tempo inteiro, possibilitava-lhes assegurar, com enorme saber e eficácia, essas duas funções essenciais: educar os filhos e confeccionar as refeições para a família.

### Pobres mas bem comidos

Parece ser esta a conclusão para que aponta o movimento *slow food* quando pugna pela retoma de ancestrais dispositivos de uma cultura que, mesmo com escassos recursos, conseguia atingir níveis de qualidade alimentar que hoje invejamos e que, os mais nostálgicos, cultivam, quanto muito, aos fins-de-semana ou em festivais gastronómicos. Alfredo Margarido, num vetus-

to, mas nem por isso menos actual, artigo "A comida é mais importante do que a política!", lembra-nos: «a nossa cozinha tradicional organizou-se para reforçar a dominação da mulher pelo homem; quem senão as mulheres, passou uma parte da sua existência diante do fogareiro, da lareira, do fogão, para multiplicar os petiscos que servem de suporte à consciência nacional.» Em famílias alargadas, onde co-habitavam três gerações – avó, filha e neta – estes conhecimentos e técnicas, testados e apurados ao longo dos tempos, eram transmitidos em processos informais de "ensino" individualizado, através de tutorias inter-geracionais on time, de feedback constante, num "laboratório" interdito aos homens. «O que se verifica é que hoje as mulheres rejeitam essa dominação [e essa aprendizagem, digo eu], em proveito da sua liberdade – com a qual não podemos deixar de estar de acordo – mas em desproveito da nossa própria substância cultural». Quando Xavier Bonal (in *Configurações*, 2006) pergunta, com preocupação, «Que mais vamos pedir à escola?», parece, nesta matéria, estarmos a salvo de uma eventual demanda política, o que é curioso, pois ao contrário do que vimos nos EUA, na disciplina de *HomeEconomics* (uma versão tecno-andrógena dos nossos velhos "Lugares Femininos"), em Portugal (ainda) não se reconfigurou o currículo do ensino básico com a aquisição de "competências" da arte do "bem comer" (acolhemos, no entanto, a alta performance culinária nas Escolas de Hotelaria e Tu-

risimo, com direito a grau e tudo). Só que os grandes conflitos bélicos do século passado empurraram as mulheres para a vida activa, fora de casa, num trabalho, agora, reconhecido porque socialmente visível. Os portugueses não participaram na Segunda Guerra Mundial mas tiveram a Guerra Colonial. Os efeitos foram semelhantes aos do mundo Ocidental dito desenvolvido: hoje comemos mal, ainda que muito. Por isso, a obesidade entrou na agenda das nossas preocupações. Mas o problema não se resolve com o "retorno ao lar". Esse abandono marcou, em definitivo, «o fim da velha sociedade patriarcal e masculina, de tradição mediterrânica, católica e latina» (António Barreto "Portugal entre dois séculos"). A emancipação é irreversível. Resta-nos saber edificar, em novos moldes, uma nova sociedade.

Continua (em Outubro): "Analfabetos mas bem educados".

### TEXTOS bissextos

Luís Souta  
Instituto Politécnico de Setúbal  
lsouta@ese.ips.pt

# Luiz Pacheco e as suas Cartas ao Léu

Agora com oitenta anos e feito o necessário balanço às muitas obras publicadas a partir de 1960, o que nos sobra de Luiz Pacheco é ainda o seu claro “aviso à navegação” no plano da crítica e da intervenção literária que, ao certo, não se sabe se lhe valeu de muito ou se de tudo ficou a lição de ter sido ao longo de tantos anos um “franco-atirador” das letras ou um “libertino” que assim mesmo se assumiu em todas as circunstâncias. Mas no que revela de mais circunstancial ou no imediatismo das suas anotações críticas, sociais e literárias, a obra de Luiz Pacheco deve sobretudo ser lida na verdade das suas confissões ou nesse moto tão pessoal de pela ironia revelar o centro fulcral das suas vivências, nos diversos planos que nessa obra se distinguem por entre páginas de sentida e comovida ficção literária como se observa em “Textos Locais”, “Comunidade”, “O Libertino Passeia por Braga”, “Literatura Comestível” ou “Textos de Guerrilha”.

Na edição recente de Cartas ao Léu, organizada e anotada com rigor por António Cândido Franco, revelam-se cartas e postais que Luiz Pacheco, na sua permanência em Setúbal entre 1990 e 2003, enviou ao seu amigo e livreiro João Carlos Raposo Nunes. Trata-se de vinte e um textos, cartas e postais, onde uma vez mais o autor de “Diário Remendado” se confessa, desabafa, critica ou fala de livros. Mas o interesse literário desta edição reside ainda na dimensão literária que António Cândido Franco lhe confere, anotando e pormenorizando aspectos da vida atribulada e difícil de Luiz Pacheco que coloca o leitor no conhecimento exacto do que se fala ou se diz nas cartas e postais desta edição. E uma vez mais se confirma que, mesmo já com oitenta anos, Luiz Pacheco como escritor não foi nunca um daqueles a quem a “sorte” protegeu, não por não ter direito a isso, mas tão-só por sempre entender a literatura como um “propositado apagamento pessoal”. A verdade é que a posição crítica e literária de Luiz Pacheco se consolidou no que nela se regista de uma certa “maldição” ou “atrevimento” expressivo, sem se acomodar dentro de padrões que retirem o sentido da sua indesmentível verve discursiva ou amoleçam os propósitos claramente irónicos e críticos das suas páginas. Sempre muito incómoda e exigente, implacável e cáustica nas setas desferidas aos olhos (literários) dos outros, toda a obra do autor de Cartas ao Léu reafirma uma idêntica e firme posição de observador privilegiado da nossa moderna literatura: nada lhe escapa, tudo revive em



IE / FN

crónicas, textos e cartas de viva mordacidade, em páginas de crítica azeda ou irreverente, na forma de uma amargurada raiva pela vida de infortúnio tão doridamente experimentada.

Nestas Cartas ao Léu como já anteriormente em Cartas na Mesa, que anotei e fiz publicar em 1996, Luiz Pacheco não pretende erguer a sua escrita como bandeira e antes como forma de valorizar o que é essencial e profundamente humano. Assim, pela sua incisiva intenção crítica e mordaz, o autor de “Os Namorados” nos revela quase sempre textos humaníssimos, que devem ser lidos com a devida atenção. Claro, existem ainda muitas cartas e outros papéis por editar, mas por tudo o que se conhece de Luiz Pacheco, e no arrumar das gavetas que tem sido o propósito dos últimos anos, sabemos e repetimos que a sua obra existe e há-de permanecer como das mais exemplares da moderna literatura portuguesa. Disso não temos dúvidas.

LUIZ PACHECOCARTAS AO LÉU Organização e Notas de António Cândido Franco Ed. QUAS / Famalicão, 2005.

## CAMPO DAS LETRAS publica o seu 1000º. título

Em edição com a habitual qualidade gráfica de Armando Alves e uma leitura crítica de Rosa Maria Martelo, a Editora “Campo das Letras” acaba de editar O Sentimento dum Ocidental, de Cesário Verde, está, desta forma, a celebrar duas efemérides importantes: a publicação do seu milésimo título em dez anos de plena actividade, com destaque para obras de autores portugueses no domínio da poesia, ensaio, ficção, literatura infantil, biografias, etc. e não deixar

sem um registo a passagem dos 150 anos de nascimento de Cesário Verde em 1855. Não é excessivo dizer-se que se trata de um dos mais belos poemas cesarianos, estudado e lido sob várias perspectivas críticas (Joel Serrão, Jorge de Sena, Alexandre Pinheiro Torres, Óscar Lopes, Hélder Macedo ou Eduardo Lourenço, entre muitos outros), mas vale sempre a pena, para o leitor menos atento, penetrar no conhecimento deste tão emblemático e belíssimo poema, para desse modo melhor conhecer a poesia de Cesário Verde ainda tão próxima de nós.

S. F.

## DIREITOS DA CRIANÇA

### Angelina Jolie envergonhada com os Estados Unidos

A actriz americana Angelina Jolie, embaixadora do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, reafirmou em Davos, a sua decepção pelo facto de os Estados Unidos não terem ratificado a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança.

“Estou absolutamente envergonhada” por ver que os Estados Unidos não ratificaram formalmente esta Convenção, declarou. Washington assinou a Convenção em 1995, mas não a ratificou, juntando-se à Somália, sendo os dois únicos países do mundo a não o fazer. “Como americana, acho que é algo horrível. Acho que o Congresso deveria ratificá-la”, afirmou. “Se nos preocupamos realmente com as crianças, como nos atrevemos a não

fazê-lo?”, questionou. A actriz, de 30 anos, é embaixadora da agência das Nações Unidas há quatro anos e visitou cerca de 20 países como o Camboja, Sri-Lanka e Tailândia.

“As crianças deveriam ter acesso à educação”, disse Jolie numa entrevista colectiva durante uma mesa redonda no Fórum Económico Mundial (WEF), celebrado na estação suíça de esqui.

“As pessoas devem ter o direito de procurar asilo, isto é algo que se tornou muito importante para mim”, disse.

Angelina Jolie adoptou duas crianças, um menino cambojano chamado Maddox e uma menina etíope chamada Zahara. Ela está grávida do actor Brad Pitt, que a acompanhou em Davos.

AFP

**A avaliação pode contribuir para que as escolas enriqueçam o currículo mas também pode contribuir para que o empobrecem ou reduzam a uma expressão simplista e redutora. Tudo depende das concepções que se sustentam.**

A investigação realizada no âmbito da formação de professores mostra que, em geral, os docentes não têm oportunidades para discutir e aprender a situar a avaliação nos processos de ensino e de aprendizagem. Este facto é surpreendente pois indicia que os três mais importantes pilares de qualquer processo educativo e formativo – o ensino, a aprendizagem e a avaliação – podem estar a ser tratados de forma desconexa e desintegrada. Ou seja, revela que a concepção predominante de avaliação nos contextos da formação de professores pode estar limitada à de uma avaliação essencialmente sumativa,

mais destinada a classificar os alunos do que a apoiá-los na melhoria das aprendizagens.

A avaliação é um domínio do conhecimento da educação que deve ser estruturante em qualquer sistema de formação de professores porque, entre outras razões: a) pode ter um papel relevante na transformação, democratização e melhoria dos sistemas educativos; b) interessa aos alunos, escolas, professores, pais e encarregados de educação e à sociedade em geral; c) deve ocupar um lugar relevante no desenvolvimento do currículo; e d) deve estar integrada nos processos de ensino e de aprendizagem. Isto significa que uma reflexão séria sobre avaliação implica que se integrem saberes e se estabeleçam relações entre ideias, que se mobilizem conhecimentos de várias disciplinas científicas da educação e que se tenham perspectivas sistémicas e abertas dos fenómenos educativos.

A avaliação pode contribuir para que as escolas enriqueçam o currículo mas também pode contribuir para que o empobrecem ou reduzam a uma expressão simplista e redutora. Tudo depende das concepções que se sustentam. Se a concepção preponderante dá ênfase às funções de classificação, selecção ou certificação e aos resultados da avaliação externa, então é natural que haja um estreitamento e empobrecimento do currículo. Neste caso a tendência das escolas e dos professores é a de se

## SOBRE O NUCLEAR

Apareceu um empresário, o senhor Patrick Monteiro de Barros, a propor a produção em Portugal de energia a partir do nuclear. Sobre este assunto há duas questões distintas que convém não misturar. A primeira, em que devemos raciocinar como europeus, é a de saber se a Humanidade, e em particular a Europa, podem dispensar a produção de energia eléctrica a partir da energia nuclear. A resposta é claramente NÃO. O aperfeiçoamento das normas de segurança, da legislação e a investigação sobre estas matérias devem continuar e nelas devemos participar como europeus. (Há que registar que Portugal, que não deu nenhum contributo significativo para o desenvolvimento das centrais nucleares de fissão do urânio, está agora integrado em estudos internacionais que têm em vista a construção de centrais de fusão de hidrogénio – Projecto do Reactor Internacional Experimental – que vai ser construído em Cadarache, em França, e em que participa uma equipa do IST liderada pelo Professor Varandas.) Uma outra questão totalmente diferente, em que temos de raciocinar como portugueses, é a de saber se se devem construir nas próximas décadas centrais nucleares de urânio em Portugal... O empresário Patrick de Barros propõem-se construir algumas sem encargos para o Estado, assegurando ele o financiamento e bastando-lhe, apenas, contratos que lhe assegurem a longo prazo a compra da energia eléctrica produzida. Há uma questão inicial a esclarecer. A venda internacional da energia eléctrica agora é livre. O senhor Patrick de Barros consegue produzir em Portugal energia eléctrica a partir do nuclear a custos mais baixos do que a produzida em Espanha, que já tem a indústria montada e tem uma dimensão que nós não temos? Parece-me muito difícil. Caso não consiga, é mais rentável para nós vender o nosso urânio aos espanhóis, ou aos franceses, e receber em troca electricidade. Se o senhor Patrick de Barros está convencido do contrário, pode tentar interessar o governo espanhol num negócio semelhante ao que propõe ao nosso. Se os espanhóis aceitarem e lhe deixarem construir uma central, por exemplo, na Andaluzia, até pode exportar electricidade para Portugal.

António Brotas

Professor Jubilado do Instituto Superior Técnico, Lisboa

# Avaliação para as aprendizagens e formação de professores



IE / FN

centrarem na preparação dos alunos para os exames ou para os testes que, por natureza, não podem abranger todos os domínios relevantes do currículo. Se, por outro lado, predomina uma concepção que dá ênfase às funções de regulação, melhoria ou desenvolvimento, integrando de forma mais equilibrada os resultados da avaliação externa, então podemos estar perante um currículo mais enriquecido. Neste caso os esforços das escolas e dos professores estão mais centrados em proporcionar feedback formativo aos seus alunos para que eles possam regular as suas aprendizagens. Os alunos trabalham então um alargado leque de domínios do currículo através de tarefas de natureza diversa.

Nunca é demais afirmar que pouco há em comum entre dois sistemas educativos em que, num caso, a concepção predominante de avaliação é formativa (avaliação para as aprendizagens), para regular e melhorar, e, no outro, tal concepção é sumativa, para julgar e classificar. São dois mundos completamente distintos ao nível da organização e funcionamento das escolas, das tarefas que se propõem aos alunos ou dos papéis que alunos e professores desempenham.

Estas simples constatações ilustram questões que não devem ser ignorados nos contextos da formação de professores tais como: a) a integração do ensino, da aprendizagem e da avaliação; b) as funções da avaliação formativa e da avaliação sumativa; c) a natureza do feedback; d) a natureza das aprendizagens induzidas pela avaliação formativa e pela avaliação sumativa; e) a selecção das tarefas de ensino, de aprendizagem e de avaliação; f) o papel dos professores e alunos no contexto de uma avaliação para as aprendizagens; g) as relações entre a avaliação formativa e a avaliação sumativa; e h) as relações entre a avaliação interna e a avaliação externa. E muitas outras...

Uma real articulação entre a investigação, a formação e as práticas constitui um contexto favorável à formação de professores, muito particularmente na área da avaliação. Mas é necessário romper com a racionalidade que ainda sustenta os modelos de formação predominantes. Mas isso só poderá ser discutido numa outra oportunidade.

**DO SECUNDÁRIO**  
Domingos Fernandes,  
Universidade de Lisboa

31  
a página  
da educação  
março 2006

Reino Unido

### **Estudantes de Oxford obrigados a estudar mediante contrato**

Os estudantes inscritos num dos 39 “colégios” da Universidade de Oxford podem vir a ser obrigados a assinar um contrato que os obrigará a estudar, revelou um porta-voz do estabelecimento de ensino britânico.

Este contrato poderá obrigar os estudantes a assistir às aulas, a redigir certos trabalhos e sobretudo a pagar as propinas que vão duplicar a partir do ano lectivo de 2006/07 até a um máximo de 4.390 euros, nas grandes universidades, como é o caso de Oxford.

De acordo com o jornal “Times”, o contrato destina-se a proteger a universidade contra os litígios levantados pelos estudantes pondo em causa o pagamento de propinas quando se sentem defraudados com os cursos ou com as notas obtidas. Michael Beloff, presidente do Colégio Trinity, vê a medida a resposta à necessidade de estudantes e colégios verem contratualizadas as suas obrigações mútuas. Opinião contrária tem Emma Norris, presidente do Sindicato dos Estudantes de Oxford: “Não temos problema nenhum em frequentar as aulas e em entregar trabalhos escritos. Mas o contrato proposto é unilateral. Não faz referência a um nível mínimo exigível de qualidade de ensino, nem à necessidade de pôr fim às rendas altíssimas cobradas pelos colégios.” Entretanto, o sindicato já escreveu aos colégios pedindo para ser ouvido nesta matéria.

Julian Nicholds, vice-presidente para a educação do Sindicato Nacional de Estudantes, disse, também em declarações àquele jornal britânico, que o argumento do litígio não se pode sobrepor ao direito dos estudantes insatisfeitos a apresentar queixas e a exigir mais qualidade no ensino. Disse ainda que o contrato pode vir a ser injusto para com os trabalhadores-estudantes, forçados a trabalhar para pagar os empréstimos contraídos para os estudos. “Haverá sempre um conflito entre o emprego e os horários da universidade – 38 por cento dos estudantes-trabalhadores são obrigados a faltar às aulas e 21 por cento não consegue entregar os trabalhos exigidos durante o curso – e esta situação vai tornar-se mais comum na medida em que as dívidas aumentam com a subida das propinas”, acrescentou.

Apesar da Conferência de Colégios de Oxford ter aprovado o contrato-estudante, os colégios não têm obrigatoriamente de o utilizar. Mas é provável que outras universidades britânicas possam seguir este exemplo.

# Notícias do Ensino Superior



IE / FN

Emiratos Árabes Unidos

### **Universidade Francesa da Sorbonne implanta-se em Abou Dhabi**

É o primeiro projecto do género. A Universidade da Sorbonne, França, vai abrir uma “filial” na cidade de Abou Dhabi, nos Emiratos Árabes Unidos no final de 2006. Esta extensão da prestigiosa universidade francesa deverá acolher nos próximos três anos cerca de 1.500 estudantes dos Emiratos Árabes Unidos e de outras monarquias petrolíferas do Golfo.

A Sorbonne de Abou Dhabi entrará em funcionamento com 200 estudantes e uma formação em língua francesa nas áreas da História, Geografia, Literatura, Filosofia e, posteriormente, em Direito. Para os estudantes não francófonos está prevista uma aprendizagem da língua e cultura francesas. O estabelecimento de ensino será misto e as aprendizagens ministradas segundo os parâmetros da universidade francesa. Os cursos terão a duração de três anos ao fim dos quais os estudantes receberão um diploma de licenciatura pela Universidade da Sorbonne de Paris. Inicialmente os estudantes serão distribuídos por instalações locais provisórias e em 2007 instalados definitivamente num campus universitário na cidade, ainda em construção, de Khalifa, localizada próximo Abou Dhabi. Os custos do projecto serão suportados pelos Emiratos Árabes Unidos e rondam os 20 milhões dólares.

Espanha

### **Reforçar a cooperação com a Guiné Equatorial na área da educação**

“A Espanha quer reforçar o sector do ensino básico e secundário e melhorar as relações entre as universidades da Guiné Equatorial e as universidades espanholas de Alcalá de Henares e de ensino à distância (Uned)”. O anúncio foi feito pelo secretário de Estado espanhol para as Universidades e Investigação, Salvador Ordonez, durante uma visita àquela ex-colónia espanhola. Os dois países acordaram sobre a necessidade de aumentar o número de bolsas espanholas atribuídas aos estudantes equa-guinienses em nome do “dever histórico” de Espanha para com o único país afro-hispânico onde o castelhano é uma das línguas oficiais. O apoio espanhol terá como alvo a reforma dos cursos escolares e a ampliação das infra-estruturas, especificamente as do Instituto Politécnico de Bata, a segunda cidade do país situada na parte continental.

Recorde-se que a cooperação entre a Espanha e a Guiné-Equatorial na educação estava parcialmente suspensa desde os anos 90 em resultado das tensões suscitadas entre os dois países pelo desrespeito dos Direitos do Homem por parte do regime de Malabo, a capital do país.



## PEÇAS COMO ROMEU E JULIETA INTERDITAS AOS ESTUDANTES BRITÂNICOS

Os estudantes britânicos não vão poder continuar a inspirar-se no papel de Romeu ao querer abraçar e beijar a sua amada Julieta. Nem as estudantes britânicas poderão continuar a sonhar em ser Julietas. Com efeito, uma das últimas medidas do ministro da educação do governo de Blair foi o de proibir beijos e gestos íntimos nas peças de teatro a apresentar ou a representar nas escolas.

“A nudez e os contactos físicos íntimos” não podem ter lugar nas produções teatrais nas escolas, recomendou o ministro, no quadro de uma série de medidas reveladas num suplemento sobre educação do jornal «Times».

“Na maior parte dos casos, um leve beijo na face ou um leve toque é mais do que suficiente para traduzir a emoção requerida”, considerou o ministro, insistindo no facto de os professores deverem estar atentos “aos gestos e aos movimentos aceitáveis”.

Alguma opinião pública e em especial muitos professores, têm protestado contra semelhantes medidas. “Não é possível cortar cenas como a do beijo entre Romeu e Julieta”, protestou Margaret Higgins, directora da Associação Nacional do Ensino do Teatro. “É um momento crucial. Mas se eles consideram que não é uma cena correcta para ser vista por uma criança, então talvez devam deixar de transmitir o que transmitem na televisão durante a tarde”, insistiu, referindo-se à programação quotidiana das televisões britânicas, cuja programação é muitas vezes recheada de cenas de violência e de sexo explícitos.

Perante o coro de protestos, o ministro da educação, através de um seu porta-voz, assegurou que não é uma questão de censura: “ensinar ou não ensinar Shakespeare não é a questão”. “É fundamental que as crianças aprendam os clássicos e isso não vai mudar”, afirmou o porta-voz sem explicar como é isso possível sem desobedecer à directiva sensória.

Estas directivas vão ser por agora testadas no País de Gales e poderão em seguida ser estendidas a todas as escolas inglesas, fez saber o ministério da educação inglês.

José Paulo Serralheiro



IE / FN

# Os Direitos Humanos nas Escolas Portuguesas

**Perante uma triste e comovente história de um amor homossexual auto e hetero-reprimido, hordas de jovens, visivelmente excitados perante o mórbido fascínio pelo que claramente consideravam ser uma «aberração», insultavam os comportamentos dos actores com impropérios vis. E a escola, e o Ministério da Educação sancionam, legitimam, abdicam de educar...**

Em Novembro de 2005, na Escola Secundária António Sérgio, em Vila Nova de Gaia, duas alunas foram punidas e humilhadas pelo conselho executivo da escola após terem sido «apanhadas», imagine-se, em pleno beijo. Claro que, na base de tão inusitado escândalo, está o facto de este ser um amor «proibido» nas representações sociais e culturais dos dirigentes da escola. Ora, um dos ensinamentos maiores que a educação escolar deveria transmitir seria, precisamente, o respeito pela diversidade das manifestações de Eros. Pior, no entanto, é a resposta que o Ministério da Educação me remeteu a propósito de um requerimento que na altura lhe enviei. Cito-a: “a análise ao comportamento do Conselho Executivo permite verificar a coerência com o estipulado no Regulamento Interno, não tendo sido verificado, de igual modo, qualquer comportamento que possa ser considerado restritivo ou anticonstitucional”. Espantoso. Lava o Governo as suas mãos, legitimando atitudes impensáveis na escola democrática e inclusiva do início do século XXI. Pois não denunciou o presidente do conselho executivo às respectivas famílias o comportamento supostamente anti-moral das jovens? O beijo, seja qual for, será sempre enlaço, enlevo, afecto, emoção. Klimt percebeu-o e sentiu-o. Outros, jamais o perceberão.

Ainda esta semana, ao ver o filme “Brokeback Mountain”, verifiquei como o preconceito pulula nas camadas adolescentes em idade escolar. Perante uma triste e comovente história de um amor homossexual auto e heteroreprimido, hordas de jovens, visivelmente excitados perante o mórbido fascínio pelo que claramente consideravam ser uma «aberração», in-

sultavam os comportamentos dos actores com impropérios vis. E a escola, e o Ministério da Educação sancionam, legitimam, abdicam de educar...

Não posso esquecer, igualmente, a ignomínia da direcção do colégio de D. Diogo de Sousa, em Braga, já tristemente conhecido, por ter recusado a entrada de um aluno com Trissomia 21, apesar da existência de um contrato de associação com o Estado que o obrigava a aceitar o discente. Na altura, o Governo das direitas ignorou o sucedido. Agora, três alunos foram expulsos por afixarem cartazes alusivos ao 25 de Abril e à liberdade de expressão, clamando contra a sua ausência no quotidiano do colégio. A democracia não entra no D. Diogo de Sousa e, ao que parece, a senhora Ministra da Educação não se importa. Aliás, a Direcção Regional de Educação do Norte constatou apenas, candidamente, a existência de pequenos erros formais no processo de expulsão... Quanto ao essencial: nada!

Os silêncios – todos os silêncios – falam e classificam. Não esqueceremos, senhora ministra. Ficamos a conhecê-la ainda melhor.

### OBSERVATÓRIO

João Teixeira Lopes  
Deputado do Bloco de  
Esquerda, Professor da  
Universidade do Porto  
jnteixeiralopes@mail.telepac.pt

O Pólo de Chaves da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em colaboração com a Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia e com a Sociedade Ibero-Americana de Pedagogia Social (SIPS), vai organizar, na Cidade de Chaves, de 23 a 25 de Março de 2006, as III Jornadas Internacionais de Animação Sociocultural, subordinadas ao tema Animação, Cidadania e Participação. Este evento tem por objectivos:

- Fomentar o debate e a reflexão em torno de áreas temáticas de Animação, nomeadamente: Animação Sociocultural, Animação de Tempos Livres, Animação Turística, Animação Comunitária, Animação Socioeducativa, Animação de grupos com necessidades educativas especiais;
- Reflectir sobre os âmbitos profissionais e voluntários da Animação e dos Animadores e projectar o aparecimento de novos âmbitos, fruto de uma sociedade em permanente mudança;
- Projectar a Animação Sociocultural como uma tecnologia educativa, contribuindo para uma eficaz articulação entre os espaços e tempos educativos da educação formal, não formal e informal;
- Promover o direito à cidadania numa perspectiva plural, onde o multiculturalismo, a interculturalidade, a participação, a democracia sejam atributos assumidos e vividos no quotidiano;
- Tomar consciência dos novos desafios colocados à Animação Sociocultural num mundo de globalizações e inquietações permanentes.

Em termos metodológicos, este evento é constituído pelos seguintes painéis: Origem da Animação Sociocultural em Portugal; Animação Sociocultural e Participação; Animação Sociocultural e Tempo Livre; Animação Sociocultural, Educação, Globalização e Cidadania; e Âmbitos Profissionais de Animação Sociocultural. Durante as Jor-



Ana Alvim

# Jornadas Internacionais de Animação Sociocultural

## Animação, Cidadania e Participação

### BREVE

nadas, funcionarão mesas redondas, onde se reflectirá sobre: a formação de Animadores de nível superior; formação de Animadores de nível intermédio; e a questão dos Animadores voluntários e dos Animadores profissionais. Também serão focadas experiências de Animação em Portugal, que comportam o relato e a partilha de inúmeras acções de animação realizadas no nosso país e ainda, outras acções de que se destacam: apresentação de livros referentes à Animação Sociocultural, e feira do livro relacionado com a temática descrita.

Perto de 40 conferencistas, nacionais e estrangeiros, vão estar presentes, sendo de destacar, entre outros, os nomes de Ezequiel Ander-Egg (Argentino), Consultor da UNESCO e Professor Visitante em diversas universidades; Jean Claude Gillet (França), Professor Responsável pelo Curso de Animação, na Universidade de Bordéus; Xavier Ucar (Espanha), Professor da Universidade Autónoma de Barcelona; Victor Ventosa Perez (Espanha), Professor da Universidade Pontifícia de Salamanca e autor de diversos livros sobre Animação Sociocultural; Manuel

Cuenca (Espanha), Professor da Universidade de Deusto e autor de diversos livros de Animação e Ócio; José António Caride (Espanha), Professor da Universidade de Santiago de Compostela e Presidente da Sociedade Ibero-Americana de Pedagogia Social, autor de inúmeros trabalhos relacionados com a Animação e a Pedagogia Social; e Victor Melo (Brasil), Professor e autor de diversos trabalhos sobre Lazer e Tempo Livre.

As III Jornadas Internacionais de Animação Sociocultural, irão decorrer na cidade de Chaves, no Hotel Aquae Flaviae, de 23 a 25 de Março de 2006 e são organizadas pelo Pólo de Chaves da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em colaboração com a Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia e com a Sociedade Ibero-Americana de Pedagogia Social.

A abertura oficial do referido evento, tem lugar no dia 23 de Março de 2006, pelas 10.00 horas, no Hotel Aquae Flavie.

Os interessados neste evento podem contactar o Pólo de Chaves da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro usando o endereço electrónico: [http://www.utad.pt/pt/eventos/3\\_jorn\\_int\\_anim/index.html](http://www.utad.pt/pt/eventos/3_jorn_int_anim/index.html)

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO - CHAVES  
UTAD - Pólo de Chaves, Apartado 61 - 5400-909 CHAVES  
Telef. 276309300 / Fax 276309309 \* e-mail: [utadchaves@utad.pt](mailto:utadchaves@utad.pt)

### QUESTÕES de GÉNERO

## Homens russos são o «sexo frágil» da relação, dizem especialistas

Um grupo de cientistas pediu às russas que "protejam" os seus homens, que se tornaram o «sexo frágil» devido às guerras e aos cataclismos sociais e ecológicos ocorridos durante o século passado na Rússia.

«Os homens são o sexo frágil e são mais sensíveis às mudanças de ambiente. Em todo o mundo está a aumentar a esterilidade dos homens, a sua saúde degrada-se. O mundo inteiro toma medidas, excepto a Rússia», lamentou o sexólogo russo Igor Kon professor da Academia de Ciências russa.

«Ao longo do século XX, a Rússia sofreu um deficit de população mas-

culina, em particular depois de duas guerras mundiais. Mesmo hoje em dia, a mortalidade dos homens russos supera consideravelmente a das mulheres russas e a dos homens na Europa, Estados Unidos e Japão», reforçou Anatoli Vichnevski, director de um centro de pesquisas sobre demografia. A mortalidade na Rússia está muito vinculada a acidentes, assassinatos ou suicídios e, de facto, as principais causas de óbito são «o alcoolismo e os problemas sociais», explicou o cientista.

Actualmente a expectativa de vida dos homens russos não ultrapassa os 58 anos (ou seja, 16 anos a menos que no ocidente), enquanto que a das mulheres russas se aproxima dos 72 anos.

AFP



Adriano Rangel

# Elas ocupam poucos cargos de chefia

destaque nas mais variadas áreas, mas ainda não foi completamente derrubada a construção social baseada nas diferenças de sexo, geradora de hierarquização e de papéis sociais desiguais. No mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, a PÁGINA procura neste dossier fornecer alguns elementos para a discussão em torno das questões do género e da (des)igualdade entre homens e mulheres em Portugal.

## Apesar dos avanços na legislação, desigualdade entre homens e mulheres persiste em Portugal

Segundo o relatório "Igualdade de Género em Portugal – 2003", da autoria da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 11,5% das mulheres portuguesas não tinha, em 2001, qualquer grau de instrução, contra 6,3% dos homens. Apesar desta situação, as mulheres representavam, em 2002, 67,1% da população habilitada com o ensino superior.

Este aumento do nível de escolaridade e de qualificação das mulheres é bem elucidativo da forma como as mulheres têm vindo a conquistar um papel de crescente relevo na sociedade portuguesa. Nas últimas três décadas, elas têm vindo não só a recuperar o atraso educativo que marcou a sua condição ao longo do período da ditadura, mas também a ocupar áreas de formação tradicionalmente masculinas como jornalismo, arquitectura e urbanismo, ciências veterinárias, medicina ou ciências dentárias, contando actualmente com uma das maiores percentagens de mulheres investigadoras e de professoras universitárias da Europa (48%).

Apesar desta evolução, elas continuam a ocupar poucos

Decorridas mais de três décadas sobre a revolução que quis unir todas as portuguesas e portugueses em torno de uma sociedade democrática e igualitária, a discriminação das mulheres continua a marcar variados domínios da vida laboral, política e social. Na quase totalidade dos sectores de actividade as mulheres continuam a ganhar salários inferiores aos homens, mesmo desempenhando as mesmas funções profissionais ou sendo mais qualificadas.

Na política, a percentagem das mulheres passou de uma média de 8% de eleitas em 1975 para 19,6% em 2003.

Ainda assim, no actual governo, entre 53 elementos com cargos governativos, apenas cinco são mulheres.

A nível social, tem-se verificado um papel de crescente

destaque nas mais variadas áreas, mas ainda não foi completamente derrubada a construção social baseada nas diferenças de sexo, geradora de hierarquização e de papéis sociais desiguais.

No mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, a PÁGINA procura neste dossier fornecer alguns elementos para a discussão em torno das questões do género e da (des)igualdade entre homens e mulheres em Portugal.

cargos de chefia. De acordo com dados relativos a 1995, 53,4 por cento das mulheres portuguesas doutoradas estava colocada em lugares de professor auxiliar, 32,6 por cento era professora associada e apenas 6,7 por cento era professora catedrática, situação que configura uma dificuldade latente no acesso aos lugares de topo da carreira académica.

A somar à dificuldade de progressão na carreira, as mulheres portuguesas debatem-se também com a desigualdade salarial.

De acordo com dados de 2002 divulgados pelo Ministério do Trabalho, o ganho médio mensal das mulheres com o grau de licenciatura correspondia a 66,7 por cento do dos homens, enquanto a desigualdade de ganhos a nível dos quadros superiores representava um valor de 70 por cento. A nível global, segundo a Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, entre 1995 e 2000 as mulheres auferiam cerca de 77 por cento da remuneração média mensal dos homens. Em 2002 registou-se uma melhoria, atingindo um valor correspondente a 80,5 por cento.

Mas não é apenas em Portugal que a desigualdade salarial e de oportunidades se verifica. A União Europeia também reconheceu recentemente, no seu relatório anual sobre a igualdade entre homens e mulheres, que as mulheres ganham, em média, menos 15 por cento do que os homens por cada hora de trabalho. Além disso, o crescimento do emprego entre as mulheres continua

concentrado, sobretudo, em actividades e profissões consideradas essencialmente femininas, facto que reforça a “segregação no mercado de trabalho”.

Segundo as estatísticas europeias, o número de mulheres é duas vezes superior à dos homens em sectores como a administração pública, a educação, a saúde e o trabalho social. As mulheres estão também presentes em maior número em empregos a meio tempo: 32,6 por cento das mulheres, contra 7,4 por cento dos homens. Para Bruxelas, esta situação pode reflectir “preferências pessoais, mas também é o resultado do facto de as mulheres se dedicarem mais, proporcionalmente, aos membros da família”.

As dificuldades em conciliar a vida profissional e privada acabam por prejudicar as carreiras das mulheres, que representam apenas 32 por cento dos quadros e 10 por cento dos membros dos conselhos de administração das empresas. Nos grandes grupos, apenas 5 por cento dos directores-gerais são mulheres. Joaquina Jordão, responsável pela Gestão de Programas da Organização Internacional do Trabalho, afirma que um dos principais factores para a discriminação salarial assenta no “não entendimento do princípio da igual remuneração para trabalho igual ou de igual valor”, o que se traduz na “atribuição de salários inferiores e condições mais desfavoráveis, designadamente de progressão”.

Mas não só. Esta responsável aponta ainda outros “factores a montante”, como a “segregação profissional – resultante da persistente concentração das mulheres e dos homens em determinadas profissões –, a manutenção dos estereótipos e representações acerca da existência de sectores ou espe-

Nele, a autora refere que do ponto de vista do “ideal abstracto” (nível de questionamento a partir do qual se pode aferir a legitimidade normativa da igualdade de género na conjugalidade), constata-se que “tanto no trabalho profissional como no doméstico predomina a norma de igualdade absoluta”, com 70,6 por cento das inquiridas a considerar que o casal deve dividir todas as tarefas domésticas e 77,9 por cento que ambos devem trabalhar fora de casa. No entanto, sublinha Sofia Aboim, é “importante sinalizar que mais de metade das inquiridas (55,3%) elege a igualdade doméstica como ideal sem procurar concretizá-la no seu dia-a-dia”.

Num outro estudo, intitulado “As Mulheres em Portugal: Situação e Paradoxos”, a socióloga Virgínia Ferreira, investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, refere que o processo pelo qual a igualdade entre sexos foi instituída em Portugal “marca a nossa sociedade de modo muito paradoxal”, explicando que ela “ocorreu de um dia para o outro, ‘de cima para baixo’, em vez de ter tido lugar lentamente e ‘de baixo para cima’, em relação íntima e atenta aos efeitos de outras mudanças sociais importantes para a emancipação das mulheres”.

Apesar de não constituir uma justificação quanto baste, este factor pode ser decisivo para explicar o relativo afastamento das mulheres da vida política. E, conseqüentemente, dos lugares de decisão. No actual governo, por exemplo, estão representadas apenas quatro mulheres em três ministérios: duas ministras (com as tutelas da Educação e da Cultura) e três secretárias de Estado (dos transportes, da reabilitação e da Saúde).

No parlamento, as mulheres ocupam 25,6 por cento dos lugares, num total de 60 deputadas. Relativamente aos partidos com assento na Assembleia da República, os únicos dois partidos paritários são o Bloco de Esquerda e o Partido Ecologista “Os Verdes”. Logo a seguir aparecem o Partido Socialista (36,3%) e o Partido Comunista Português (25%). Os únicos partidos com uma representação inferior a 10 por cento são o Partido Social Democrata (9,3%) e o CDS-Partido Popular (8,3%).

Ricardo Jorge Costa



Adriano Rangel

cializações para mulheres e para homens e a conciliação da carreira profissional com outras responsabilidades familiares, que acabam, na opinião de Joaquina Jordão, por “condicionar as opções profissionais das mulheres”.

### Igualdade de “cima para baixo”

A conciliação entre o trabalho e a vida familiar continua a constituir uma dificuldade tanto para homens como para mulheres. Mas sobretudo para as mulheres. De acordo com o mesmo relatório europeu, o primeiro a cobrir a totalidade dos 25 membros da União Europeia, os homens cumprem, em média, menos de 40 por cento do trabalho em casa e entre 25 e 35 por cento dos cuidados dispensados às crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos.

Em Portugal, e segundo os resultados do Inquérito à Ocupação do Tempo, conduzido pelo Instituto Nacional de Estatística em 1999, as mulheres dedicavam cerca de 4 horas diárias ao trabalho doméstico e aos cuidados à família, ao passo que os homens se limitavam a 1,5 horas. O total de horas de trabalho, considerando o pago e o doméstico, ascendia, em média, a 12h11m para as mulheres e a 10h49m para os homens.

No “Inquérito às Famílias no Portugal Contemporâneo (1997-2005)” realizado pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, Sofia Aboim, investigadora associada do ICS, analisou o capítulo relativo às “orientações normativas da conjugalidade” e chegou a uma conclusão surpreendente.

### O “mainstreaming” de género

A Constituição da República Portuguesa, aprovada em 2 de Abril de 1976, estabelece o princípio da igualdade de direitos entre mulheres e homens no seu artigo 13º. Nele se refere que “todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei” e que “ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica ou condição social”.

Vinte e cinco anos depois de aprovada a Constituição, a igualdade entre homens e mulheres está plenamente consagrada no plano legislativo. Mas será que isso basta?

Heloísa Perista e Alexandra Silva, no estudo “Impacto em Função do Género – Avaliação de Medidas de Política”, publicado no âmbito do II Plano Nacional para a Igualdade, explicam que “a eliminação das desigualdades passa pela definição e implementação de políticas específicas orientadas para públicos específicos”, e, sobretudo, por “uma redefinição da forma de se fazer política”.

É assente nesta filosofia que surge, a partir dos anos 90, a abordagem integrada da igualdade de género, ou “mainstreaming” do género. Este conceito tem como objectivo incluir uma perspectiva de género em todo o processo de construção política e nas práticas sociais. Em poucas palavras, a abordagem integrada da igualdade de género, explicam as autoras, “não se centra nos problemas das mulheres mas nas relações entre homens e mulheres em todas as esferas sociais e para benefício de ambos”.

Em 1996, a Comissão Europeia referia-se já à necessidade de uma “nova parceria entre homens e mulheres” que exigiria “uma transformação cultural dos comportamentos individuais e das práticas colectivas, associada a uma acção política decidida (...)”.

Na opinião de Isabel Romão, da Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres, “até agora todo o trabalho de promoção da igualdade tem sido feito quase exclusivamente por mulheres, para melhorar uma situação que, de um modo geral, só interessa às mulheres”.

Esta perspectiva de constatação e correcção dos desequilíbrios não encarava a forma como as relações entre homens e mulheres determinam as estratégias políticas de criação de igualdade de direitos e de oportunidades. É nessa medida, explica Isabel Romão, que a abordagem integrada da igualdade de género “permite um olhar mais direccionado para as necessidades das pessoas e gerar processos estruturantes e duradouros, tentando reunir condições para que a igualdade não esteja apenas presente na legislação, mas que se torne concreta”.

Apesar de as abordagens poderem evoluir, o facto é que “a perda de influência social e económica das mulheres é uma realidade”, diz Regina Marques, do Movimento Democrático de Mulheres. Em entrevista que pode ser lida na página 37, esta dirigente associativa explica porquê.

# “A perda de influência social e económica das mulheres é uma realidade”

Regina Marques, dirigente do Movimento Democrático de Mulheres, à conversa com a Página

**Afinal que razões motivam a persistência das desigualdades entre homens e mulheres em Portugal? A mulher portuguesa tem consciência plena dos seus direitos e do seu papel na sociedade? Deve ou não estabelecer-se o princípio de quotas na representação política?**

Para tentar responder a estas e a outras interrogações e lançar algumas pistas para o debate, colocamos algumas questões a Regina Marques, professora da Escola Superior de Educação de Setúbal e dirigente do Movimento Democrático de Mulheres (MDM).

Apesar de reconhecer que existe uma “perda da influência social e económica das mulheres”, Regina Marques afirma que ela se deve, em grande parte, ao “quotidiano difícil da esmagadora maioria das mulheres” e ao actual “ambiente político e económico”.



Adriano Rangel

**Após mais de 30 anos de um processo continuado de conquistas de direitos de igualdade nas esferas sociais, políticas e económicas, decorrentes da democratização da sociedade portuguesa, continuam a persistir desigualdades entre homens e mulheres em diversos domínios (nomeadamente no que se refere a salários, representação social e participação política). Que razões encontra para a persistência destas desigualdades?**

Acho que há várias razões, algumas ligadas ao quotidiano difícil da esmagadora maioria das mulheres e outras de carácter mais subjectivo ligadas ao ambiente político e económico.

De um lado, elas são quem, desde Abril, ocupa a maioria dos postos de trabalho mais mal remunerados e da base da pirâmide das carreiras profissionais. Com a progressiva e persistente ofensiva às empresas têxteis, do calçado, do sector eléctrico, da cerâmica e agora da função pública, a perda de influência social e económica das mulheres é uma realidade, e gera, como consequência, a perda de capacidade reivindicativa, que abre caminho ao medo do desemprego, ao desencanto e à desilusão.

Estão criadas as condições subjectivas para o uso e abuso da exploração e para que se assista à inqualificável desqualificação do trabalho das mulheres – as licenciadas ocupadas em tarefas de caixas de balcão, serviços de hotelaria, as carreiras que não são actualizadas, etc. Resta como sinal positivo a vontade que as jovens manifestam de ter o seu emprego, como factor de realização pessoal e de independência económica.

**Que motivos estarão por trás da profunda disparidade de representação de cargos políticos por parte das mulheres em Portugal? Falta de interesse das mulheres ou inexistência de condições que favoreçam a sua participação?**

A falta de condições sociais de apoio à família – creche, infantários, ATL's, o patronato ou centros para idosos, a falta de meios financeiros para poderem ter mais tempo livre para participar, o desânimo face à política de agravamento das condições de vida.

A estes factores, acresce o efeito das políticas neoliberais com matriz predominantemente masculina e com uma acção ideológica que persiste na ideia de que a política, ligada ao poder, é feudo dos homens que, por sua vez, lhe imprimem os traços de uma actuação tradicionalmente masculina, sem horários, sem medos, sem fragilidades, com a sua “segurança e determinação”.

**Concorda com o estabelecimento de quotas de participação política, à semelhança do que acontece em outros países?**

O Estado só deve legislar no sentido da paridade para órgãos de decisão da esfera da sua competência e não para a vida privada das pessoas, seja familiar, social ou política. O princípio da paridade nos centros de decisão, se pode ajudar a quebrar barreiras, não é o mesmo que o respeito pela igualdade na lei e na vida, não tem cunho libertador nem emancipador.

**Considera que a mulher portuguesa tem hoje consciência plena dos seus direitos e do seu papel na sociedade ou, pelo contrário, existirá ainda uma limitação “subconsciente” imposta pela sua representação social tradicional?**

Há um grande desconhecimento dos direitos, falta de confiança em mudanças mais significativas para as suas vidas, e, em muitos casos, a mulher é vulnerável a retrocessos, a voltar a ser a “mãe de família”, como quando lhe acenam com a flexibilidade de trabalho ou trabalho parcial para poder ficar mais tempo em casa ou a licença de parto de 150 dias sem, contudo, ter direito à totalidade da remuneração.

**Que caminho para uma plena igualdade? Mais legislação? Ou uma mudança de atitudes? Que papel pode ter a escola nessa transformação?**

Os caminhos têm que ser variados, cruzados e participados com as próprias mulheres, tendo em conta as suas experiências.

Um grande primeiro passo será sempre a discussão e partilha com as próprias mulheres, para se encontrarem os fios condutores para deslindarem estereótipos e ideias feitas sobre o seu papel, sobre o papel dos agentes sociais, sobre o papel da política na transformação da vida e das ideias.

A escola pode ser actor de transformação sobretudo se souber criar espaços de discussão onde possam emergir “palavras, sentimentos e emoções” que provoquem desejo de mudança. Como para tudo, a escola deve promover valores sem moralismos.

Entrevista conduzida por Ricardo Jorge Costa



IE / FN

# O marketing do Amor

RETRATOS  
Andreia Lobo

Vinha pensativo o miúdo. Passara pelo quiosque sem pedir gomas. Na padaria dissera não ao lanche prensado que a mãe carinhosamente lhe oferecera, contrariando as ordens restritivas da pediatra. Obra difícil convencer a progenitora de que os miúdos de sete anos normalmente não pesam 49 quilos. Mas o facto é que o miúdo não reagia aos estímulos habituais e Alice, mesmo sem perceber de pedopsicologia, estava a achar alarmante tal apatia. “Aconteceu alguma coisa na escola?” Sem responder... Miguel torceu os lábios. Olhou a mãe. Expressão de quem tem dúvidas e ainda não decidiu se as quer mesmo esclarecer. “A Carina Ferreira disse que gostava de mim por amor!”, confessou o miúdo meio acanhado. Apanhada de surpresa, a mãe não conseguiu evitar o riso.

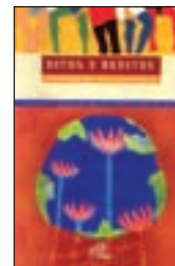
Comemorava-se o tão publicitado “Dia dos Namorados” e, mesmo sem perceber nada de *marketing*, ocorreu a Alice que tantos anúncios na televisão ao “amor” e à “paixão” poderiam estar a ter algum efeito nos miúdos. “E tu o que lhe respondeste?”, quis saber a mãe. “Não lhe liguei nenhuma!”, respondeu Miguel com a prontidão. Um pouco à espera que a mãe lhe achasse imensa piada. Inesperadamente, para o miúdo, Alice ficara bastante séria.

Sete anos e o seu pequeno parecia agir como um adulto. Talvez imitando o próprio pai que nunca dera muita atenção a demonstrações de afecto. Ou pior... Ouvira certa vez um psicólogo falar na televisão sobre a importância da Educação Emocional. Teria chegado a altura do filho aprender essa matéria? Foram pensamentos que Alice não conseguiu evitar. Mergulhada neles deixara durante uns minutos o filho sem resposta. Quando submergiu ficou curiosa quanto à reacção da miúda: “E o que fez a Carina?” Miguel tirou os olhos do chão e voltou a fitar a mãe com um sorrisinho sádico. “É tola, acho que foi chorar para a casa-de-banho das meninas...” A miúda sentira-se rejeitada, pensou Alice, sem nada perceber de pedopsicologia, ao ouvir o comentário do filho. A casa-de-banho várias vezes lhe servia de refúgio a quando as discussões com o marido. Fechava a porta e chorava na comodidade de não ser interrompida e de poder, depois do choro, lavar a cara e retocar a maquilhagem. Um truque para disfarçar a tristeza. Pobre Carina. Tão pequena para sofrer do mesmo mal de uma adulta.

“Devas ter dito à Carina que também gostavas dela...” Respondeu suspirando Alice sem se dar conta do espanto que causara no miúdo. “Oh mãe, ela é uma chata, anda sempre atrás de mim!” Pois. O mal das mulheres. Sempre atrás dos homens até eles se fartarem. Que pensaria a mãe da Carina de tudo aquilo? Naquele momento era provável que a miúda se estivesse a queixar do desprezo do seu filho. Talvez a mãe lhe dissesse, mesmo não percebendo nada de pedopsicologia, não corras tanto atrás dele que os homens não gostam de ser sufocados. Ou então, podia estar a tentar desdramatizar os sentimentos da filha: não há outro miúdo giro lá na turma?

Bom, mas mais bonito que o seu Miguel, dificilmente encontraria. De toda a maneira o melhor seria mesmo que Carina pusesse de lado o coração e se concentrasse mais nas contas e na leitura. Esse seria, de certeza, o conselho de sua mãe. Quanto ao seu... Alice quisera dizer mais qualquer coisa ao filho, em jeito de conclusão do assunto, mas não lhe ocorreu nada. O miúdo arrastava o passo pelo passeio. Acusava o peso da mochila. O cansaço da natação. E a cabeça de Alice só antecipava as dificuldades que teria para convencer Miguel a fazer os trabalhos da escola ainda antes do jantar. Pegou na mochila do miúdo. Meteu-a ao ombro juntamente com a carteira. Arrumou os sacos das compras numa só mão e deu a outra ao filho para o guindar o resto do caminho.

As montras das lojas estavam repletas de corações. No tempo em que Alice namorava não se ouvia falar em São Valentim. Mas a moda tinha chegado à escola onde surgira o hábito de pôr a criança a fazer corações, os meninos para oferecer às mães, as meninas aos pais. Miguel também trazia um coração para Alice, na mochila. Mas ficara esquecido entre as folhas de um caderno e só passada a data fora entregue. O pai de Carina recebera o seu coração no dia certo, o mesmo em que Miguel destroçara o dela.



**Ditos e Reditos**  
Provérbios da lusofonia  
*Elisa Maria Lopes da Costa*  
Editora Paulinas - pp. 153

Diz a autora que “a sabedoria ou, dito de outro modo, a experiência e o conhecimento das pessoas faz-se notar, na maioria das vezes, através da oralidade e menos da grafia. E os provérbios ilustram-na bem, pois são, em geral, originários da tradição oral e exímios a afirmar sem quase dizer.” O livro, onde estão presentes algumas centenas de provérbios dos países da lusofonia, foi organizado pela autora no sentido de providenciar uma ferramenta útil para aqueles que se interessam pela língua portuguesa e suas variantes além-mar.



**Classes, Identidades e Transformações Sociais**  
Para ler as evoluções da estrutura social portuguesa  
*Maria Cidália Queiroz*  
Campo das Letras - pp. 261

Este livro parte do pressuposto de que o conceito de classe continua a ser um instrumento pertinente, quer para ler as evoluções da estrutura social portuguesa, quer ainda para pensar a importante questão dos actores sociais que podem vir a protagonizar um movimento colectivo de contrapoder às forças que, na actualidade, geram graves fenómenos de regressão social. Além de propor uma análise das mais recentes informações empíricas disponíveis sobre a estrutura social portuguesa, o livro combate a ideia de que a classe operária seria o único actor colectivo capaz de transformação social.



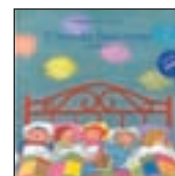
**Um Poço sem Fundo**  
Novas reflexões sobre Literatura e História  
*Maria de Fátima Marinho*  
Campo das Letras - pp. 453

Dividido em cinco partes, este livro reflecte sobre o género do romance histórico, colige alguns estudos sobre autores do século XIX e do início do XX, dá voz a autores do século XX que, de certa forma, transgridem ou subvertem o passado, mostrando a sua falência ou fragilidade, estudando ainda o tema de Inês de Castro e o D. Sebastião. A autora pretende, deste modo, contribuir para o aprofundamento das relações entre o passado e a sua transposição para a escrita. Relações, admite, “sempre difíceis mas também sempre sedutoras”.



**O Papel do Director de Turma na Colaboração Escola-Família**  
*Armada Zenhas*  
Porto Editora - pp. 199

Esta obra pretende familiarizar o leitor com os esteios conceptuais, com as ferramentas analíticas e com a investigação empírica produzida no âmbito das temáticas da relação escola-família e do papel do director de turma nessa relação. Ao mesmo tempo avança com a apresentação de um estudo de caso, detalhando o trabalho de uma directora de turma relativamente aos encarregados de educação e aos alunos e a dinâmica de colaboração entre as famílias dos alunos e a escola, desenvolvida a nível da turma, ao longo de um ano lectivo.



**O Livro das Boas Noites**  
*José Jorge Letria - Ilustrado por Mimi*  
Editora Ambar - pp. 40

Quando o dia chega ao fim, tocam clarins para anunciar a chegada do Rei Sono e é tempo de dar as “boas-noites” aos que ainda não vão deitar-se. Este livro, com texto de José Jorge Letria e ilustrações de Mimi, é uma maneira de lembrar aos mais pequenos que há um tempo para interromper os trabalhos e os estudos e dar ao corpo e ao espírito o descanso que ambos merecem. Um livro sobre os afectos, que, às vezes, durante a noite, se tornam sonhos doces, daqueles que apetece levar no bolso e na memória pelo dia dentro, logo que amanhece.



**Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias**  
- nº 10 (2004/2005)  
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - pp. 260

Neste número anual da Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias destaque para um artigo de Almeida Santos, presidente do Partido Socialista e ex-Presidente da Assembleia da República, intitulado “A sociedade portuguesa, trinta anos depois do 25 de Abril”, bem como para outros estudos e ensaios da área científica e humana, nomeadamente “Nótulas sobre a arquitectura musical da água”, da autoria de Luís Conceição.



**Comprender Nietzsche**  
*Jean Lefranc*  
Editora Vozes - pp. 327

Nietzsche, o pensador “intempestivo”, continua a ser o crítico mais profundo e mais penetrante das ideias “modernas”. Este livro propõe uma exploração fundamental dessa obra de confronto, obrigatória para qualquer estudante de filosofia, mas cujo acesso nem sempre tem sido fácil devido à abundância e à orientação dos comentários que lhe foram dedicados, por

## AUGE DA ESQUERDA SUL-AMERICANA GERA EUFORIA E EXPECTATIVAS NO FSM

O avanço da esquerda na América Latina — com a recente chegada do indígena Evo Morales ao poder na Bolívia, o triunfo socialista de Michelle Bachelet no Chile e a consolidação da revolução de Hugo Chávez na Venezuela — constituiu motivo de regozijo para os participantes do último Fórum Social Mundial (FSM), realizado em Fevereiro em Caracas, capital da Venezuela. Mas alguns dos participantes questionam-se de que forma as matizes políticas das visões e propostas dos governos eleitos incidirão no futuro da região e despertam as mais variadas interpretações e expectativas.

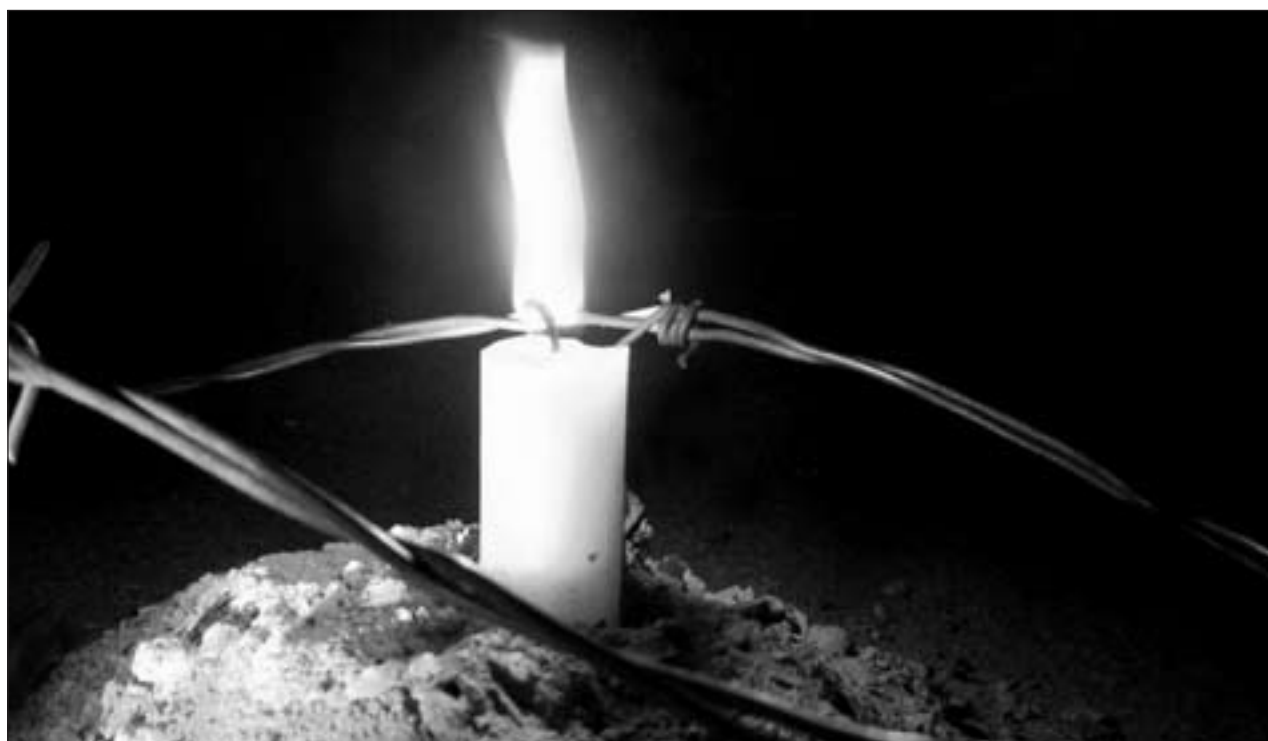
Ignacio Ramonet, director do jornal "Le Monde Diplomatique", afirma que a chegada ao poder de governos progressistas na Argentina, Bolívia, Brasil, Uruguai e Chile "forja um dos momentos mais interessantes na História da América Latina nos últimos séculos", reconhecendo, porém, que o perfil destes governos "não é uniforme", abraçando tendências progressistas, social-democratas e da esquerda democrática.

Para Cândido Grzybowski, um dos fundadores brasileiros do FSM, não há motivo para alarme sobre este mosaico das esquerdas. "Mais do que um ponto comum, as esquerdas latino-americanas estão a estabelecer uma discussão para uma nova agenda. Isto é positivo na medida em que fará progredir o combate contra a globalização", sublinha Grzybowski, declarando-se satisfeito pelo facto de estes países "não seguirem modelos".

O principal assessor para os assuntos internacionais do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e dirigente do Partido dos Trabalhadores (PT), Marcos Aurélio García, afirma que experiências como as de Lula ou Chávez mostram que no continente surgem "diversos socialismos, todos fortemente marcados por valores democráticos", que "devem construir uma base para o trabalho em parceria".

Mais cauteloso, Walter Pomar, um outro líder do PT, adverte sobre o perigo da arrogância dos esquerdistas nas suas vitórias na América Latina, pedindo para que ninguém subestime a força da direita nem a dos próprios erros, numa referência indirecta ao escândalo que abalou recentemente aquele partido brasileiro.

Fonte: AFP



IE / FN

Guantánamo quatro anos sem justiça

# Alguma coisa a celebrar?

**Jumah tem 35 anos. Foi o primeiro prisioneiro de Guantánamo e, apesar das suas várias tentativas de suicídio, continua hoje, com mais 500 pessoas, preso ali, sem quaisquer direitos, sobrevivendo à injustiça deste «centro de tortura».**

Há poucos dias cumpriu-se o quarto aniversário do ilegal centro de detenção de Guantánamo. Não há nada que celebrar a não ser a injustiça. Nestes quatro anos a Amnistia Internacional (AI), com a opinião pública, fez ouvir a sua voz. Em Dezembro de 2005 a AI entregou 120.000 assinaturas ao presidente George Bush exigindo o encerramento deste centro de tortura e de outros similares que os EUA mantêm um pouco por todo o mundo. Para parar esta loucura, que a todos nos envergonha, e conseguir o encerramento de Guantánamo, e de outros centros clandestinos de tortura, é importante a participação de todos os cidadãos.

Passaram quatro anos desde que o EUA transferiram os primeiros prisioneiros para o estabelecimento prisional localizado na base naval da Baía de Guantánamo, na ilha de Cuba. Com as detenções em Guantánamo a entrar no quinto ano, cerca de 500 pessoas, de 35 países, continuam presas sem acusação e julgamento, vendo os seus direitos — à luz do direito internacional e dos direitos humanos — a serem-lhes negados. Estes prisioneiros estão privados de contacto com qualquer organização humanitária internacional. Existem muitas alegações de tortura e de maus tratos infligidos aos prisioneiros do campo.

Os presos continuam num vazio jurídico, sem acesso ao tribunal, aconselhamento jurídico ou a visitas dos seus familiares. São sujeitos a permanecer numa cela minúscula, durante vinte e quatro horas por dia, sem direito a fazer qualquer tipo de exercício. Os prisioneiros são frequentemente mantidos em isolamento, algumas vezes durante meses, por terem infringido as rígidas normas do campo. Vários dos detidos já tentaram o suicídio e muitos em actos de desespero fazem greves de fome, sendo mantidos com vida através de métodos dolorosos de alimentação forçada, contra a sua vontade.

As condições degradantes, as alegações de tortura e maus tratos e a prisão de centenas de pessoas em Guantánamo durante quatro anos sem direito à justiça, são violações alarmantes dos Direitos Humanos. Os planos dos EUA para os detidos serem julgados por Comissões Militares irá trazer ainda mais injustiça, pois estas Comissões não são independentes e admitem testemunhos obtidos sob tortura ou através de intimidação.

Ao longo destes quatro anos, para além da opinião pública mundial, foram muitas as figuras públicas a pedir o encerramento de Guantánamo e a reposição do direito internacional. A Assembleia Parlamentar para a Segu-

rança e Cooperação na Europa (OSCE), o ex-presidente Bill Clinton, vários congressistas americanos, a chanceler alemã Angela Merkel, foram algumas das figuras públicas que pediram ao presidente dos Estados Unidos da América que encerre Guantánamo, liberte os presos ou submeta-os a tribunais que respeitem o direito internacional e a justiça. Todos podemos participar nesta exigência cívica. Actue!

Escreva ao Presidente dos EUA, George W. Bush, pedindo para que as instalações prisionais da Baía de Guantánamo sejam encerradas. E que os detidos sejam tratados de acordo com os padrões internacionais ou imediatamente libertados.

Modelo de carta:

Portugal, March, 2004

Dear Mr. President,

I would like to state our concern over the situation of all Guantánamo detainees.

Due to their situation, it is a matter of the most importance that they are given immediate access to fair trials, or in case they are not tried, they should be immediately released.

Besides their imprisonment, it is a matter of major concerns the allegations of torture and ill-treatment of several prisoners. Since these facts occurred while they are in US custody, we call on the US authorities to immediately conduct a full and impartial investigation, and to make sure that all those found responsible for such acts are brought to justice.

Thus, we would like to appeal to the US government to set up a commission of inquiry into all aspects of the detention policies and practices taken on the "war on terror" led by the USA.

I also call for immediate closing of the Guantánamo detention facilities.

Yours sincerely,

Enviar para:

The Honourable George W. Bush  
The President of the United States  
1600 Pennsylvania Avenue NW  
Washington DC 20500  
United States of America

ou E-mail:

president@whitehouse.gov"president@whitehouse.gov

### PROTAGONISTA

José Paulo  
Serralheiro  
Membro da Amnistia  
Internacional  
(AI-Portugal)



Ana Alvim

# V Congresso Internacional de Actividades Físicas Cooperativas

O «V Congresso Internacional de Actividades Físicas Cooperativas» terá lugar no município de Oleiros (A Corunha, Galiza) entre 30 de Junho e 3 de Julho de 2006.

É um grande encontro que procura o intercâmbio e a difusão de experiências, de investigações e estudos relacionados com as actividades físicas cooperativas em diferentes contextos (principalmente relacionados com o ensino). O congresso acolherá participantes de Espanha, Portugal e América-Latina.

O custo da inscrição é de 30 euros. As inscrições estão limitadas a 150 participantes. A organização cobre os custos de alojamento e manutenção às pessoas que apresentem uma comunicação ou atelier seleccionado pelo Comité Científico, sendo que estes comunicadores ficam isentos do pagamento da inscrição. Existe a possibilidade de participação virtual para os interessados que não possam custear as despesas da viagem. Serão escolhidas 10 comunicações virtuais.

Os participantes virtuais recebem os materiais do congresso e o certificado. Os critérios da selecção das comunicações por parte do Comité Científico são os seguintes:

- Tratar-se de uma proposta de educação física ou de actividades físicas de educação formal.
- Ser uma proposta de actuação cooperativa.
- Ter a qualidade técnica suficiente para ser aceite pelo Comité Científico (aprovação de dois dos três membros).
- Não exceder o tempo que o Congresso lhe reservar.
- Será feita uma selecção dos textos caso se verifique excesso de comunicações ou de ateliers.

O Congresso tem uma página no endereço electrónico [www.congresooleirosafc.org](http://www.congresooleirosafc.org)



## CONFLITOS

### Líderes europeus e muçulmanos lamentam crise das caricaturas

O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, e dirigentes europeus e muçulmanos divulgaram no final de Fevereiro, em Doha, um comunicado no qual lamentam a publicação das caricaturas do profeta Maomé e a violência subsequente no mundo muçulmano.

O secretário-geral da Organização da Conferência Islâmica (OCI), Ekmeleddin Ihsanoglu, o da Liga árabe, Amr Mussa, assim como os ministros das Relações Exteriores de Qatar, Espanha e Turquia pediram a Kofi Annan que transmita o comunicado ao Conselho de Segurança das Nações Unidas. Annan disse que competirá aos países-membros decidir se vão transformar o texto numa resolução da ONU.

No seu comunicado conjunto, Annan e os outros líderes expressam que

“lamentam profundamente a ofensa causada pelas caricaturas, assim como a perda de vidas e os danos materiais em diferentes países” nas manifestações que se seguiram à publicação dos desenhos.

“Reafirmamos o direito universal à liberdade de expressão. Pedimos a todos que exerçam esse direito de modo responsável, que não o utilizem como um pretexto para incitar ao ódio ou insultos contra crenças profundamente enraizadas de qualquer comunidade que seja”, completa o texto.

No seguimento desta iniciativa reuniu-se a «Aliança de Civilizações». A ideia desta Aliança foi lançada em Setembro de 2004 na ONU pelo socialista espanhol José Luís Rodríguez Zapatero, e pela Turquia, para aproximar as instituições e a sociedade civil e diminuir preconceitos e a intolerância entre povos de diferentes culturas e religiões.



## Ficha Técnica

**Jornal A Página da Educação** — Publicação Mensal — Publica-se na 1ª segunda-feira de cada mês | **Proprietário:** Editora Profedições, Lda. | **Capital Social:** 5.000 Euros | **Director e Coordenador editorial:** José Paulo Serralheiro | **Editor Gráfico** Adriano Rangel | **Redacção:** Andreia Lobo e Ricardo Costa | **Secretariado:** Lúcia Manadelo | **Paginação:** Ricardo Eirado | **Fotografia:** Ana Alvim.

### Rubricas e colaboradores

**A ESCOLA que (a)prende** — Coordenação: David Rodrigues, *Universidade Técnica de Lisboa e Coordenador do Fórum de Estudos de Educação Inclusiva* (www.fmh.utl.pt/feei). Jorge Humberto, *Equipa de Coordenação dos Apoios Educativos (ECAE), Torres Vedras*. Luzia Lima, *Centro Universitário Salesiano (Unisal), Brasil e Instituto Piaget, Portugal*. | **À LUPA** — António Brotas, *Instituto Superior Técnico* | **AFINAL onde está a escola?** — Coordenação: Regina Leite Garcia, Colaboração: *Grupalfa—pesquisa em alfabetização das classes populares, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil*. | **CINEMA:** Paulo Teixeira de Sousa, *Escola Secundária Fontes Pereira de Melo, Porto*. | **COMUNICAÇÃO e e escola** — Felisbela Lopes, Manuel Pinto e Sara Pereira, *Universidade do Minho*. Raquel Goulart Pinto, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil*. | **CONSUMAR-SE e consumir-se no consumo** — Victor Oliveira Jorge, *Faculdade de Letras da Universidade do Porto* | **CULTURA e pedagogia** — Coordenação: Marisa Vorraber Costa, *Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Luterana do Brasil* | **DA CIÊNCIA e da vida** — Francisco Silva, *Portugal Telecom*. Margarida Gama Carvalho, *Faculdade de Medicina de Lisboa e Instituto de Medicina Molecular*. Rui Namorado Rosa, *Universidade de Évora*. | **DA CRIANÇA** — Raúl Iturra, *ISCTE Universidade de Lisboa*. | **DISCURSO Directo** — Ariana Cosme e Rui Trindade, *Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto*. | **DO PRIMÁRIO** — José Pacheco, *Escola da Ponte, Vila das Aves*. | **DO SECUNDÁRIO** — António Silva Pereira, *Escola Secundária Fontes Pereira de Melo, Porto*. Arsélio de Almeida Martins, *Escola Secundária de José Estevão, Aveiro*. Domingos Fernandes, *Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa*. Fernando Santos, *Escola Secundária de Valongo, Porto*. Jaime Carvalho da Silva, *Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*. Judite Barbedo, *Escola Secundária Filipa de Vilhena, Porto*. Paulo Melo, *Escola Secundária n.º 1 da Maia, Porto*. Paulo Pais, *Escola Secundária do Padrão da Légua, Porto*. | **E AGORA professor?** — José Maria dos Santos Trindade, Pedro Silva, Ricardo Vieira, Susana Faria da *Escola Superior de Educação de Leiria*. Rui Santiago, *Universidade de Aveiro* | **EDUCAÇÃO desportiva** — Gustavo Pires e Manuel Sérgio, *Universidade Técnica de Lisboa*. André Escórcio, *Escola B+S Gonçalves Zarco, Funchal*. | **EDUCAÇÃO e Cidadania** — Américo Nunes Peres, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Chaves*. Miguel Ángel Santos Guerra, *Universidade de Málaga, Espanha*. Otilia Monteiro Fernandes, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Chaves*. Xesús R. Jares, *Universidade da Corunha, Galiza*. Xurjo Torres Santomé, *Universidade da Corunha, Galiza*. | **EM PORTUGUÊS:** Leonel Cosme, *investigador, Porto*. | **ENTRELINHAS e rabiscos** — José Rafael Tormenta, *Escola Secundária de Oliveira do Douro e Escola Superior de Educação do Porto* | **ERVA daninha e SUBLINHADOS** — Júlio Roldão, *Jornalista, Porto* | **ÉTICA e educação** — Adalberto Dias de Carvalho, *Universidade do Porto*. Isabel Baptista, *Universidade Católica, Porto*. José António Caride Gomez, *Universidade de Santiago de Compostela, Galiza*. | **FORA da escola também se aprende** — Coordenação: Nilda Alves, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ, Brasil*. Colaboração: Laboratório Educação e Imagem: questão de cidadania | **FORMAÇÃO e Desempenho** — Carlos Cardoso, *Escola Superior de Educação de Lisboa*. | **FORMAÇÃO e Trabalho** — Manuel Matos, *Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto*. | **IMPASSES e desafios** — Agostinho Santos Silva, *Eng. Mecânico CTT*. António Teodoro, *Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa*. João Barroso, *Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa*. Manuel Pereira dos Santos, *Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa*. João Paraskeva, *Universidade do Minho* | **LUGARES da Educação** — Almerindo Janela Afonso, Licínio C. Lima, Manuel António Ferreira da Silva e Virgínio Sá, *Universidade do Minho*. | **O ESPÍRITO e a Letra:** Serafim Ferreira, *escritor e crítico literário*. | **O PORTUGAL das educações** — Telmo Caria, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD*. | **OBSERVATÓRIO de políticas educativas** — Ana Benavente, *Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*. João Teixeira Lopes, *deputado do Bloco de Esquerda*. Luísa Mesquita, *deputada do Partido Comunista Português* | **OLHARES de fora** — Beatriz Gonçalves e Silva, *Universidade Federal de São Carlos e Conselho Nacional de Educação, Brasil*. José Miguel Lopes, *Universidade do Leste de Minas Gerais, Brasil*. Maria Antónia Lopes, *Universidade Mondlane, Moçambique*. Ivoaldo Neres Leite, *Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil* | **QUOTIDIANOS** — Carlos Mota e Gabriela Cruz, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real*. | **RECONFIGURAÇÕES** — António Magalhães, *Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto*. Fátima Antunes, *Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho*. Fernanda Rodrigues, *Instituto de Solidariedade e Segurança Social e CIE da FPCE Universidade do Porto*. Roger Dale, e Susan Robertson, *Universidade de Bristol, UK*. Xavier Bonal, *Universidade Autònoma de Barcelona, Espanha* | **SO-CIEDADE e território** — Jacinto Rodrigues, *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. | **TERRITÓRIOS & labirintos** — António Mendes Lopes, *Instituto Politécnico de Setúbal*. | **TEXTOS bissextos** — Coordenação: Luís Souta, *Instituto Politécnico de Setúbal*. Colaboram: Filipe Reis, *ISCTE, Lisboa*, José Catarino, *Instituto Politécnico de Setúbal*, José Guimarães, *Universidade Aberta, Lisboa*, Luís Vendeirinho, *escritor, Lisboa*, Paulo Raposo, *ISCTE, Lisboa*.

### A Página respeita as variantes do português, do galego e do castelhano

De acordo com o seu Estatuto Editorial, a Página da educação utiliza os idiomas como forma de promover a aproximação entre os povos de língua oficial portuguesa e destes com os povos que usam as variantes do galego e do castelhano. Assim, os artigos de opinião são publicados na Página respeitando as várias variantes da língua portuguesa, do galego e do castelhano, usadas pelos nossos colaboradores e leitores. São traduzidos para português os textos dos colaboradores que utilizam, na sua escrita, outros idiomas.

**Conselho de gerência:** José Paulo Serralheiro. João Baldaia. Abel Macedo. | **Registo na Conservatória Comercial do Porto:** 49561 | **NIF:** 502675837 | **Depósito legal:** 51935/91 | **ICS:** 116075 | **Preço:** 2 Euros (IVA incluído) | **Tiragem do mês anterior:** 21.000 exemplares. **Administração, redacção e publicidade:** Rua D. Manuel II, 51 – C – 2º andar – sala 2.5b — 4050-345 PORTO | **Tel.** 226002790 | **Fax** 226070531 | **Correio electrónico:** redacao@apagina.pt | **Assinaturas:** assinaturas@apagina.pt | **Edição na Internet:** www.apagina.pt/ | **Impressão:** Naveprinter-Indústria Gráfica do Norte,S.A., Maia | **Embalagem e Distribuição:** Notícias Direct, Maia | **Serviços Agência France Press,** AFP. | Membro da **Associação Portuguesa de Imprensa** – AIND

A caricatura do profeta Maomé lançou um enorme debate. De repente, descobrimos dois mundos/duas civilizações que se olham sem se ver, num confronto de valores e crenças. Assistimos ao radicalizar de posições, num conflito insuperável, cuja natureza trágica a humanidade conhece desde os gregos.

Para que a questão das múltiplas intolerâncias (religiosas, políticas, culturais, sociais) não se situe apenas na espuma dos dias e não se esgote nas imagens da televisão, importaria colocá-la ao nível da educação para os valores da paz, do diálogo e da tolerância.

Não necessitamos de grandes filosofias ou tratados jurídicos, basta agir com bom senso e sabedoria prática, percebendo que: “A lei de ouro do comportamento é a tolerância mútua, já que nunca pensaremos todos da mesma maneira, já que nunca veremos senão uma parte da verdade e sob ângulos diversos”(M. Gandhi).

Ao tomar consciência das nossas limitações e da impossibilidade de chegar a uma verdade total e única, ficamos disponíveis para nos centrarmos na construção de plataformas de diálogo, de aproximação e de convivência pacíficas, na diferença, com tudo o que isto implica de solididade, escuta, cuidado, reciprocidade e respeito pelo outro.

À luz destes valores, não podemos deixar de considerar particularmente preocupantes alguns aspectos associados à publicação das caricaturas:

— A reacção aos efeitos em vez de acção sobre as causas. A sociedade ocidental não se pode pôr em questão apenas quando ondas de choque violentas mostram a dimensão dos problemas. Tem de estar em permanente questionamento sobre as dificuldades que nos impedem de avançar e de caminhar juntos de forma dialogante e concertada.

— A instrumentalização religiosa. Mais que saber se é ofensivo importa perceber por que razão utilizam uns e outros a religião com fins políticos.

O jornal publica com a intenção deliberada de criar um tumulto no mundo árabe, e estes aproveitam a melhor altura – a vitória do Hamas e a situação no Irão - para incendiarem as comunidades islâmicas contra o ocidente.

A separação entre a Igreja e o Estado é, tal como a liberdade de expressão, um valor da democracia, defensável com os mesmos argumentos. Inquestionável, portanto.

- A abusiva generalização. A bomba na cabeça do profeta indicia que todos os que professam o Islão são terroristas. Ora, não é justo dizer que “to-

dos são”, embora seja verdade que alguns são. O fanatismo, o terrorismo, a violência, sejam praticados por quem for, e contra quem for, são absolutamente inaceitáveis.

Também, entre nós, há generalizações abusivas, embora não do mesmo género. Por exemplo, no caso dos ciganos, há quem acuse: - “são ladrões, não querem trabalhar, traficam droga”. Será que todos são? Muitos não são. E todos os que roubam e traficam pertencem a esta minoria? Também não. Não há comunidade sem problemas de droga, violência, maltrato a mulheres, etc. Não existem grupos humanos perfeitos, nem imunes, somos todos muito mais parecidos do que imaginamos. Como seria útil se nos conhecêssemos melhor!

O integrismo é um perigo real mesmo fora dos países árabes. Esta semana, na fila da caixa de um supermercado, encontrei uma mulher árabe que, para além da túnica e do lenço, trazia um pano negro a tapar-lhe a cara — imagem nova, por aqui. Falava continuamente ao telemóvel, umas vezes em árabe outras em português — dependendo dos interlocutores, suponho. Parecia ser uma pessoa integrada socialmente, vivendo como eu e tantos outros, num bairro pacato de uma grande cidade. Talvez já me tenha cruzado com ela, lhe reconheça o rosto, se fosse o caso de o poder ver. Mas nesse dia não vi e tive pena.

Penso: o que faz com que alguém se vista assim, aqui, numa semana de manifestações tão violentas, em que embaixadas ocidentais foram destruídas, bandeiras queimadas, etc., quando o discurso de muitos se situa no limite da xenofobia? Seria, até, compreensível, por uma questão de segurança, que os árabes que vivem no ocidente fizessem tudo para se tornarem invisíveis, pois nenhuma sociedade está a salvo de extremistas.

Ao contrário, alguns fazem-se notar. Talvez esta mulher precise, por motivos que nem ela mesma saiba explicar, de levar ao limite a sua identificação exterior com a cultura islâmica. Mas com que intuito? Para provocar? Penso que não é o caso. Talvez por um profundo sentimento de pertença, que vai muito para além da religião, como se uma força estranha a impelisse a dizer: “estou aqui, sou islâmica, não queimo bandeiras, mas sinto-me”.

E eu admito que sim. Talvez precisássemos ambas de conhecer e compreender melhor muitas coisas.

# “A lei de ouro do comportamento é a tolerância mútua”

## O paradoxo da Internet: aliado e inimigo?



IE / FN

Eduardo Nuno  
Fonseca  
EdNunFonseca@hotmail.com  
Professor do Ensino  
Básico

Hoje, um dos paradigmas do pluralismo e um dos principais catalisadores do mesmo é a Internet. Realmente, o uso deste recurso da modernidade tem revolucionado a contemporaneidade. O acesso às denominadas auto-estradas de informação e de comunicação é um recurso ímpar desde finais do século XX. O acesso a milhões e milhões de percursos, de assuntos, de imagens, de ideologias, de vídeos, de informação e de som, é hoje uma realidade para um número cada vez maior de indivíduos. Qualquer assunto é contemplado, podendo ser apresentado com diferentes tónicas, num *continuum* enorme de sensibilidades, onde os conceitos *soft* e *hard* são pólos de uma linha quase infinita de projecções e densidades.

O virtual e o real, o verdadeiro e o embuste, o facto e a especulação, confluem e coexistem numa lógica por vezes irracional e imperceptível. Neste quadro cósmico, nesta janela universal, densa e híbrida de portais, o adolescente e jovem têm

a possibilidade de, num ápice, num vislumbre dum página Web, aceder a um particular conteúdo. A questão que é suscitada é se tal constitui um contributo válido na educação e na formação das novas gerações. Se por um lado existem constelações de recursos de enorme aplicação pedagógica e formativa, a todos os níveis, assumam-se com a mesma frontalidade a consideração da existência de autênticos buracos negros no universo cibernético. A metáfora ganha substância pois alicerça-se nas palavras recentes do psiquiatra Daniel Sampaio, quando refere que o contacto dos adolescentes com determinados sites tem efeitos altamente nocivos no seu desenvolvimento psicossocial. Como exemplo, presentemente existe um fenómeno crescente de disfunções sexuais de jovens portugueses, causadas por lesões irreversíveis no cérebro, ao nível do sistema límbico, devido ao cocktail de Viagra, Ecstasy e Red Bull. As consequências posteriores são antagónicas em relação ao efei-

to imediato pretendido (aumento da resistência física e melhoria do desempenho sexual). A Internet é identificada como principal responsável deste problema dado que os medicamentos se encontram à disposição de qualquer indivíduo, sem qualquer tipo de controlo, e o apelo diário (através de mail) é incisivo, não só em relação aos medicamentos mais emblemáticos mas toda a sorte de fármacos. Apesar de ser uma actividade ilegal, a fiscalização não opera, vivendo-se o controlo zero na rede cibernética. O problema que é já denominado de saúde pública, está a assumir contornos tais que o Conselho da Europa está a analisá-lo. Tais situações devem interpelar as comunidades educativas. Em primeiro lugar deve-se assumir a presença e o desenvolvimento do fenómeno. É necessário reconhecer a sua influência, nomeadamente no domínio da formação pessoal e social. O desconhecimento impede que sejam tomadas acções que visem a prevenção ou a confrontação adequada, e si-

multaneamente castra *a priori* o que realmente é benéfico, pedagógico e construtivo. Uma educação global deve conceder ferramentas e capacidade de análise e discernimento. Nunca como hoje, a educação para o diverso, para o antagónico e para o impensável, são prementes.

Nesse sentido, o Programa para uma Internet mais segura da Comissão Europeia está a financiar a criação de nós nacionais em 16 países europeus, visando a sensibilização para os desafios e riscos da Internet. Na comemoração do Dia para uma Internet mais Segura realizado no dia 7 de Fevereiro de 2006, a temática eleita foi a «Ética na Internet». É neste contexto e com esse tema que o nó nacional Seguranet decidiu lançar um concurso para as escolas básicas e secundárias. Motivar alunos e professores para a relevância das questões relacionadas com a utilização da Internet é o alvo do Concurso: "Net + segura - uma ética para navegar e comunicar"! ([www.crie.min-edu.pt](http://www.crie.min-edu.pt))

## O trabalho invisível dos professores

Maria Luísa Abreu  
Professora,  
Escola Secundária  
Padre António Vieira

Em relação a um infeliz artigo de Miguel Sousa Tavares sobre o trabalho dos professores, dentro e fora da escola, era bom que fosse feito o seguinte esclarecimento: os professores do 2º e 3º ciclos do ensino básico e ensino secundário têm um número de aulas variável em função do seu tempo de carreira (a chamada componente não lectiva) e além das referidas aulas os professores têm um infundável rol de trabalhos a desenvolver na escola e que não podem ser feitas "na rua e em casa".

Realmente seria óptimo que, após as aulas, os professores apenas tivessem a preocupação de preparar aulas e corrigir trabalhos. Mas não, fora do horário lectivo há um inúmeras ta-

refas, entre as quais se podem destacar reuniões periódicas de todos os tipos: de grupo, de departamento, de conselho de turma, de conselho de ano, de ciclo, de pais e encarregados de educação, de conselho pedagógico, de directores de turma, de avaliação, intercalares, etc...etc... das quais se têm de fazer as respectivas actas (estas reuniões demoram em média 3 horas, mas é de notar que há semanas em se podem ter várias e de várias horas, além das reuniões informais que não chegam a ser consideradas como tal).

Claro que estas reuniões têm de ser preparadas e das mesmas de ser redigida a respectiva acta. Mas não é só. Bem à portuguesa, há impressos

e formulários a preencher para tudo. Fora da escola, normalmente em casa, os professores preparam as suas aulas, fazem as suas planificações e corrigem os trabalhos dos alunos. Nos seus computadores pessoais, bem entendido, que foram comprados por si próprios. Será assim nas outras profissões?

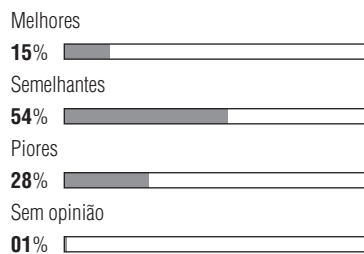
Também convém que os professores se actualizem, que comprem livros e leiam, que façam a sua formação, mas reparem, só em horário extra e a expensas pessoais. E já é uma sorte que, quando há um seminário ou encontro relativo à sua especialidade, o ministério lhe aceite justificar a falta. Que eu saiba, quando numa empresa os funcioná-

rios vão para formação fazem-no no seu horário de trabalho.

Quanto ao resto, seria fastidioso e deprimente relatar os casos que fazem da escola um local de *stress* permanente, que só não sabe quem nunca entrou em nenhuma (estamos a falar de escolas públicas, bem entendido, que nas outras "pia fino").

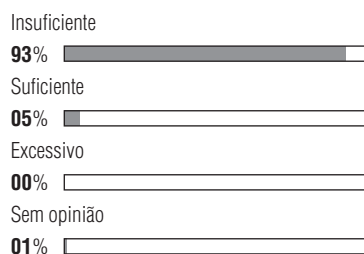
E estou certa que no fim de tudo me esqueci de imensas coisas que devia ter dito, mas o tempo é curto e tenho apenas o resto da tarde para ir fazer o teste para os meus alunos. É que tarefas destas não se podem guardar para mais tarde e o professor não pode dizer simplesmente que não teve tempo. Os professores têm sempre tempo para tudo...

**Comparando com os anos anteriores os resultados escolares deste ano vão ser:**



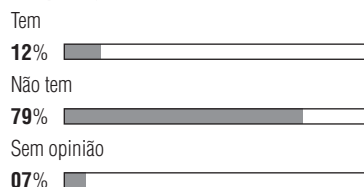
Total Respostas: 594

**O investimento que Portugal faz em ciência é:**



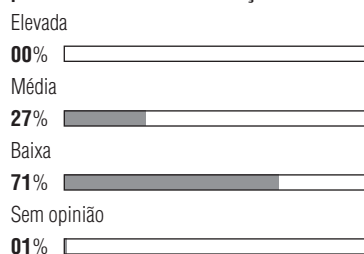
Total Respostas: 594

**O actual Governo de Portugal tem um projecto global e claro para a educação dos portugueses:**



Total Respostas: 594

**A população portuguesa tem pelos professores uma consideração:**



Total Respostas: 594

**Assine e divulgue**

*a Página da educação*



Adriano Rangel

## A Queima do Judas

Personificado por um tosco boneco que é ciclicamente imolado num auto-de-fé popular, proporcionando deste modo uma catártica e regeneradora destruição, a insólita “queima do judas” consubstancia ainda uma inegável sátira à abstinência quaresmal que, na morte do Iscariotes, encontra a vingança há tanto tempo ansiada.

O “apóstolo maldito” serve, deste modo, de bode expiatório dos malefícios da obrigatória frugalidade da Quaresma, bem como de arquétipo daquilo que é velho e gasto e se rejeita ritualmente destruindo-se pelo fogo, pela espada, pelo apedrejamento, pelo afogamento, pelo enterramento!

Como em outros costumes semelhantes, também aqui simbologias arcanas se aditam a funcionalidades críticas diversas, conjugando-se tudo para fazer destas práticas modelos tradicionais susceptíveis de se perpetuarem até aos nossos dias.

Fora de portas, este costume era usual na Galiza (que com o Minho se interliga em simbiose cultural), bem como em Zurique, na Suíça, nos célebres festejos de Sechseläuten, na Rússia e, ainda, um pouco por toda a América Latina. Nalguns casos, como acontece na província argentina de Salto, o boneco traz uma bolsa que recorda os trinta dinheiros e noutra um cartaz em que está escrito:

*Aqui yace Judas Iscariote  
Quien a Cristo vendió  
Todos los que me miran  
Son más Judas que yo!*

Muitas vezes o pirotécnico espectáculo era precedido de grotescos “julgamentos” e proclamações de “testamentos”. Nalguns casos, principalmente nas grandes cidades, eram queimados diversos “judas”; um por cada bairro ou agremiação profissional ou recreativa.

E se este é, como parece ter sido, um costume em grande parte urbano, a mudança cultural mais rápida que as cidades e vilas sofreram conduziu, concerteza, a um igualmente mais rápido desaparecimento destes costumes, na maior parte dos casos há já várias décadas.

Em 1903, já o jornal “O Século” dava testemunho de uma decadência inexorável nas docas lisboetas que, nesse ano, apenas tinham permitido a continuação do costume, e cito: “...no cruzador São Rafael (...) onde se enforcou o Judas no mastro da proa” e em duas fragatas sediadas na doca de Alcântara onde “foram içados bonecos de palha e à hora convencional houve basta paulada no pseudo Judas em meio de peripécias engraçadas e de grande aglomeração

de gente que se juntou no caes”.

Como se vê a queima era aqui substituída pelo enforcamento precedido de uma sessão de paulada no desgraçado em que todos participavam no meio da maior balbúrdia e regozijo, já se vê!

Na verdade a pantomina parece ter sido anteriormente ainda mais elaborada e incluir até, muitas vezes, galhofeiros “testamentos”. Num texto de cordel significativa e extensivamente denominado “Novo Testamento do Judas que Morreu Afogado no Tejo e Enforcado por Honra de seus Parentes, neste ano de 1752 à Vista de todos os Barqueiros”, Leite de Vasconcelos relata a leitura das “últimas vontades do criminoso” por parte de um denominando “Lusbel Tabelião”. Atente-se nesta colorida descrição: “Deixa os trastes velhos aos que por cá ficam e pertencem como êle à fauna mixordeira da cidade (...) a bolsa e dinheiros a todo aquelle que como a mim for, porque ha maons pelo mundo, com rigores, que são como as de Judas e peyores”

À semelhança da capital e dos concelhos portuários próximos, em Olhão e em Vila Franca de Xira, contentavam-se em “moê-lo à pancada” situação geradora, como se calcula, do mais completo e hilariante tumulto, enquanto em Farinhão-Parada de Gonta, freguesia pertencente ao concelho de Tondela, o mesmo era impiedosamente apedrejado!

A maior parte dos casos consistiam, porém, em simples imolações a que as bombas forneciam o elemento imprevisível e espectacular. Em Arzila-Coimbra, bem como nas Lapas-Torres Novas, o Judas “estava atado com uma corda que o ligava de um lado ao outro da estrada.” Deitava-se-lhe fogo aos pés e, quando o mesmo atingia a cabeça que continha uma bomba, esta estourava estrondosamente enquanto o sino tocava freneticamente a rebate. Nas Lapas, como se não bastasse a desintegração completa da efígie, a cada explosão bombista sucedia-se um coro de imprecações e insultos dirigidos ao apóstolo maldito assim justiciado.

Em Águeda, mais precisamente na freguesia de Travassó (tal como acontece em Trancoso), esta tradição ainda hoje persiste embora a mesma continue a ter de coexistir com disposições eclesiásticas pouco abonatórias.

E se é assim em tempos modernos, calcule-se a situação em tempos passados. Os conflitos, explícitos ou implícitos, eram frequentes, bem como as intervenções das autoridades, dando azo a desenvolvimentos comunitários susceptíveis nalguns casos de interrupção ou até, a mais ou menos definitivas, suspensões do costume.

Aurélio Lopes  
Antropólogo e investigador.  
Professor convidado da Escola Superior de Educação de Santarém.



## A escola pública está doente

IE / FN

Carlos  
Alberto Chagas  
Professor. Secretário-  
-Geral do SINDEP

O acto educativo e pedagógico está, hoje, em risco. Os professores estão a ser transformados em funcionários públicos burocráticos, cumprindo escrupulosamente as horas de presença na escola, com marcação de ponto hora a hora e sendo vigiados por zelosos auxiliares de acção educativa, cuja função deixou, agora, de ser a de observarem os alunos para passarem a vigiar criteriosamente o rigoroso cumprimento, hora a hora, das actividades não lectivas dos professores. Parece estranho este excesso de zelo por parte do ministério da Educação face à autonomia das escolas, que deixou de ser a de recriar melhores condições de trabalho para os alunos aprenderem e dar aos professores o tempo, o espaço e o modo de preparar melhor as aulas e reflectir sobre as estratégias a aplicar na aprendizagem individualizada dos alunos. Este facto é irrelevante para o ministério da Educação que buro-

cratiza o ensino. Colocar professores qualificados não a exercer a sua função, mas a vigiar e acompanhar alunos que não são os seus, nem mesmo da sua escola e de diferentes níveis de ensino, é a orientação que o ministério dá para [alguns] imprevistos Conselhos Executivos, que de pedagogia conhecem só a prepotência de serem mais “papistas que o Papa” (passo a expressão).

É tempo da sociedade verificar que, dentro de alguns anos, não terá professores para melhorar a qualidade do ensino, porque a sua função será a de um burocrata escrupulosamente cumpridor do horário de trabalho. Nós professores desafiamos a ministra da Educação a elaborar uma análise da função docente que a sociedade das novas tecnologias exige para melhor preparar a aprendizagem dos nossos alunos, de forma a tornar público os resultados de sucesso alcançados.

É ético e justo que todos possamos saber como trabalha um professor, que exigências se lhe pedem hoje, que ensino se lhe propõe, que metodologias se lhe exigem para individualizar o ensino e melhor preparar os alunos.

É preciso analisar que cultura de trabalho e disciplina têm os alunos na escola, para terem o dever de aprender. É preciso demonstrar que motivações tem a família para dar aos jovens o apoio e o incentivo ao estudo, fazendo-lhes perceber que estudar não é brincar e não deve ter qualquer sentido lúdico. Estudar exige disciplina, esforço e recompensa. É, no fim, adequar e conduzir o aluno para entrar no mundo competitivo do trabalho, é também dar-lhe a noção de que há diferença entre a responsabilidade de aprender mais e melhor, assim como tempo para brincar, divertir e recriar.

É preciso que as famílias separem estes dois factos – o estudo, respon-

sabilidade e disciplina – e o *fare niente* do lúdico, recriação e divertimento. Sem estas noções pré-definidas pela sociedade portuguesa e implementadas pelo ministério da Educação, não haverá mais possibilidade dos professores terem todos os seus alunos com sucesso educativo.

É preciso respeitar o trabalho dos professores. É preciso entender que este trabalho dará mais e melhor desempenho ao país.

Os professores, por isso, protestam contra as condições de trabalho, contra a sua transformação em burocratas, e exigem respeito e dignidade à sua profissão. Exigem, pois, continuar como um corpo especial da função pública, porque desempenham funções especiais.

É, por tudo isto, que os docentes estão a lutar para que o Governo perceba que o sucesso educativo é desejado pelos professores, mas não pode ser imposto contra os professores.

## Ingratidão pela classe docente

Rui Pires  
Professor  
de Educação Física.  
Escola Secundária de  
Severim de Faria  
ruialexpirex@iol.pt

A ingratidão com que a sociedade, em geral, trata os Professores é sintoma óbvio de decadência moral e de emancipação do egoísmo e da irreverência incivilizada.

As pessoas julgam-se auto-suficientes, crêem que vivem no auge das suas faculdades pessoais e sociais, refugiam-se nesta utopia de miséria imodesta e enterram o agradecimento e respeito devido a todos os que participaram no seu processo educativo (ainda que frustrado, como a realidade demonstra com tão nítida evidência) com tamanho frenesim como se de fantasmas medonhos se tratassem.

Culpa de todos nós sem dúvida, mas quem tem responsabilidades governativas não deveria pactuar com este regime da ingratidão e ainda menos, fomentá-lo como sucede com os actuais representantes do Governo nestas matérias da Educação.

Os Professores são profissionais da inversão da contrariedade:

— Lidam com alunos contrariados e investem todo o seu saber na inver-

são desta desmotivação;

— Lidam com colegas que alimentam intrigas, as quais são naturais em qualquer comunidade de pessoas mas agora alimentadas por medidas governativas que impedem o bom trabalho dos profissionais de educação, obrigando-os a invertirem esta situação adversa, realizando ainda mais horas extraordinárias (não remuneradas) para terem o trabalho lectivo em dia, com rigor e alguma criatividade;

— Lidam com os Encarregados de Educação cada vez mais descuidados com a Educação dos menores e dependentes a seu cargo e com um desdém e desconsideração crescentes pelas funções daqueles que têm a seu cargo não um, nem dois, três ou uma dúzia de meninos e meninas mas antes, cem, cento e cinquenta ou mais crianças e adolescentes adoráveis e intranquilos, cuja desorientação a nível educativo importa inverter e nortear;

— Lidam com representantes do po-

der local, com organizações representativas de interesses locais e culturais, entre outras e quão desentrelaçadas e difíceis de inverter, se tornam, por vezes, as visões e as estratégias de intervenção preconizadas.

A tudo isto se associam as pressões para a obtenção de sucesso escolar (tão confundido com o sucesso educativo e maltratado pelos mais recentes diplomas legais, insensatos e segregativos) oriundas dos mais recônditos pensamentos:

— De alguns políticos, representantes de uma sociedade que vai sucumbindo em cada promessa política não cumprida, em cada rombo provocado pela usurpação imputada aos inflamados pela ganância do poder e em cada ideia iluminada de sucessivas equipas ministeriais que falham em perceber que no trilho por onde tropeçam sob a luz ofuscante das suas ideias sinistras, outros caminham de forma graciosa, cada um com a sua luz tênue e esclarecida mas iluminados pela claridade reve-

ladora de todas as luzes tênues que se associam;

— Dos Encarregados de Educação tão preocupados com a instrução e a preparação técnica dos seus educandos e tão em estado de alerta, especialmente e até somente, nos finais de períodos lectivos, perdendo a oportunidade de se inteirarem e de conviverem com um processo tão rico e mágico de educação e de desenvolvimento que ocorre com maior ênfase, antes da última semana que precede o término desses períodos;

— Dos tão emblemáticos e fúteis *rankings* de escolas ou com maior rigor, dos *rankings* dos contextos familiares e sócio-económicos dos alunos;

— Da sociedade em geral, viciada em prazeres fáceis e em aquisições fartas em visibilidade e tão somente. Para quando o fim da ingratidão?

Os Professores nada prometem e continuarão a trabalhar. Outros mais talentosos e especializados no engodo da promessa que as continuem a fazer.

# A Felicidade

Todos nós a procuramos mas será que a conseguimos alcançar? Quando nos perguntam ou nos perguntamos se somos realmente felizes ou que respondemos?

Aristóteles referiu que a felicidade não é mais do que a nossa capacidade de contemplação: “Quanto mais se desenvolve a nossa faculdade de contemplar, mais se desenvolvem as nossas possibilidades de felicidade, e não por acidente, mas justamente em virtude da natureza da contemplação. Esta é preciosa por ela mesma, de modo que a felicidade, poderíamos dizer, é uma espécie de contemplação”.

Felicidade como refere Jean-Jacques Rousseau é um estado permanente que não parece ter sido feito, aqui na terra, para o homem. Na terra, tudo vive num fluxo contínuo que não permite que coisa alguma assuma uma forma constante. Tudo muda à nossa volta. Nós próprios também mudamos e ninguém pode estar certo de amar amanhã aquilo que hoje ama. É por isso que todos os nossos projectos de felicidade nesta vida são quimeras.

Contudo, sem essas ilusões que criamos não seríamos certamente felizes. Seríamos um ser desprovido de essência, um mero ser existencial.

A palavra felicidade provém do latim, *augurium*, que significa augúrio ou sorte, pois a mesma não dependeria do homem, mas sim de algo exterior a ele.

O que é para nós sermos felizes; o que precisamos para sermos felizes; hoje em dia a felicidade é algo que dificilmente se atinge, as nossas necessidades condicionam essa mesma felicidade, somos cada vez mais seres necessitados, sobrepomos as nossas necessidades à nossa felicidade, vivemos numa falsa felicidade, numa triste felicidade, com medo daquilo que nos faz realmente felizes, temos receio de sermos felizes e de vivermos como realmente somos. Há uma referência para atingirmos a felicidade, quatro factores de realização: riqueza, satisfação material, espiritualidade e iluminação. Juntos eles abarcam a totalidade da busca do indivíduo pela felicidade. Todos esses factores são, no fundo, fontes de felicidade; contudo, para que um indivíduo possa fazer um pleno uso delas com o intuito de levar uma vida feliz e realizada, a sua disposição mental é essencial, isto é, uma atitude mental correcta ajudará a manter o equilíbrio entre os vários factores.

A felicidade está associada a sentimentos como a alegria, o regozijo, o prazer, o júbilo, o amor, e muitos outros; em antagónica temos os sentimentos de tristeza, sofrimento, mágoa, dor, entre outros. A felicidade difere de alegria, felicidade é um estado com maior duração, do que um simples sentimento de prazer, que origina um sentimento de alegria. O budismo concebe a felicidade suprema como o nirvana; a filosofia aristotélica entende a felicidade humana como o desenvolvimento das capacidades individuais praticando as virtudes ou excelências; já o epicurismo concebe a felicidade como uma vida de contínuo prazer, ou seja, a felicidade consiste em gozar inteligentemente os prazeres da vida; o estoicismo considera a felicidade algo que poucos conseguem alcançar, propõe viver de acordo com a lei racional da natureza e aconselha a indiferença em relação a tudo que é externo ao ser, aceitando de bom grado aquilo que nos acontece; para o cristianismo o guia para a felicidade é o encontro com Deus e com os demais.

Dalai Lama refere que para ele o objectivo da vida é perseguir a felicidade, “se acreditamos em religião, ou não; se acreditamos nesta religião ou naquela; todos estamos procurando algo melhor na vida. Por isso, para mim, o próprio movimento da nossa vida é no sentido da felicidade...”

Pesquisas revelaram que as pessoas infelizes são as que costumam ser mais centradas nelas próprias e que, em termos sociais, com frequência são retraídas, ensimesmadas e até mesmo hostis. Já as pessoas felizes são em geral consideradas mais sociáveis, flexíveis, criativas e capazes de suportar as frustrações diárias com maior facilidade do que as infelizes.

O “mundo” em que vivemos condiciona a nossa felicidade, mas só nós próprios poderemos ser de veras felizes, ao longo da nossa vida realizamos determinadas escolhas que nos tornam mais ou menos felizes, por vezes, a nossa escolha é a destruição da felicidade, outras é o princípio da construção da felicidade.

No nosso dia a dia não pensamos na felicidade, mas sim em termos prazeres imediatos, sem sabermos as suas repercussões futuras e se nos trarão a verdadeira felicidade, vivemos num mundo com breves ápices de felicidade, tal como numa montanha russa, em que para alcançarmos um pouco de felicidade, o cume da montanha, demoramos bastante tempo a chegar lá e a mesma se desvanece em poucos momentos.

Ao alcançar determinado objectivo proposto ao longo da nossa vida, encontramos essa mesma felicidade, que descrevemos como um breve instante indescritível, mas o culminar desse objectivo só nós proporcionamos a verdadeira felicidade se procurarmos um novo objectivo, uma nova ilusão, um novo caminho para chegar ao cume.

A felicidade não está no fim da nossa caminhada, mas sim em cada sinuosidade do caminho que percorremos para a descobrir. Devemos viver sentindo-nos felizes porque se vivemos na tristeza esta acabará por destruir a nossa autêntica felicidade.

A felicidade não é algo que se encontra longe, mas pelo contrário, a mesma encontra-se bem perto, dentro de nós, só temos é de procurar bem.

Gui Duarte Meira  
Pestana

Coordenador e Docente do  
Curso de Motricidade Humana  
Instituto Piaget, ISEIT  
- Mirandela

gui\_pestana@portugalmail.pt

## Livros da editora Profedições, lda



### Arca de Gutenberg

Ensaio Breve

Serafim Ferreira

Profedições - pp. 140 - Preço: 12 euros

Os ensaios breves reunidos neste livro foram publicados entre 1993 e 2005 no jornal A Página da Educação, na secção intitulada O Espírito e a Letra, onde o autor mantém uma coluna de crítica literária sobre poetas e prosadores portugueses. Um livro com interesse não só para aqueles que pretendem conhecer melhor a vida e obra de alguns dos mais conhecidos autores portugueses, mas também um auxiliar útil para os professores de Língua Portuguesa.



### Afinal Onde está a Escola?

Organização: Regina Garcia; José Paulo Serralheiro

Profedições - pp. 220 - Preço: 12 euros

Este livro reúne doze contributos de professores-investigadores brasileiros que colaboram regularmente com o jornal a «PÁGINA da Educação». São professores integrantes do grupo de pesquisa GRUPALFA – pesquisa em alfabetização das classes populares, coordenado por Regina Leite Garcia da Universidade Federal Fluminense. Trata-se de um conjunto de textos de opinião que nos dão a conhecer o modo como professores do Brasil pensam os problemas educativos a partir do seu quotidiano e que espelham alguns dos interesses actuais no campo da investigação em educação.



### Dar Rosto ao Futuro

A Educação como Compromisso Ético

Isabel Baptista

Profedições - pp. 156 - Preço: 14 euros

A ética profissional constitui hoje, e em particular no actual contexto sociopolítico, uma das principais questões em análise quando se aborda a profissão docente e as finalidades da educação. Um tema de reflexão que Isabel Baptista, docente da Universidade Católica Portuguesa, encara como uma “tarefa permanente e de constante labor criativo”. Para a autora, a ética profissional docente é um trabalho continuado a desenvolver entre pares em contexto de trabalho.



### Museus, Património e identidade

Ritualidade, educação, conservação, pesquisa, exposição

Fernando Magalhães

Profedições - pp. 89 - Preço: 12 euros

Museus, Património e Identidade é um livro que pretende contribuir para uma compreensão abrangente destes três conceitos e para a relação que mantêm entre si. Ao longo da obra, o autor, investigador na área do património e da identidade, coloca as questões fundamentais da antropologia contemporânea na análise dos factos culturais, em tensão entre tradição e modernidade, e articula a teoria e a prática das questões ligadas ao património e à identidade.



### A Escola é o Melhor do Povo

Relatório de revisão institucional do projecto das escolas rurais

Manuel Jacinto Sarmento; Joaquim Marques de Oliveira

Profedições - pp. 147 - Preço: 12 euros

A Escola é o Melhor do Povo – título retirado da expressão utilizada por um velho camponês no decurso do trabalho aqui apresentado – é, no essencial, uma visão panorâmica da escola rural contemporânea portuguesa vista através do Projecto das Escolas Rurais, promovido pelo Instituto das Comunidades Educativas. Um retrato de uma escola em extinção, que, apesar de tudo, continua a manter-se como o centro institucional de muitas comunidades locais espalhadas pelo país fora.



### Reconfigurações

Educação, Estado e Cultura. Numa época de globalização

pp. 190 - Preço: 12 euros

Este livro, organizado por Ant3nio Magalhães e Stephen R. Stoer, em que participaram também outros autores, é o resultado de um projecto que visava pensar como as mudanças em curso no campo da produção, no consumo, nas formas de organização social, nas formas de expressão das diferenças, nomeadamente no contexto da europeização em curso, etc. se imbricavam e se repercutiam na educação...

### Compra directa na nossa editora:

Os preços indicados são preços de capa nas livrarias. Os particulares que encomendem livros directamente à nossa editora têm, em 2006, 20 por cento de desconto.

Os livros são enviados à cobrança, salvo nos casos em que com a encomenda nos seja enviado cheque ou vale de correio.

Os custos da cobrança e os portes de correio são da nossa responsabilidade.

### Encomendas:

Cheque: em nome de Profedições, lda

Rua D. Manuel II, 51 C – 2.º andar, sala 2.5 - 4050-345 PORTO - Tel. 226002790 - Fax 226070531

livros@profedicoes.pt



IE / FN

## “Organização e distribuição do serviço docente nas escolas”

Filinto Lima  
Doutorando em Ciências da  
Educação, Oliveira do Douro

Um grupo de trabalho constituído por representantes das Direcções Regionais de Educação, da Inspeção-geral de Educação, das Organizações Sindicais subscritoras do acordo assinado em 16 de Novembro de 2005 (ante-véspera da greve dos docentes) entre o Ministério da Educação (ME) e três organizações sindicais, e dos dois Gabinetes dos Secretários de Estado da Educação, apresentou há dias o relatório preliminar “encomendado” pelo ME sobre “Organização e distribuição do serviço docente nas escolas”. Na prática, este heterogéneo grupo de trabalho acolheu os despachos nº 16.795/2005, de 3 de Agosto, e 17387/2005, de 12 de Agosto e, no terreno, verificou e registou os procedimentos adoptados pelos agrupamentos/escolas nas diversas vertentes da mudança, fazendo a respectiva análise.

Trata-se de um importante instrumento de trabalho que todas as escolas devem analisar e discutir, que para além de “privilegiar... os procedimentos adoptados pelos agrupamentos/escolas para ocupação dos tempos escolares...”, apresenta igualmente “um elenco dos aspectos positivos da ocupação dos tempos escolares dos alunos e dos constrangimentos que os agrupamentos/escolas sentiram na sua implementação.”

Tendo como pano de fundo a “promoção de uma escola a tempo inteiro”, requerendo-se para tal “a criação de novos enquadramentos educativos – curriculares e não curriculares – particularmente estimulantes para conseguir elevar o nível de proficiência de todas as nossas crianças e jovens”, o grupo de trabalho elenca três aspectos positivos (alargamento do horário das escolas do 1º ciclo, a implementação da ocupação dos tempos escola-

res e a generalização do ensino do Inglês nos 3º e 4º anos do 1º ciclo do Ensino Básico) apontando em contrapartida onze “constrangimentos”, dos quais destaco dois: “a ausência ou inadequação de espaços tem sido um obstáculo à organização de actividades diversificadas” e “a implementação destas medidas coincidiu com o período de férias da generalidade dos principais actores – os docentes – que não tiveram a possibilidade de participar activamente no processo.”

Julgo que estes dois pontos são o “calcanhar de Aquiles” de uma mudança na “escola pública a tempo inteiro”. Por um lado, bem sabemos que muitas escolas não possuem estruturas físicas (nem recursos humanos) para acolher as exigências de uma “escola a tempo inteiro”, embora algumas já as possuam. Por outro lado, os actores educativos não puderam participar e colaborar na elaboração/implementação destas medidas, sendo certo que são os actores principais, devendo saber que papel lhes foi atribuído antes de irem para casa. Aos “constrangimentos” apontados por este grupo de trabalho, acrescentaria um principal que esteve na base de alguns falhanços das políticas educativas dos anteriores governos: a falta de autonomia das escolas.

Estou convicto que todas estas alterações que desde o início do ano lectivo foram implementadas no sistema educativo nacional, teriam mais “aspectos positivos” e menos “constrangimentos” caso a autonomia (inexistente) das escolas fosse uma realidade legislada, implementada, efectiva e praticada nos estabelecimentos de ensino nacionais, sedentos de colocar em prática muitas das suas ideias e projectos que, não raras vezes, são

coarctados por um centralismo atroz e exacerbado de um gigante (ME) poderoso, controlador e impositor. A autonomia (efectiva) dos estabelecimentos de ensino é um passo que terá de ser dado com a mesma coragem e determinação como foi a aplicação desta nova política educativa. Os agrupamentos/escolas devem ser dotados de verdadeira e ampla autonomia, de forma a que a navegação no barco da educação que cada agrupamento/escola faz, seja decidida em conjunto pelos próprios tripulantes e nunca por quem, no porto (leia-se “5 de Outubro”), só sabe da existência de novidades da embarcação quando a comunicação social resolve falar (normalmente mal e por mal) dele ou de algum dos seus tripulantes.

As escolas não querem adoptar um perfil baixo e navegar “à vista”, para evitar problemas. Os nossos estabelecimentos de ensino anseiam por uma autonomia, acompanhada da respectiva responsabilidade e, conseqüentemente, de uma gestão profissionalizada e democrática, onde o professor/gestor é a figura de topo de uma grande “embarcação” assumindo-se como profissional de uma profissão específica (gestor escolar), com estatuto próprio, “possuindo os meios intelectuais e afectivos, competências de análise e saberes de acção”, conforme escreveu Pelletier (1996).

Julgo que, com este Governo Constitucional, a opção dos nossos governantes, passará, necessariamente, pelo que acima referi, sob pena de reformando as práticas diárias das/nas nossas escolas, ignorando a autonomia (efectiva) e a gestão (profissionalizada) das mesmas, o nosso sistema educativo continuar a regredir, jamais atingindo as performances dos nossos parceiros europeus.

## Portugal não é uma democracia

Paulo Marques  
Professor, Barreiro

### Não há democracia sem justiça

Um país onde pensar em justiça é pensar em burocracia, lentidão, ineficácia, descrédito, na brandura de certas penas (como as que se referem a rapto, violação e homicídio por exemplo) e na subjectividade e discriminação com que são aplicadas ou na dificuldade do acesso de muitos, por norma os mais pobres e com menos estudos, nos gastos dos que a ela têm de recorrer, nos direitos, liberdades e garantias que apenas existem transcritos no papel... não é propriamente um país que possamos considerar como um «Estado de Direito».

### Não há democracia sem igualdade

Um país onde apenas um exíguo número de mulheres tem acesso a lugares cimeiros de decisão

política, económica, social, religiosa... Onde os homossexuais são tratados como cidadãos de segunda, não usufruindo de plenos direitos como o casamento civil e o direito de adopção. Onde as minorias étnicas são alvo de preconceitos, discriminação e racismo com um modelo de imigração que fomenta a sua exclusão, diminuindo-lhes direitos jurídicos e de cidadania... não é um país onde se viva em igualdade.

### Não há democracia sem liberdade

Um país onde as mulheres não são donas do seu próprio corpo, que criminaliza as que recorrem ao aborto, remetendo-o à hipocrisia da clandestinidade. Onde os cidadãos são livres de usarem deter-

minadas drogas (que o Estado considera «leves» e das quais retira altos lucros) mas não outras (que o Estado considera «pesadas»). Onde todo o espaço de participação democrática se identifica com o poder político e mediático, reduzido e esgotado nos políticos, nas organizações partidárias e nos media e onde os cidadãos pouco (ou quase nenhum) poder público e espaço de participação possuem, a palavra liberdade assume contornos de retórica de discurso.

Sem justiça, igualdade e liberdade não há democracia! Uma democracia não pode cingir-se a uma democracia política. É preciso também que seja uma democracia económica, cultural e social.



IE / FN

## A era pós-genómica da Biologia (2ª parte)

# A saga do genoma

Retomo o tema da sequenciação do genoma humano usando como deixa duas pequenas notícias das revistas *Nature* e *Science* de Maio de 2005, uma das quais começava com a seguinte frase: “É oficial: as guerras do genoma acabaram”. Referiam-se à decisão da empresa *Celera Genomics* de encerrar o seu serviço pago de acesso aos dados de sequenciação de genomas. Estes foram oferecidos a uma instituição estatal norte americana, o *US National Center for Biotechnology Information*, que já disponibilizava em regime de livre acesso os dados obtidos pelo consórcio público internacional do Projecto do Genoma Humano (em [www.ncbi.nlm.nih.gov](http://www.ncbi.nlm.nih.gov)). Acrescentava a *Science* que, de bordo do seu navio “*Sorcerer II*”, em missão científica ao largo da Austrália, o fundador e ex-presidente da *Celera*, Craig Venter, agora (obviamente) envolvido em novas aventuras, declarou por email o seu apoio à decisão da actual administração. Se esta história não parece o argumento para um filme de Hollywood, pouco falta. E é apenas a ponta do iceberg da saga que envolveu o projecto de sequenciação do genoma humano.

O Projecto do Genoma Humano foi construído como um projecto científico de grande envergadura, envolvendo, ao contrário do que é comum pensar-se, muito mais do que laboratórios de biologia molecular unidos no objectivo único de obter uma listagem ordenada das bases A, T, C, G do DNA humano. Na verdade, este projecto cobre áreas científicas que vão desde a engenharia e informática às ciências sociais e jurídicas, uma vez que se compreendeu que o armazenamento de 3,2 mil milhões de letras teria pouca ou nenhuma utilidade se não fossem desenvolvidas ferramentas para dissecar a informação aí contida, e seria contraproducente se não envolvesse uma reflexão sobre as implicações filosóficas, éticas e legais levantadas pelos resultados obtidos. Como que para justificar esta epopeia, insinuou-se a ideia de que o conhecimento da sequência do genoma revelará o segredo do que é ser humano e de que a postura maioritária no meio científico é a de que os genes explicam tudo. Na verdade, não conheço um único especialista em biologia molecular que subscreva esta ideia. Trata-se antes de uma visão distorcida que emergiu como um sumário dos argumentos simplificados que os cientistas utilizam para convencer uma plateia de decisores e financiadores sem formação científica da importância de investir tantos recursos na investigação.

As expectativas reais sobre as consequências do conhecimento detalhado do genoma humano incidiram desde sempre sobre dois aspectos fundamentais, em relação aos quais os benefícios são já evidentes. Os frutos do Projecto do Genoma têm um efeito propulsor fabuloso na investigação sobre o funcionamento das células e organismos, permitindo a substituição de processos laboratoriais dispendiosos e extremamente morosos por minutos de consulta informática de uma base de dados e introduzindo alterações

significativas na prática científica diária. Ainda assim, o impacto mais referido do conhecimento do genoma é ao nível da identificação de genes associados a doenças humanas complexas e a aplicação deste conhecimento no desenvolvimento de métodos de diagnóstico inovadores e de novas terapias. Nenhum destes aspectos escapou aos olhos do investimento privado. Neste contexto, a história de Craig Venter é uma verdadeira epopeia com contornos de *Jeckyl e Hide*. Inicialmente associado ao consórcio público,

responsável pela aplicação de metodologias inovadoras na sequenciação de genomas de microorganismos, uma espécie de treino para os desafios que se seguiriam, um desentendimento sobre a abordagem a seguir na sequenciação do genoma humano foi o pontapé de saída que levou Venter a constituir uma empresa de sequenciação para competir com o Projecto do Genoma Humano, esperando lucrar com a venda de informação genética. Esta informação, por sua vez, tem vindo a ser alvo de patentes duvidosas por parte de empresas farmacêuticas e de biotecnologia. É o caso, por exemplo, da sequência de uma variante de um gene humano associado a predisposição para o cancro da mama. Sem ser alvo de contestação legal, geralmente associada a elevados custos, estas patentes podem, como no caso referido, limitar aplicações de diagnóstico importantes e pouco dispendiosas ao pagamento de direitos comerciais. A jogada de Venter desencadeou uma corrida ao genoma que terminou num empate técnico, mas talvez numa vitória pessoal: Venter não só provou a validade da abordagem que propunha, como enriqueceu e ainda passou a conhecer a sequência do seu próprio genoma (sim, porque foi o seu um dos 5 genomas sequenciado pela *Celera*). Mas o sucesso do consórcio público, que disponibiliza gratuitamente desde a primeira hora toda a informação obtida, levou a que os lucros da *Celera* não fossem os esperados, resultando na reconversão da empresa que, numa pirueta de boas intenções, decidiu tornar público mais um pouco do património genético da humanidade.

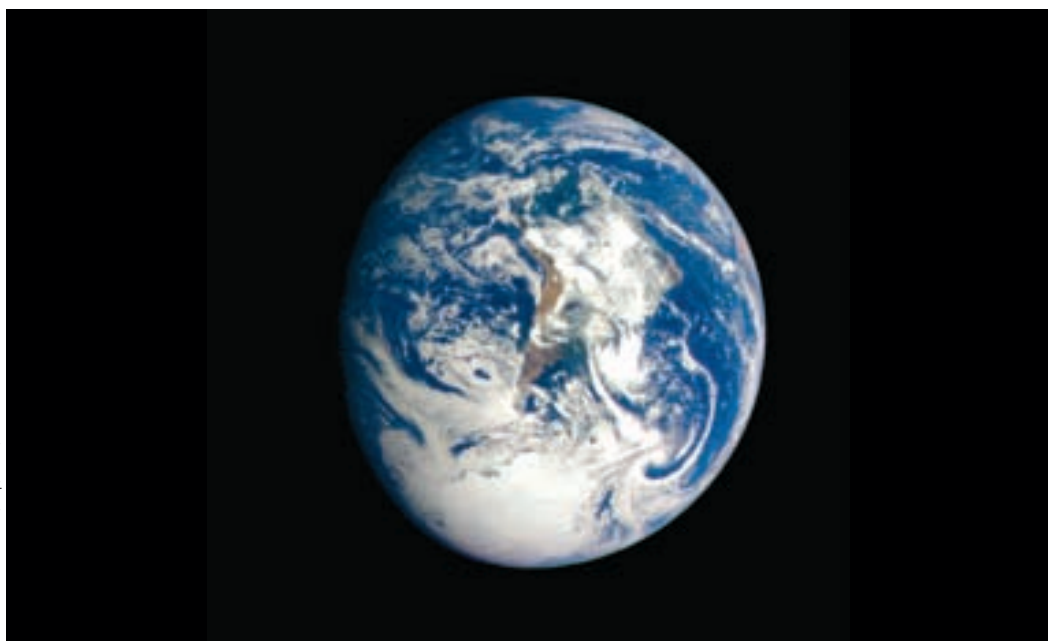
### DA CIÊNCIA e da vida

Margarida Gama Carvalho  
Instituto de Medicina Molecular e Faculdade de Medicina de Lisboa

## Terra

Da perspectiva na Terra, o nosso planeta parece ser grande e robusto, com um oceano interminável de ar. Do espaço, os astronautas muitas vezes têm a impressão de que a Terra é pequena, e tem uma fina e frágil camada de atmosfera. Para um viajante do espaço, as características que distinguem a Terra são as águas azuis, as massas de terra verdes e castanhas, e o conjunto de nuvens brancas contra um fundo negro.

Muitos sonham em viajar pelo espaço e ver as maravilhas do universo. Na realidade, todos nós somos viajantes espaciais. A nossa nave é o planeta Terra, viajando a uma velocidade de 108.000 quilómetros por hora.



[www.solarviews.com/cap/earth/earthx.htm](http://www.solarviews.com/cap/earth/earthx.htm)

### FOTO ciência com legenda



## Chveik relata o que viu no asilo de doidos

### RECORTES

José Paulo Serralheiro

Mais tarde, sempre que Chveik relatava a vida que se leva no asilo de alienados, fazia-o em termos muito elogiosos.

«De verdade, nunca compreenderei a razão por que os doidos se zangam de estar tão bem instalados. É uma casa onde se pode passear todo nu, uivar como um chacal, ser furioso à vontade e morder até fartar e em tudo que se quiser. Se alguém se atrevesse a conduzir-se assim na rua, as pessoas ficariam malucas, mas, ali nada de mais natural.

Há lá dentro uma tal liberdade que os socialistas nunca ousariam sonhar nada de mais belo. Um individuo pode-se fazer passar pelo bom Deus, pela Santa Virgem, pelo papa ou pelo rei de Inglaterra, ou até por um imperador qualquer, ou ainda por São Venceslau. Apesar de tudo, o tipo que fingia de São Venceslau andava continuamente nu e esperneava na cela dos furiosos. Havia lá também um tipo que bradava ininterruptamente que era arcebispo, mas este não fazia mais nada do que comer e, com o vosso devido respeito, alguma coisa mais, vocês já calculam o que é, e tudo isso sem se envergonhar.

Havia ainda um que se fazia passar simultaneamente por São Cirilo e São Méthode, para ter direito a duas

rações a cada refeição. Outro cavalheiro pretendia estar no seu estado interessante e convidava toda a gente para assistir ao baptizado. Entre as pessoas enclausuradas contavam-se muitos jogadores de xadrez, políticos, pescadores à linha e scouts, filatelistas, fotógrafos, pintores e professores.

Um outro cliente foi lá parar por causa de uns velhos recipientes que ele teimava em chamar urnas funerárias. Havia também um tipo que nunca largava a camisa de forças que lhe vestiam com o objectivo de o impedir de calcular o fim do mundo. Por outro lado, encontrei lá vários professores. Um seguia-me para toda a parte e explicava-me que o berço dos gitanos fica nos Montes dos Gigantes; o outro empregava todos os seus esforços para me persuadir de que no interior do globo terrestre havia ainda um outro, um pouco mais pequeno do que aquele que lhe servia de invólucro. Toda a gente tinha a liberdade de dizer aquilo que muito bem queria, tudo que lhe passasse pela cabeça. Parecia que se estava no Parlamento. Narravam, muitas vezes, contos de fadas, e acabavam por se engalfinhar quando uma princesa dava uma cabeçada.

O doido mais perigoso que encontrei era um tipo que se fazia passar pelo volume XVI do Dicionário

Otto. Implorava aos amigos que o abrissem e procurassem o que dizia o dicionário na palavra «operária de cartonagens»; se não lhe fizessem esse favor, ficava perdido. Só a camisa de forças era capaz de lhe dar alguma alegria. Nessa altura sentia-se feliz e dizia que já não era cedo para entrar no prelo, e exigia uma encadernação moderna.

Resumindo em poucas palavras: vivia-se lá como no Paraíso. Podia-se fazer algazarra, uivar, cantar, chorar, balir, mugir, saltar, orar ao bom Deus, cabriolar, andar de gatas, andar ao pé-coxinho, girar como um pião, dançar, galopar, permanecer acorocado todo o dia ou trepar às paredes. Ninguém aparecia para vos incomodar ou dizer: 'Não faça isso que parece mal; não tem vergonha, e quer passar por um homem educado?'

É verdade que existiam lá dentro também alguns doidos silenciosos. Era o caso de um inventor muito sapiente que tinha sempre o dedo metido no nariz e exclamava uma vez por dia: 'Acabo de inventar a electricidade!' É como lhes digo: está-se ali muito bem, e os poucos dias que passei no asilo de doidos foram os mais belos da minha vida.»

(JAROSLAV HASEK; O valente soldado Chveik)

**Jornal a Página da educação: sempre consigo na 1.ª segunda-feira de cada mês**

**PROMOÇÃO: Em 2006, durante o 15.º aniversário, baixamos os preços do jornal · Assinar a Página conhecer a educação**

Assinatura · Portugal 1 ano 20€/15€\* · 2 anos 30€/25€\* · Estrangeiro 1ano: 25€ · 2 anos 35€ · Cada número 2€

\*Preço especial para estudantes, escolas, bibliotecas e sócios dos sindicatos da FENPROF.

Os estudantes enviam com o pagamento fotocópia do cartão de estudante. Os associados indicam o número de sócio e a sigla do seu sindicato. Os sócios do spn têm a assinatura paga pelo seu sindicato. As escolas, bibliotecas e outras colectividades, públicas ou privadas, beneficiam do desconto pela sua natureza de instituição.

Colabore, faça novos assinantes: tel 226002790 fax 226070531 correio electrónico: assinaturas@apagina.pt